

PONTUAÇÃO E SINTAXE EM IMPRESSOS PORTUGUESES RENASCENTISTAS

por

MARIA CARLOTA AMARAL PAIXÃO ROSA
Departamento de Linguística e Filologia

VOLUME I

Tese de Doutorado em Linguística
apresentada à Coordenação dos Cursos
de Pós-Graduação em Letras da Univer-
sidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientador: Professor Doutor Anthony J.
Naro

Co-Orientador: Professor Doutor Maria
Cecília Magalhães Molica.

Rio de Janeiro, 1º semestre de 1994

DEFESA DE TESE

ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão. 1994.
Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. 2 vol. mimeo. Tese de Doutorado em Linguística.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Doutor Anthony Julius Naro (UFRJ)

Co-Orientador: Professor Doutor Maria Cecília Molica (UFRJ)

Professor Doutor Sebastião Votre (UFRJ)

Professor Doutor Ataliba Teixeira de Castilho (USP)

Professor Doutor Giselle Machline Oliveira (UFRRJ)

Professor Doutor Miriam Lemle (UFRJ)

Professor Doutor Maria Luiza Braga (UFF)

Defendida a Tese:

Conceito:

Em: / /1994

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar meus agradecimentos a algumas pessoas e Instituições que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao Professor Anthony Naro a orientação, o incentivo, a disponibilidade, a cordialidade e o bom-humor durante a elaboração deste trabalho. À Prof. Maria Cecília Mollica, o ter aceitado a responsabilidade da co-orientação e a dedicação que colocou nessa tarefa. Ao Prof. Ivo Castro, não só o papel de orientador em Portugal junto à Fundação Calouste Gulbenkian, como a introdução na pesquisa sobre o Livro Antigo. À Fundação Calouste Gulbenkian e ao CNPq, a ajuda financeira, materializada, respectivamente, em Bolsa de Investigação de 17 meses e em Bolsa de Doutorado de 12 meses, ambas para estudos em Lisboa. Ao meu Departamento na UFRJ sou grata pela dispensa por ambos os períodos; ao Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, pelas condições de trabalho que lá me foram criadas.

Beneficiei-me também do contacto com pesquisadores de diferentes áreas, de quem recebi sugestões sobre partes deste trabalho. Gostaria de agradecer, particularmente, aos Prof^{es}. Ivone Isidoro Pinto (Pesquisadora do Programa de Estudos do Uso da Língua - PEUL), Michael Dillinger (UFMG), Sebastião Votre (UFRJ) e à Dra. Isabel Cepeda (Biblioteca Nacional de Lisboa), pelo muito que me ajudaram ao longo das diferentes versões que este trabalho teve; ao Prof. Alan Baxter (La Trobe University)

sou grata pela versão do VARBRUL utilizável em microcomputador sem co-processador e pela bibliografia sobre observação e análise de dados que me cedeu. Os Prof^{es}. Miguel B. do Rosário (UFRJ) e Carlos Tannus (UFRJ) também estiveram sempre disponíveis, neste caso, para minhas dúvidas acerca da língua latina. A todos, muito obrigada.

Expresso ainda agradecimentos a amigos e colegas que me prestaram as mais variadas ajudas: aos Prof^{es}. Yonne Leite, Miriam Lemle, E. Cafezeiro, João Moraes, Humberto Menezes, Letícia Couto e Laís Vilanova; à Secretária da Pós-Graduação Sandra Santos Villaga; às bolsistas Eliane Matos Padrão e Samara de Vasconcelos Soares.

Por razões que ultrapassam de muito as questões acadêmicas, agradecimentos especiais para a Prof. Maria Helena Mateus e para a Dra. Maria Celeste Matias Rodrigues, da Universidade de Lisboa.

Por fim, agradeço as informações e o acolhimento dos Dr^{as}. Manuela Domingos, da Biblioteca Nacional de Lisboa, Francisco D'Orey Manoel, do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, e Julián Martín Abad, da Sección de Incunables y Siglo XVI da Biblioteca Nacional de Madrid.

Gostaria de recordar aqui o saudoso Prof. Celso Cunha, registrando o incentivo e o apoio que dele recebi para ingressar no Doutorado, bem como a orientação durante a fase inicial de desenvolvimento desta tese.

A minha família
(aqui, em Brasília e em Coimbra)

SINOPSE

Coma e cólon, sinais de pontuação prescritos pelas gramáticas do latim tardio como indicadores de maior ou menor grau de coesão textual, foram reinterpretados nos impressos em vernáculo, dando início a uma pontuação que distinguia orações.

SUMÁRIO

VOLUME I

Abreviaturas Utilizadas: Bibliotecas e Arquivos

Abreviaturas Utilizadas: Obra Valentiniana

Notas Sobre a Edição do *Corpus*

Índice de Quadros

Índice de Tabelas

0.

INTRODUÇÃO

- 0.1. Objetivos e Pressupostos
- 0.2. O Objeto de Estudo
- 0.3. O Enfoque
- 0.4. A Organização do Trabalho

1.

LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA ORAL

- 1.0. Introdução
- 1.1. Pontuação e Oralidade
- 1.2. Sistemas de Pontuação e Fixação de Suas Propriedades Específicas
- 1.3. Pontuação e Sintaxe
- 1.4. Pontuação e Informação a Ser Transmitida
- 1.5. Pontuação e Texto
- 1.6. Sumário

2.

INTERPRETANDO GRAMÁTICAS DE ENTÃO

- 2.0. Introdução
- 2.1. Período, Cólon e Coma na Retórica Clássica
- 2.2. Período, Cólon e Coma nos Séculos XV- XVI
- 2.3. Coesão, Texto e Pontuação
- 2.4. Sumário

3.

ACERCA DO *CORPUS*

- 3.0. Introdução
- 3.1. O *Corpus*
- 3.2. A Justificação do *Corpus*
 - 3.2.1 A Seleção de Impremos
 - 3.2.2 A Seleção de uma Única Casa Impressora
 - 3.2.3. A Seleção do Impressor
 - 3.2.4. A Seleção de Traduções
- 3.3. A Dimensão Temporal do *Corpus*
- 3.4. Sumário

4.

DOS GRAMÁTICOS AO IMPRESSOR

- 4.0. Introdução
- 4.1. ~~Prescrições~~ Gramaticais e Soluções Tipográficas
 - 4.1.1. Do Latim ao Português
 - 4.1.2. O Papel da Imprensa
- 4.2. A Investigação das Hipóteses
- 4.3. Sumário

5.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

- 5.0. Introdução
- 5.1. A Metodologia
- 5.2. Procedimentos para a Quantificação: a Variável Dependente
- 5.3. Procedimentos para a Quantificação: as Variáveis Independentes
 - 5.3.1. Método de Coeficiente Oracional
 - 5.3.2. Conjunção
 - 5.3.3. Oração Completa ou Retomada de Oração Suspensa
 - 5.3.4. Classificação da Subordinada
 - 5.3.5. Verbo da Oração
 - 5.3.6. Nível de Subordinação
 - 5.3.7. Posição da Subordinada em Relação à Principal
 - 5.3.8. Data da Impressão
 - 5.3.9. Características do Processo de Transmissão
- 5.4. Sumário

6.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

6.0. Introdução

6.1. Pontuação vs. Ausência de Pontuação

6.1.1. O Emprego de Coma no Total de Obras Estudadas

6.1.2. O Emprego de Coma na *PE*, na *VC* e no *Cath*

6.1.3. O Emprego de Cólon no Total de Obras Estudadas

6.1.4. O Emprego de Cólon na *PE*, na *VC* e no *Cath*

6.1.5. O Emprego de Cólon no *MP*, na *CG* e nas *OrdVP*

6.1.6. Recapitulando o Emprego de Pontuação

6.1.7. Os Ambientes de ¶

6.1.8. Recapitulando os Ambientes de ¶

6.2. Coma vs. Cólon

6.3. Coma, Cólon e ¶

6.8. Pontuação e ¶: uma Comparação no Tempo

6.9. Interpretando os Resultados

6.9.1. Pontuação vs. Ausência de Pontuação

6.9.2. Coma vs. Cólon

6.10. Sumário

7.

DOCTRINA GRAMATICAL E SOLUÇÃO TIPOGRÁFICA

7.1. Do Sentido Completo à Delimitação da Oração

7.2. Da Construção Retórica à Delimitação da Oração

7.2. A Definição do Ambiente de Coma nos Textos em Vernáculo

7.4. Comentários Finais

BIBLIOGRAFIA

VOLUME II

APÊNDICES

APÊNDICE A: O IMPRESSOR E A OBRA

ILUSTRAÇÕES

APÊNDICE B: A TRANSMISSÃO DOS TEXTOS

APÊNDICE C: O *CORPUS*

APÊNDICE D: OS CONTEXTOS

APÊNDICE E: PRIMEIROS TEXTOS SOBRE A PONTUAÇÃO DO PORTUGUÊS

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS: ABREVIATURAS UTILIZADAS:

- | | |
|-----------------|---|
| 1.AMCL | Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa |
| 2.ACL | Academia das Ciências de Lisboa |
| 3.AJUDA | Biblioteca do Palácio da Ajuda (Lisboa) |
| 4.ANTT | Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa) |
| 5.B.COL.HARVARD | Harvard College Library (Cambridge, Mass.) |
| 6.B.A.LINCEI | Accademia dei Lincei (Roma) |
| 7.B.E.AUGSBURGO | Stadtsbibliothek |
| 8.BL | British Library (Londres) |
| 9.B.MORGAN | Pierpont Morgan Library (N. York) |
| 10.BNL | Biblioteca Nacional de Lisboa |
| 11.BNM | Biblioteca Nacional de Madri |
| 12.BNP | Biblioteca Nacional de Paris |
| 13.BNRJ | Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro |
| 14.BODLEIAN | Bodleian Library (Oxford) |
| 15.BPÉVORA | Biblioteca Pública e Arquivo |

16.BUCOIMBRA	Distrital de Évora
17.BUGOETTINGEN	Biblioteca da Universidade de Coimbra
18.HSA	Biblioteca da Universidade de Goettingen
19.J. LYELL	Hispanic Society of America (N. York)
20.MISERICÓRDIA-Lx	J. P. R. Lyell Collection (Oxford)
21.ÉVORA MONTE	Arquivo da Santa Casa de Mi- sericórdia de Lisboa
22.FJN	Arquivo da Misericórdia de Évora Monte
23.HARVARD	F. J. Norton (col. particu- lar - Cambridge)
24.PORTO	Houghton Library of Harvard College (Cambridge, Mass)
25.SALAMANCA	Biblioteca Pública Municipal do Porto
26.VILA VIÇOSA	Biblioteca Universitária
27.VISEU	Museu Biblioteca da Casa de Bragança (Vila Viçosa)
	Bibl. Municipal de Viseu

ABREVIATURAS UTILIZADAS: OBRA VALENTINIANA

<i>AAplos</i>	<i>Os autos dos Apostolos</i>
<i>Cath</i>	<i>Cathecismo pequeno da doutrina & instruçam que os christãos ham de creer & obrar pera conseguir a bena-uenturança eterna</i>
<i>CG</i>	<i>O trallado da carta de huñ genoues das dittas terras</i>
<i>MP</i>	<i>O liuro de Marco paulo</i>
<i>NV</i>	<i>O liuro de Nicolao veneto</i>
<i>RP</i>	<i>Regimento proueytoso contra ha peste-nença</i>
<i>OrdVF</i>	<i>Os çinco liuros das ordenações de el-Rey D. Manuel</i>
<i>PE</i>	<i>Prohemial Epistola</i>
<i>VC</i>	<i>De Vita Christi</i>
<i>Vesp</i>	<i>Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de roma</i>

NOTAS SOBRE A EDIÇÃO DO *CORPUS*

Em virtude dos objetivos deste estudo, queríamos que a consulta ao *corpus*, apresentado em apêndice, fornecesse as especificidades ortográficas dos textos mesmo àquele leitor que não tivesse experiência com letras de fases antigas da língua. Isto levou-nos: (a) a não apresentar o *corpus* sob a forma de fotocópias das edições utilizadas, solução que seria, a princípio, menos trabalhosa; (b) também a não buscar fazer uma edição crítica desse material, uma vez que não objetivávamos chegar à "forma originaria del messagio trasmesso" (Roncaglia 1975: 72), mas à apresentação dos textos, resguardadas as particularidades que deveriam ser levadas em conta no desenvolvimento da pesquisa.

Restou-nos como solução apresentar os textos com os símbolos tipográficos atuais, permitindo, porém, ao leitor o controle acerca daquilo que estaria no impresso valentiniano. Limitamos as correções aos tipos que se apresentavam invertidos, que foram assinalados pela colocação do grafema entre os sinais < >. Por conveniência, o *caldeirão* (☼), foi representado na transcrição pelo símbolo da arroba (@).

Passamos, a seguir, a arrolar as convenções que adotamos.

CAPITALIZAÇÃO

As capitais decoradas estão sempre seguidas de maiúsculas nos textos impressos por Fernandes. Na transcrição, quando há

duas maiúsculas em seqüência, a primeira está por uma capital decorada; a segunda, por uma maiúscula.

Maiúsculas e minúsculas representam sempre maiúsculas e minúsculas, respectivamente, no original de Valentino de Morávia, não importando se estão em desacordo com o uso atual.

GRAFIA DAS PALAVRAS

Transcrevemos as grafias encontradas em Fernandes, não impondo regularização às diferentes grafias para um mesmo vocábulo.

Não mantivemos as duas diferentes realizações de <s> e de <r> minúsculos, em perfeita distribuição complementar, nos impressos utilizados. No caso do <s>, ele é *comprido* (ʃ) em início ou meio de palavra e *redondo* (s) em posição final. Para o <r>, há uma realização redonda (ʀ), depois de <p>, , <d>, <h> e <o>, e uma comprida (r), que se segue a qualquer outro grafema. Transcrevemos cada par, respectivamente, por <s> e por <r>.

ACENTUAÇÃO

Não há acentos no original valentiniano; portanto, também não aparecem na transcrição.

ABREVIATURAS

As abreviaturas presentes nos impressos foram desenvolvidas. Diferem do restante do texto por estarem em itálico. Listamos em seguida as abreviaturas mais freqüentemente encontradas:

IMPRESSO	TRANSCRIÇÃO	IMPRESSO	TRANSCRIÇÃO
ḗ	<i>pre</i>	ʒ	<i>ver</i>
p	<i>per</i>	ʔ	<i>com</i> (início de palavra)
p	<i>pri</i>	ʔ	<i>us, os</i> (final de palavra)
p	<i>pro, por</i>	~	<i>m, n</i>
ḡ	<i>que</i>	ds	<i>deus</i>
ḡ	<i>qua</i>	xḡo	<i>christo</i>
q	<i>qui</i>	apoʃtll'	<i>apostollo</i>
ʒ	<i>quam</i>	.[.	<i>scilicet</i>
jḡ	<i>jhesu</i>	ʃctō	<i>sancto</i>
jrʃln	<i>jerusalem</i>	ʃpu	<i>spiritu</i>
pll'o	<i>pello</i>	ʃ	<i>ser</i>
tḡo	<i>tempo</i>		

Representamos o sinal tironiano ʒ, equivalente à conjunção *e*, sempre como &. Em nenhuma passagem essa conjunção se apresenta por extenso como minúscula.

DELIMITAÇÃO DE VOCÁBULOS

A delimitação dos vocábulos se faz pelo uso atual. Não

inserimos apóstrofes (ex.: *daugoa*, não *d'augoa*) ou hífens (ex.: *Contar vos hey*, não *Contar-vos-hey*).

INDICAÇÃO DAS PÁGINAS

A mudança de página é indicada na transcrição pelo sinal //, seguido da indicação do número da página, ou de sua posição no fólio em tipos sobrescritos.

Quando não há sequer foliação no texto original, os fólhos são referidos, na transcrição, pela assinatura de caderno. Como, nesses casos, apenas o reto dos primeiros fólhos de cada caderno é assinalado — os quatro primeiros, no caso de um in-8^o., por exemplo — a ausência dessa indicação é aqui assinalada por parênteses. Exemplos:

fol.b ²	reto do segundo fólho do caderno b;
(fol.k ⁶)	sexto fólho do caderno k, não assinalado no original;
(fol.cv)	verso do primeiro fólho do caderno c, não assinalado no original.

ÍNDICE DE QUADROS

<i>Quadro 1:</i>	Sistema de três sinais difundido por Isidoro	55
<i>Quadro 2:</i>	Pontuação segundo Vaz e segundo Cavaleiro	64
<i>Quadro 3:</i>	Pontuação e graus de coesão	68
<i>Quadro 4:</i>	Constituição do <i>corpus</i>	79
<i>Quadro 5:</i>	Obras impressas por Valentim Fernandes	107-9
<i>Quadro 6:</i>	Elencos de sinais prescritos em gramáticas e elencos em uso nos textos em português da tipografia valentiniana	117
<i>Quadro 7:</i>	Variáveis independentes	148
<i>Quadro 8:</i>	Fronteiras oracionais e grau de coesão entre elas	150
<i>Quadro 9:</i>	Especificação dos fatores das variáveis independentes	170
<i>Quadro 10:</i>	Coma, cólon e Ø em todo o <i>corpus</i>	172
<i>Quadro 11:</i>	Coma, cólon e Ø em obras com cólon e coma	172

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 1:</i>	Distribuição de maiúsculas após cólon, coma, Ø e caldeirão	130
<i>Tabela 2:</i>	Distribuição de pontuação por texto	173
<i>Tabela 3:</i>	Uso de coma e características da transmissão do texto	176
<i>Tabela 4:</i>	Uso de coma e método de coesão	177
<i>Tabela 5:</i>	Uso de coma e subordinação	179
<i>Tabela 6:</i>	Coma e conjunção	182
<i>Tabela 7:</i>	Uso de coma e conjunção. Distribuição entre subordinadas e independentes	183
<i>Tabela 8.1:</i>	Coma: <i>PE</i> , <i>VC</i> , <i>Cath</i>	185
<i>Tabela 8.2:</i>	Coma: <i>PE</i> , <i>VC</i> , <i>Cath</i>	186
<i>Tabela 9:</i>	Uso de cólon e método de coesão	188
<i>Tabela 10:</i>	Cólon e conjunção	188
<i>Tabela 11:</i>	Uso de conjunção. Distribuição entre subordinadas e independentes	189
<i>Tabela 12:</i>	Cólon e subordinadas	190
<i>Tabela 13:</i>	Uso de cólon e subordinação	192
<i>Tabela 14:</i>	Uso de cólon e características da transmissão do texto	193
<i>Tabela 15:</i>	Uso de cólon e retomada da principal	194
<i>Tabela 16:</i>	Uso de cólon: <i>PE</i> , <i>VC</i> , <i>Cath</i>	195
<i>Tabela 17:</i>	Uso de cólon: <i>MP</i> , <i>CG</i> , <i>OrdVF</i>	197
<i>Tabela 18:</i>	Ausência de pontuação e método de coesão	199
<i>Tabela 19:</i>	Ausência de pontuação e conjunção	199
<i>Tabela 20:</i>	Ausência de pontuação e posição da subordinada	200

<i>Tabela 21:</i> Ausência de pontuação e classe da subordinada	201
<i>Tabela 22:</i> Coma vs. cólon: <i>PE, VC, Cath</i>	204
<i>Tabelas 23.1-8:</i> Pesos relativos de todos os grupos	205-10
<i>Tabelas 24.1-6:</i> Pontuação e passagem do tempo	212-6

Deixemos à parte as incongruências das impressões sem ponto, virgula, nem divisaõ a proposito para se ler em publico; mas ainda os mesmos livros em si andaõ já totalmente envelhecidos, pois os mais modernos, que se achão do **Vita Christi**, saõ huns Portuguezes de boa tradução, e letra, que se imprimiraõ no anno de 1495. que foy o ultimo delRey D. Joaõ II. e o primeiro de D. Manoel.

.....
e bem se deixa ver, que obra taõ authorizada não deixaria de ser a melhor, que entaõ se pudesse fazer, sem embargo do que parece hoje barbara, e he taõ difficil-tosa de verter em o corrente, que se daõ em o ler mil erros ridiculos [.....]

4. E não ha duvida que mayor mudança fez a lingua Portugueza nos primeiros vinte annos do reynado delRey D. Manoel, que em cento e sincoenta annos dahi para câ como o vemos pelos escritos, em verso, e prosa, de huns, e outros tempos.

(Fr. Manuel do Sepulcro. 1699. **Refeição Espiritual**. p.xxvii-xxxv.)

0. INTRODUÇÃO

Esta tese focaliza as relações sintáticas que foram assinaladas pela pontuação empregada em impressos da fase inicial do Renascimento em Portugal, compreendida entre o final do século XV e os primeiros anos do século XVI — por outras palavras, trabalha com os textos do período paleotípico português. Mais precisamente, os dados que reunimos abarcam dezoito anos, que vão de 1495 a 1513. Procuramos examinar a seguinte hipótese: os dois sinais de pontuação aqui estudados indicaram diferentes graus de coesão textual na gramática do latim tardio e tiveram seu valor alterado quando transferidos para o português. Temos por objetivo descrever os ambientes lingüísticos determinantes para o emprego de dois sinais — a *coma* e o *cólon*. Por conseguinte, este trabalho procura defender a proposta de que a pontuação dessa fase não teve o carácter aleatório que se lhe tem atribuído sistematicamente em estudos sobre a história da língua e em prólogos de edições críticas. Embora não formulado explicitamente, o argumento a sustentar essa atitude parece repousar na inexistência, então, de obras de cunho normativo para a língua portuguesa — as quais só começariam a surgir poucos anos depois do período aqui focalizado, ainda nos anos 30 do século XVI. Ao contrário: procuramos demonstrar que a pontuação dessa fase expressou, no plano sintático, uma análise da estruturação dos enunciados complexos que refletiu o plano retórico — uma vez que essa pontuação servia para demarcar seqüências no nível do texto.

0.1. Objetivos e Pressupostos

A pontuação será aqui focalizada como um meio para a representação de regularidades estabelecidas para uma gramática da língua escrita — no caso em estudo, da escrita de um período de transição —, regularidades essas que podem variar dentro de certos limites.

Estamos voltados para o que há de comum na pontuação em vigor entre as pessoas cultas de uma dada época — em outras palavras, em busca do que é regular — e dessa época tomamos um representante para estudo. Por essa razão, quando fazemos paralelo entre a pontuação da fase em estudo e o sistema atual, temos em mente, neste último caso, um escritor ideal, culto, que siga as normas estabelecidas nas gramáticas do português e que são ainda aquelas em vigor nas atividades editoriais do Brasil e de Portugal. Por isso, quando necessário um confronto com a pontuação atual, não contrapomos esse uso formal da escrita, regularizado por profissionais de uma casa impressora, ao uso vacilante e por vezes bastante pessoal de manuscritos contemporâneos. Tampouco contrapomos os impressos valentinianos a textos de escritores contemporâneos com domínio da escrita classificável apenas entre razoável e fraco, como é o caso de alunos de escolas elementares. Nossa atenção não estará voltada, em nenhum momento, para usos idiossincráticos de escritores principiantes ou com pouco domínio da escrita formal.

Para defendermos nossa hipótese, utilizamo-nos de metodologia e de um recorte nos dados não utilizados em trabalhos deste gênero. Formamos um *corpus* apenas com textos impressos e provenientes de uma única casa impressora, com o intuito de buscar as recorrências de pontuação em material mais regular no que toca à grafia. Submetemos esse material, codificado a partir de hipóteses formuladas no decorrer da pesquisa, a um conjunto de programas estatísticos para computador bem conhecido dos trabalhos de Sociolinguística, o VARBRUL. Com esse conjunto de programas tornou-se-nos possível não somente a descrição das ocorrências encontradas no *corpus*, mas ainda o estabelecimento de um conjunto de previsões acerca dos fatores que favoreceram o emprego dos sinais estudados.


Em termos práticos, com a pesquisa aqui relatada pretendemos contribuir para que melhor se compreenda a pontuação de textos antigos portugueses (e, conseqüentemente, para a melhor interpretação de textos antigos, utilizados como fontes de dados para a pesquisa em Linguística Histórica), mas também para a resolução de alguns dos muitos problemas que se apresentam ao editor desses textos, especialmente no que respeita ao debate entre as posições conservadora e modernizadora da ortografia (*cf. a esse respeito* Castro e Ramos 1986). Este é um tema constante entre aqueles que editam textos antigos: a defesa de uma leitura quase paleográfica, que admite pouco mais intervenções do editor que a separação de conglomerados

gráficos e o desenvolvimento de abreviaturas, ou a defesa de maior preocupação com a inteligibilidade do texto por um *leitor moderno*, atitude que conduz a um grau bem maior de intervenções no texto.

Afora os domínios da Lingüística Histórica e da Crítica Textual, os resultados que aqui apresentamos têm implicações em outras áreas do conhecimento, notadamente aquelas relacionadas a sistemas de escrita. Colocados em conjunto com os resultados obtidos em estudos sobre a pontuação de outras línguas e em outras épocas (como, para citar dois trabalhos relativamente recentes, Aronoff 1985 e Levinson 1985), os resultados desta pesquisa vêm juntar-se a propostas que rejeitam a inexistência de princípios na pontuação de textos antigos: a incompreensão do papel desempenhado por conjuntos de sinais neles presentes não pode ser equacionada, de forma simplificadora e cômoda para a resolução de problemas, com a postulação de uma carência de organização, vigente apenas nessa parte específica dos sistemas de escrita.

0.2. O Objeto de Estudo

Dos sinais presentes no *corpus*, estudamos aqui o *cólon* (que tem o desenho do atual *ponto*) e que, então, já se não distingue do *período*, e a *coma* (igual ao atual *dois-pontos*). São estes os sinais mais freqüentes nos textos em português, impressos nessa fase. Não estudamos neste trabalho o *caldeirão*

(de desenho semelhante a um C maiúsculo cortado na vertical, assim , a *interrogação*, os *parênteses*, nem os *colchetes*.

O *caldeirão* não é referido nas gramáticas latinas que consultamos. A *interrogação* e os *parênteses* são utilizados uma única vez no *corpus*. Quanto aos *colchetes*, são empregados na *Vita Christi* apenas como expediente, em conjunto com um corpo maior de letra, para assinalar os excertos bíblicos que serão comentados em seguida⁽¹⁾.

0.2.1. Os registros em que nos baseamos fazem parte da obra impressa por Valentim Fernandes ou Valentino de Morávia, impressor de origem germânica que trabalhou em Lisboa entre 1495 e 1518.

Valentim Fernandes foi um dos primeiros impressores a editar textos em português e o mais importante impressor do período paleotípico em Portugal. Seus trabalhos antecederam as primeiras descrições do português; a pontuação neles empregada foi regida, portanto, por princípios que não estavam ainda postulados explicitamente para o português.

0.2.2. Paralelamente, nessa fase específica do Renascimento intensificou-se o interesse pelas línguas vivas, que adquiriam *status* semelhante ao do latim, do grego e do hebraico, ao

¹ O mesmo procedimento se nota nos *Autos dos Apostolos*.

passarem a ser considerados *línguas* e não mais *linguagens*⁽²⁾. A partir do quadro teórico estruturado para o latim, preparava-se, nessa fase, o ambiente propício para que os vernáculos começassem a ser descritos em artes de gramática (Verdelho 1988), o que, no caso português, aconteceria menos de duas décadas após o último trabalho conhecido da oficina de Valentim Fernandes⁽³⁾.

Escrevia-se em *linguagem* português, não em *língua* portuguesa. Na concepção herdada da Antigüidade e da Idade Média acerca da natureza de uma *língua*, faltavam alguns elementos ao português no domínio do *discurso correto* (cf. Law. 1990) — como, de resto, aos demais vernáculos. Faltava-lhe a *auctoritas*, ou justificação de um uso lingüístico baseada no discurso dos grandes autores, detentores da autoridade: os grandes autores, representantes do ideal lingüístico, estavam

² Cabe lembrar que por *linguagem* o mundo antigo compreendeu uma "língua que se destinava apenas a ser falada" (Verdelho 1988: 81n). As *linguagens*, segundo o pensamento da época, não tinham sintaxe e, por conseguinte, não necessitavam de ser expostas em artes gramaticais (Padley 1986).

³ Data de C. 1443 a primeira gramática para o italiano, a *Regole della volgar lingua fiorentina*, escrita por Leon Battista Alberti; para o espanhol, a *Gramática de la lengua castellana*, escrita por Antonio de Nebrija, data de 1492. A primeira gramática do português surge em 1536: é a *Grammatica da lingua portuguesa*, de Fernão de Oliveira. Para o francês, data de 1544 a *Grammaticae quadrilinguis partitiones*, de Jean Drosée que, com uma parte dedicada ao francês, pode ser considerada anterior à obra de Louis Meigret, o *Treité de la gramme françoise*, de 1550. Para o inglês, a primeira gramática surge bem mais tarde, em 1586: *Aref Grammar for English*, de William Bullokar.

em latim, grego ou hebraico, as três *linguae sacrae*, e somente por uma concessão ao público leigo eram traduzidos em vulgar.

Faltava ao português também a *ratio*, a justificação intelectual, em acordo com as artes gramaticais, uma vez que, na concepção da época, os vernáculos não tinham sintaxe e, portanto, não necessitavam de estudo científico (cf. Padley 1986: 37)⁽⁴⁾.

Restaria ao português, em conformidade com a *natura*, i.e., com o que uma língua permite, a *consuetudo*, ou aquilo que é adotado e sancionado pelo uso da época. Mas, faltando-lhe as outras partes, faltava-lhe também esta. Por conseguinte, o uso culto da escrita em português, refletido nas obras impressas do período, teria de ser buscado em uma língua que tivesse um uso culto estabelecido. Esta foi o latim.

0.2.3. Trabalhamos apenas com impressos. No que tange à ortografia, os impressos têm maior regularidade do que os manuscritos, e, na medida em que nosso objetivo era pesquisar regularidades que regeram a pontuação dessa fase, tornou-se-nos mais adequada a utilização de material impresso.

A segunda razão que nos levou a trabalhar com impressos foi a importância que estes assumiam então. A imprensa de tipos

⁴ A noção de que as línguas vulgares não têm necessidade de estudo científico ainda é corrente quase dois séculos mais tarde, como se pode constatar em Bathe (1811) ou em Reboredo (1823).

metálicos móveis, recém-inventada, começava a tornar mais acessível o texto escrito, a normalizá-lo e a pôr à disposição novos recursos gráficos. A nova invenção começava a influenciar até mesmo os hábitos de leitura: nessa fase, a leitura silenciosa passava a firmar-se face à leitura em voz alta⁽⁵⁾.

0.3. O Enfoque

Enfatizamos que esta é uma pesquisa acerca da *língua escrita* e de uma parte dos parâmetros que originaram convenções gráficas estabelecidas a uma determinada altura do seu processo de elaboração. Não estaremos aqui voltados para questões referentes à oralidade, para questões acerca da representação de pausas ou elementos prosódicos pela pontuação, mas para a pontuação enquanto parte de uma gramática da língua escrita. Justificamos este recorte no objeto de estudo mais adiante, no *Capítulo 1*.

0.3.1. Neste trabalho, a atitude no tocante à pontuação é diferente daquela que, em geral, norteia os estudos sobre textos antigos que têm como finalidade a descrição de dada fase da língua (*como* Maia 1986); difere também de trabalhos que procuram fixar normas de transcrição (*como em* Consejo Superior de Investigaciones Científicas 1944, Castro *et alii* 1964-73,

⁵ A leitura silenciosa foi, durante a Idade Média, um exercício penoso, a ponto de ter sido incluído como parte da *ascese* monástica (Wolff 1971).

Costa 1977)); e ainda, dos comentários que antecedem edições de textos específicos.

A razão da diferença está em que, em geral, nesses trabalhos, a pontuação não é mais que um tópico ao qual uma atitude modernizadora se deveria impor, em virtude de esta ser encarada ou como uma particularidade inútil para o estabelecimento do texto⁽⁶⁾, ou como tendo uma função diversa da atual, embora sem que se compreenda exatamente em que sentido ambas divergiriam⁽⁷⁾. De qualquer modo, esses enfoques convergiram para a defesa da modernização da pontuação, sob o argumento de que, desse modo, tornava-se o texto acessível a um leitor

⁶ Consejo Superior de Investigaciones Científicas (1944: 24 § 81): "Se excluirán del aparato crítico: [...] b) La puntuación de los manuscritos, [...] y, en general, todas aquellas particularidades inútiles para el establecimiento del texto y de las que se dará cuenta en la introducción". E ainda (id.: § 25): "las mayúsculas e minúsculas se emplearen, independientemente del uso que haga de ellas el original, conforme a la ortografía moderna".

A esse respeito, é de notar o comentário de um paleógrafo (Nunes 1988: 8): "O respeito pelo original presidiu ainda, por motivos paleográficos e didáticos, a transcrição dos sinais de pontuação (não obstante me pareça que em edições de texto se impõe, de modo geral, a sua completa modernização)".

⁷ Costa (1977: 30): "A pontuação medieval, além de ter finalidade diferente da hoje corrente, era bastante arbitrária de escriba para escriba e até no mesmo, não sendo possível fazê-la corresponder à actual".

Maia (1988: 32) toma esta citação do Pe. Avelino Costa como abonação ao afirmar que: "Uma vez que a pontuação medieval tinha uma função diferente da actual, na transcrição dos documentos procurou pontuar-se de acordo com critérios hoje correntes, a fim de facilitar a sua leitura e compreensão por um leitor moderno". Na mesma linha de argumentação segue Cruz (1987: 138): "Não se respeitou a pontuação dos textos por "ser confusa e diferente da actual" (ênfases adicionadas).

moderno⁽⁸⁾. Não se tratava, portanto, de "traduzir" um sistema de sinais para outro, contemporâneo — se é que isto é possível. Ao contrário, desconsiderava-se algo cuja compreensão sequer se chegara a atingir. Tal atitude em relação à pontuação antiga começa, no entanto, a mudar.

0.3.2. No Brasil, o primeiro estudioso a discordar da atitude "modernizadora" perante a pontuação de textos antigos foi Celso Cunha: referindo-se especificamente à poesia trovadoresca, Cunha afirmava que "numa edição crítica não nos podemos reservar o direito de pontuar de acordo com nossos hábitos modernos" (1985: 82).

Com a revitalização dos estudos diacrônicos no Brasil nos últimos anos, criar-se-ia ambiente propício para que o interesse pela pontuação de textos antigos crescesse, a ponto de se ter organizado uma mesa-redonda sobre o tema no âmbito de um *workshop* sobre os estudos históricos no País num encontro anual da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN. São Paulo: USP. 1992).

0.3.3. Ainda no âmbito da língua portuguesa, mas em Portugal, a importância que o tópico vem assumindo está refletida, por

⁸ Consejo Superior de Investigaciones Científicas (1944: 9, § 28): "Para facilitar la lectura e inteligencia del texto se modificará la puntuación, o se pondrá de nuevo, acomodándola, parcamente, a las reglas modernas [...] si el sentido del texto lo exige, podran usarse los signos de interrogación y admiración." (Cf., ainda, a nota anterior.)

exemplo, em Azevedo Ferreira (1987: I,339 ss), que, ao editar o *Foro Real*, dedicava 21 páginas à pontuação do texto original, embora chamando a atenção para o fato de lhe ter introduzido algumas modificações "a fim de facilitar a compreensão e a interpretação" (Ferreira 1987: I,340).

0.3.4. Fora dos países de língua portuguesa, o interesse pelo valor da pontuação em textos antigos é também relativamente recente: começou a surgir em fins da década de 1970, em especial na França, com a organização de mesas-redondas internacionais (como em CNRS 1978), com artigos em publicações sobre o texto medieval (como Roudil 1978, Cerquilini *et alii*, org. 1978), ou mesmo com a elaboração de coletâneas somente dedicadas à pontuação (como, por exemplo, Catach, org. 1980b). Reconhecia-se, desse modo, que, se a tarefa do editor crítico é a busca de um texto autorizado, fiel o mais possível à *última vontade do autor*, "sforzandosi per quanto possibile di ricondurre il testo alla sua forma genuina ed originaria" (Roncaglia 1975: 81), a pontuação, da mesma maneira que outras particularidades lingüísticas, deveria receber estudo cuidadoso. Reconhecia-se também que a pontuação não se constituía num detalhe inútil dos textos antigos, mas num instrumento a mais para a compreensão da língua de dada fase. Nessa linha, e em geral fortemente marcados pelo modelo de análise estruturalista, surgem estudos comparativos da pon-

tuação de diversas edições da mesma obra e a procura da caracterização dos *hábitos* de pontuação de diversos impressores (*cf.* CNRS 1978 *para alguns exemplos*).

A perspectiva aqui utilizada é diferente daquelas que norteiam esses estudos, uma vez que nosso objetivo é apontar regularidades no emprego da pontuação e não comparar ocorrências nas diferentes edições de uma obra, com o intuito de elencar trechos em que o emprego da pontuação coincidiu ou deixou de coincidir. Restringimo-nos aqui a uma casa impressora e procuramos não só, pela observação das ocorrências atestadas no *corpus*, descrever os dados, mas ultrapassar esse nível e chegar à previsão das ocorrências. Mais: procuramos descobrir nos dados indícios do papel regularizador da imprensa sobre a pontuação nesse período de dezoito anos.

0.4. A Organização do Trabalho

Para relatar esta pesquisa, organizamos o presente trabalho do seguinte modo: para justificar o enfoque da pontuação, que não faz referência a traços da fala, tratamos, inicialmente, da relação entre língua escrita e língua oral (*Cap. 1*); revimos descrições gramaticais da época, ainda voltadas para o latim, com o intuito de juntar à nossa hipótese evidências fornecidas por autores desse período (*Cap. 2*); descrevemos o *corpus* e procuramos defender sua representatividade (*Cap. 3*); confrontamos as descrições latinas com a

prática tipográfica valentiniana, a fim de justificar as hipóteses que formuláramos (Cap. 4); detalhamos os procedimentos de análise dos dados (Cap. 5). Concluimos com a apresentação dos resultados da análise do *corpus* e sua interpretação (Cap. 6). Após os seis capítulos, apresentamos dados sobre Valentim Fernandes (Apêndice A), a íntegra dos textos que compõem o *corpus* (Apêndice C), acompanhados de um histórico da sua transmissão (Apêndice B) e de exemplificação de contextos de pontuação (Apêndice D). Por fim, reunimos excertos das obras que primeiro trataram da pontuação em português (Apêndice E).

1. LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA ORAL

Neste capítulo focalizamos a relação entre escrita e fala, para que se compreenda a fundamentação teórica do tratamento que damos aos dados nos capítulos subsequentes. Defendemos que a escrita, e, especificamente, a pontuação, pode ser focalizada em isolado, sem estar em contraponto com a fala — enfoque que quase invariavelmente tem transformado a pontuação numa representação apenas imperfeita de traços da *oralidade*⁽⁹⁾.

1.0. Introdução

Durante décadas, neste século XX, a lingüística considerou o estudo da língua escrita um tópico sem relevância:

For the linguist, writing is, except for certain matters of detail, merely an external device, like the use of the phonograph, which happens to preserve for our observation some features of the speech of past times.

['Para o lingüista, a escrita é, exceto por algumas questões de detalhe, meramente um dispositivo externo, como o uso do fonógrafo, que preserva para nossa observação alguns traços da fala de tempos passados. ']
(Bloomfield 1933:284)

Esta pouca importância devia-se à própria concepção de *escrita*: um sistema que reproduz imperfeitamente a fala de uma

⁹ Estamos restringindo o significado do termo ORALIDADE aos usos lingüísticos que não têm por base um texto escrito — caso da fala espontânea, mas não, por exemplo, dos telejornais.

comunidade⁽¹⁰⁾, esta sim o real objeto da lingüística. Raramente se reconhecia, como fez Camara Jr. (1957:10), por exemplo, que os séculos de prática de escrita nas chamadas *línguas de civilização* acabaram por favorecer o surgimento de um *medium* com suas próprias regras, autônomo em relação à comunicação oral. Ao contrário: insistia-se na inadequação que criaram:

The inadequacy of the actual [alphabetic writing] systems is due largely to the conservatism of the people who write. [....] When the art of writing becomes well established in a community, not only the spellings of words, but even lexical and grammatical forms become conventional for written records. In this way, a *literary dialect* may become established and obligatory for written records, regardless of the writer's actual dialect.

['A inadequação dos sistemas [de escrita alfabética] existentes é devida ao conservadorismo dos que escrevem. [....] Quando a arte da escrita se torna bem estabelecida numa comunidade, não apenas a grafia das palavras mas também as formas lexicais e gramaticais se tornam convencionais nos registros escritos. Desse modo, um *dialeto literário* pode estabelecer-se e tornar-se obrigatório para os registros escritos, não obstante o próprio dialeto do escritor. ']
(Bloomfield 1933:291-2 - *ênfase no original*)

Ainda hoje o estudo da escrita é, em geral, um estudo contrastivo com a fala e, muitas vezes, validado na medida em

¹⁰ Bloomfield (1933:293): "It is evident [....] that written records give us only an imperfect and often distorted picture of past speech [....]" (*ênfase adicionada*).

1. Língua Escrita e Língua Oral

que se pode demonstrar que os meios expressivos da fala podem (ou não) ser recuperados na escrita (*cf.* Biber 1986 *para breve resenha*), embora já se encontrem postulações na direção inversa: por exemplo, de que "a fala-padrão nada mais é do que a simulação da própria escrita" (Kato 1987: 23).

Que a relação entre escrita e fala não é a de simples registro de cadeias sonoras, comprovam-no, por exemplo, o conjunto, desagradável quando lido, que, em geral, resulta de textos orais transcritos, em razão das diferenças formais e funcionais entre ambas as modalidades (*cf.* Kato 1987), bem como a dificuldade de delimitação da *sentença ortográfica*⁽¹¹⁾ — erro comum nas redações de estudantes cujo domínio da escrita é apenas elementar (Hartnett 1986:

¹¹ Traduzimos por SENTENÇA ORTOGRÁFICA a expressão inglesa *text-sentence*, utilizada por Lyons (1977), que a distingue da "sentença enquanto unidade do sistema linguístico" (*system-sentence*). Para Lyons (1977: 31), "*system-sentences never occur as the products of ordinary language behaviour. Representations of system-sentences may of course be used in metalinguistic discussion of the structure and functions of language; and it is such representations that are customarily cited in grammatical descriptions of particular languages*".

144)¹², mas também vivenciada por aqueles que transcrevem material falado (como Longacre 1985: II, 282-3).

Ilustram mais dramaticamente a complexidade da relação entre escrita e fala as situações em que a escrita pressupõe a escolha de um outro código, formal e funcionalmente diferente daquele utilizado pela comunidade em situações do dia-a-dia, como é, por exemplo, o caso do árabe clássico face às variedades coloquiais de cada região¹³, ou do crioulo cabo-verdeano face ao português.

Passando ao domínio da pontuação, é comum que se minimizem suas propriedades específicas e que se continue a enfatizar sua imperfeição face a recursos da língua oral (por exemplo, Rubin 1980, Cunha & Cintra 1985, Mollica [1986]).

¹² Apresentamos a seguir alguns exemplos, extraídos de duas redações de alunos de oitava série e de uma redação de aluno de sexta série, todos matriculados numa escola municipal carioca:

(1) "Minhas férias foi muito boa, eu viajei e paciei bastante. [...] Eu e meus primos, que moram lá. Fomos nadar na lagoa."

(2) "O machismo não existe mais, atualmente para mim existe, talvez não como antigamente quando era rigorosamente cumprido pelos pais de família e pais dos homens."

(3) "Será que a senhora poderia dar um recado a tia aparecida que não vou poder levar sua encomenda Tia Elena quando receber está carta-me escreva dizendo se eu posso comparecer a sua casa semana que vem".

(Exemplos em Rosa 1988).

¹³ O árabe marroquino, por exemplo, é uma língua ágrafa, em relação de diglossia com o árabe clássico, língua oficial de Marrocos e a língua escrita. O árabe clássico é utilizado na administração e na educação, à exceção dos graus mais altos da instrução científica, situação em que se escolhe como código o francês (para uma discussão detalhada, cf. Davies & Bentahila 1989).

1.1. Pontuação e oralidade

1.1.1. Em geral, os estudos que tratam da pontuação — quase sempre estudos de cunho normativo — ressaltam-lhe a função de representar, mas imperfeitamente, o ritmo e a melodia da frase. A este carácter de indicador prosódico associa-se, por vezes, a possibilidade de assinalar unidades sintáticas (Lima 1957; Cunha 1972, Cunha & Cintra 1984, 1985; Bhatt 1979). Os exemplos em (1.1), que resumem os padrões de interrogação em português (João Moraes *c.p.*), e em (1.2), acerca de diferentes tonicidades com que se pode pronunciar uma frase afirmativa no português, ilustram o tipo de *imperfeição* da pontuação em relação à língua oral que sustenta afirmações desse tipo:

- 1.1 diferentes curvas de interrogação não são distinguidas na escrita, que assinala todas com o mesmo sinal:
- a. *questão total*, com resposta de tipo sim/não, e *pergunta de confirmação* »→ a entoação ascende na última tónica:
Ontem choveu?
Foi isso que você disse?
 - b. *questão parcial com partícula interrogativa em posição inicial* »→ a entoação começa alta e desce até a última tónica:
Quando foi que choveu?
 - c. *questão parcial com partícula em posição final* »→ a entoação sobe na sílaba acentuada que precede o morfema interrogativo:
Choveu quando?
 - d. *questão disjuntiva ou alternativa* »→ a entoação sobe na sílaba acentuada que precede a partícula disjuntiva:
Você disse que choveu ou trovejou?

- 1.2 diferenças de tonicidade não indicadas pela pontuação podem fazer equivaler a frase (f) abaixo a respostas a diferentes perguntas (Davies 1986):

f. Joãozinho quebrou a janela.

Quem quebrou a janela?

O que é que Joãozinho fez com a janela?

O que é que Joãozinho quebrou?

O que Joãozinho fez?

O que é que aconteceu?

Estão no mesmo espírito contrastivo estudos de erros cometidos por alunos que fazem coincidir fronteiras entonacionais com a vírgula ou o ponto:

- 1.3 a. O verão tão acentuado e a beleza das praias que o Rio nos oferece, fazem do carioca um povo descontraído por natureza.

- b. [...] e aquele desconforto tão grande que sentimos com qualquer tipo de roupa no verão, vai fazer com que os padrões de moda sejam os mais descontraídos possíveis.

(*Exemplos em Mollica s.d.:1*)

Em geral, tais estudos, ao buscarem um padrão explicativo para o desempenho de *escritores principiantes*⁽¹⁴⁾, também tratam esses erros pela ótica da carência que a escrita tem "de recursos expressivos próprios à língua falada" (Mollica s.d.: 5).

¹⁴ Traduzimos desse modo a expressão inglesa *basic writer* que, cremos, pode aplicar-se a parte dos alunos que, no Brasil, finalizem o Segundo Grau ou que iniciam o curso universitário: "In American college and university education, the term 'basic writer' has come to refer to a student who enters college without the traditional skills needed for success in the customary introductory course in English composition" (Hartnett 1988:144 -ênfase adicionada).

1.1.2. Alguns usos prescritos nos manuais escolares evidenciam, porém, que a pontuação não é um sistema para mera transcrição de tonalidade, tonicidade e pausas do discurso oral espontâneo.

Exemplificamos em (1.4-8):

- 1.4 há contextos em que diferentes sinais, ou mesmo nenhum, são permitidos, como nos vocativos iniciais de cartas ou no encadeamento de coordenativas:

- a. Prezado senhor:
- b. Prezado senhor,
- c. Prezado senhor.
- d. Prezado senhor
(Cunha & Cintra 1985: 637)
- e. Pode a virtude ser perseguida, mas nunca desprezada.
- f. Pode a virtude ser perseguida; mas nunca desprezada.
(Cunha & Cintra 1985: 635)

- 1.5 há seqüências em que a fala apresentaria o fenômeno da *liaison*, mas, se transcritas, seriam pontuadas nesse exato ambiente:

As causas são três. A primeira, que repousa no fato de ...)
(foneticamente, o trecho sublinhado seria [trezapri])
(Miriam Lemle, exemplo em aula na UFRJ)

- 1.6 a existência de *regras de promoção* indica que parte dos sinais responde a aspectos gráficos:

- 1.6.1. a *promoção a ponto-e-vírgula* (Nunberg 1990: 44): serão separados por ponto-e-vírgula, por estarem num nível hierárquico mais alto, os constituintes que contêm vírgula(s) no seu interior.

- a. Chamo-me Inácio; ele, Benedito.
- b. Era cedo ainda; mas, depois que saí da

farmácia, fiquei ansioso por ver a Mercedes, e com receio de encontrar alguém que me complicasse a vida.
(Cunha & Cintra 1985: 634)

- 1.6.2. a *promoção a colchetes*, "quando se quer isolar uma construção internamente já separada por PARÊNTESES" (Cunha & Cintra 1985:648):
[....] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu perceba no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]. (Cunha & Cintra 1985:148)

- 1.7 a *absorção* de um sinal por outro, por sua vez, faz parte de uma "sintaxe gráfica" (cf. Nunberg 1990):

- 1.7.1. se uma palavra escrita abreviadamente "estiver no fim do período, este encerra-se com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele". (Cunha & Cintra 1985:633).

Ex.:Estes fatos aconteceram em 310 a.C.

- 1.7.2. o travessão duplo passa a simples se seu segundo elemento coincide com o final do período.

Ex.:Um povo é tanto mais elevado quanto mais se interessa pelas coisas inúteis — a filosofia e a arte. (Cunha & Cintra 1985: 649)

- 1.8 o mesmo ocorre com a ordenação de aspas ou parênteses e demais sinais:

- a. "Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas."
(Cunha & Cintra 1985:645)

- b. "Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação" (*Formulário Ortográfico* oficial brasileiro). (Cunha & Cintra 1985: 647)

Os exemplos em (1.4-8) não podem, de modo algum, ser concebidos como uma contraparte de fenômenos da oralidade: respondem, unicamente, por configurações de uma gramática da escrita.

Por sua vez, a afirmação de que a pontuação transcreve diferenças prosódicas "is curious, inasmuch as marks like the semicolon and colon are virtually never used in transcription of ordinary spoken discourse [....]" ['é curiosa, na medida em que marcas como ponto-e-vírgula e dois-pontos quase nunca são empregadas na transcrição do discurso falado comum' - (Nunberg 1990:14)].

1.1.3.A *leitura em voz alta* não pode ser identificada com língua oral, porque sua prosódia não é a mesma da fala normal (Chafe 1992:25). A leitura em voz alta constitui-se num "gênero de fala especializado", que Nunberg (1990: 14) denomina *transdiction* (ingl. *transdiction*) de textos escritos. Assim,

rather than saying that the parenthesis
"signifies a drop in pitch," we would do
better to say that "a drop in pitch is used in

certain registers to pronounce the parenthesis."

["ao invés de dizer que o parênteses 'significa uma queda no tom', seria melhor dizermos que 'uma queda no tom é usada em certos registros para pronunciar o parênteses'."]

(Nunberg *id. et ibid.*)

Além de a prosódia da fala normal e a da leitura em voz alta não serem a mesma, a despeito do modo "how a passage was punctuated, an oral reader will force it into a series of intonation units of spoken language size" ['como uma passagem foi pontuada, alguém lendo em voz alta a forçará numa série de unidades entonacionais, da extensão que se tem na língua falada' - Chafe 1992:25], *i.e.*, segmentará o texto em unidades com cinco ou seis palavras de extensão (Chafe 1992:25), mesmo que não haja qualquer pontuação por um espaço bem mais longo, além de o leitor ter a alternativa de ignorar ou não uma vírgula, na dependência da estrutura de informação, ou "sentido", que atribui a determinada passagem (Davies 1986).

1.1.4. É de notar ainda que, para indicar a entonação, a escrita costuma recorrer menos à pontuação que a outros artifícios, como o *sublinhado*, a mudança de *tipo* ou *cor*, a *capitalização* (Cunha & Cintra 1986: 625, Davies 1986: 206). Como guia para a

tonalidade, portanto, a pontuação é lacônica⁽¹⁵⁾; apesar disso,

readers are not at a loss to interpret possible intonation structures in written prose. When reading aloud, competent readers seem to recognize fairly quickly when they have made a mistake in conveying information structure through intonation, and, realizing this, stop and read a passage again.

['os leitores não ficam confusos ao interpretar possíveis estruturas entonacionais na prosa escrita. Ao lerem em voz alta, leitores competentes parecem reconhecer com razoável rapidez quando cometeram um engano na transmissão da estrutura de informação pela entonação e, compreendendo isto, páram e lêem novamente a passagem. ']
(Davies 1986:207)

Defendemos, assim, nossa decisão de focalizar a pontuação de um outro ângulo que não o da representação imperfeita da oralidade: a pontuação é um objeto de investigação suficiente *per se*.

1.1.5. Considerar a pontuação independente em grande medida da "melodia da frase" acarreta ainda o reconhecimento de que ela não é específica de uma língua, no sentido de que lhe reproduziria as características prosódicas próprias. Propostas de planejamento lingüístico que incluem a elaboração de ortografias nacionais podem criar caracteres especiais para a representação de sons dessas línguas (cf. o **ñ** para o Mau,

¹⁵ Chafe (1992:24): "We cannot [...] consistently rely on punctuation to show us an author's prosodic intentions."

falado nas ilhas Maurício – Corne 1989: 267), mas, mesmo quando o fazem⁽¹⁶⁾, não prevêm o desenvolvimento de caracteres especiais para o sistema de pontuação sugerido. Neste sentido, os sinais de pontuação tornaram-se, para as línguas que utilizam o alfabeto romano, "universais" (Gleason Jr. 1961: 456): o inventário de sinais é o mesmo, as regras em uso diferem em questão de detalhes, não importando se tais línguas são tipologicamente diferentes das línguas européias. Podemos, pois, concordar com Nunberg (1990: 10n) quando afirma que

the rules of punctuation seem to be in large measure independent of language-specific features. Thus language planners do not have to devise a new system of punctuation as they do a new orthography: they can simply borrow the system already in place in other writing systems. It is fair to say, in fact, that there is only one system of punctuation (in the sense, at least, in which we would say there is only one Roman alphabet), which is used in all developed Western, alphabetic languages, subject to the fixing of a few parameters and the establishment of various local conventions and constraints.

[as regras da pontuação parecem ser, em larga medida, independentes de traços específicos de uma língua. Desse modo, planejadores lingüísticos não têm de elaborar um novo sistema de pontuação quando elaboram uma nova ortografia: podem simplesmente tomar de empréstimo o sistema já em uso em outros sistemas de escrita. De fato, é razoável dizer que existe apenas um sistema de pontuação (pelo menos no sentido em que poderíamos dizer que há apenas um alfabeto romano), o qual é utilizado em todas as línguas desenvolvidas do Ocidente que

¹⁶ E não apenas tomam de empréstimo a ortografia oficial de outro lugar. Cf. como exemplo, Baker 1991.

têm um sistema alfabético de escrita, sujeito à fixação de alguns parâmetros e ao estabelecimento de várias convenções locais e restrições.']

1.1.6. Ainda em virtude de sua independência em relação à fala, a pontuação pode ver alterados, no decorrer do tempo, os parâmetros com que trabalha, a ponto de um sistema permanecer indecifrado por longo tempo (*cf. para exemplificação*, Aronoff 1985, *acerca da pontuação no hebraico massorético*)⁽¹⁷⁾.

Conseqüentemente, épocas diferentes podem apresentar realizações de pontuação diferentes (bem como diferenças em outros aspectos ortográficos), como veremos adiante.

É a fixação preferencial de um parâmetro que explica essas diferenças; que explica, por exemplo, a influência padronizadora que o advento da imprensa de tipos móveis viria a exercer sobre o texto escrito⁽¹⁸⁾.

¹⁷ As alterações no tempo podem não ser tão drásticas: "O PONTO tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam PONTO-E-VÍRGULA, ou mesmo VÍRGULA." (Cunha & Cintra 1985: 832).

¹⁸ Quirk et alii (1980: 1055) acentuam a influência que ainda hoje as tipografias exercem sobre o texto escrito: "Punctuation marks tend, therefore, to be used according to fairly strict conventions and even in the peripheral areas where universal convention does not obtain, each individual publishing house imposes one for all materials that it puts forth in print."

1.2. Sistemas de pontuação e a fixação de suas propriedades específicas

Se entendemos que a pontuação: (a) independe, em grande medida, de traços orais específicos de uma língua; (b) trabalha com unidades gramaticais como *sintagma* e com unidades retóricas como *texto*, qualquer que seja o seu sistema, como ilustraremos adiante; e (c) está sujeita a alterações, na medida em que pode utilizar-se dessas unidades de modos diferentes — não nos espantamos ao verificar que em textos portugueses de cerca de 500 anos atrás ela diferia daquela que atualmente está em vigor.

Ao tentarmos ler, silenciosamente ou em voz alta, qualquer desses textos, imprimindo a *cólons* e *comas* os valores de separadores de unidades com os quais leríamos os pontos e as vírgulas atuais, o que conseguimos é uma quantidade de tropeços, quase como se fôssemos alunos de escola elementar — uma das razões de queixa de experimentados leitores em relação a tais textos já no século XVII.

Não obstante, descrições gramaticais da época, como Cavaleiro (1516), por exemplo, referem que a pontuação era um auxiliar para a leitura em voz alta, tanto para o que lia como para aqueles que

1. Língua Escrita e Língua Oral

ouviam⁽¹⁹⁾ — afirmação que sempre foi compreendida como atribuindo à pontuação o carácter de artifício para a transcrição de pausas da língua oral.

Ora, o que defendemos neste trabalho é que, mais do que um meio para transcrever o que se dizia, a pontuação indicava o *como se deveria dizer*⁽²⁰⁾, "para se tirar a confusão, do que queremos dar a entender" (Lião 1576: 75). Em outras palavras: a pontuação não era, como não é, um sistema para transcrição prosódica, mas "huas balisas & marcos" que, ao "apontar a scriptura", dão-nos "o verdadeiro sentido dela" (Lião *id. et ibid.*). Mais: para auxiliar a leitura, em voz alta ou silenciosa, a pontuação não precisa de indicar pausas ou quaisquer valores prosódicos (muito menos transcrever a fala). Ela pode, por exemplo, centrar-se na estruturação sintática (no caso do hebraico massorético, analisada binariamente até os constituintes últimos da sentença), desse modo fornecendo a chave para as relações que as palavras criam entre si no âmbito do texto. Ao dominar a convenção, o leitor passa a compreender o porquê do emprego dos sinais que vai encontrando ao longo do texto e consegue, desse modo, auxiliar-se deles, independentemente de

¹⁹ Cavaleiro (1516: fol. 58): Quoniam ars: doctrineque punctorum non solum legenti: verum etiam audientibus non parum adiuventi praestat".

²⁰ Estamos aqui parafraseando Wright (1982: 128), nas suas conclusões acerca da introdução de um "Latim Medieval" com a reforma carolíngia da ortografia.

poder apontar-lhes uma contraparte sonora⁽²¹⁾, ou de depender exclusivamente deles para depreender a "melodia da frase".

1.3. Pontuação e sintaxe

Atualmente, a unidade básica com que trabalhamos ao pontuarmos um texto é a *frase* ou *sentença ortográfica*, que pode ser formada por uma ou mais de uma *oração* ou *proposição*. A *oração* é definida gramaticalmente: tem sujeito e predicado; a *sentença* é tratada de modo diferente.

Sua *definição gráfica* é transmitida desde os primeiros anos escolares: é a unidade que tem suas fronteiras delimitadas, de um lado, pela *capitalização*; de outro, por um *ponto* (*final*, *parágrafo*, *de interrogação* ou *de exclamação*), ou ainda, pelas *reticências*.

É no seu domínio que decidimos pelo uso da *vírgula*, do *ponto-e-vírgula*, do *parênteses*, do *colchete*, dos *dois-pontos*; mas estes são sinais utilizáveis uma vez que as fronteiras da sentença tenham sido definidas. Com estes sinais delimitamos elementos: (a) que não são estruturalmente coesos (*i.e.* que não

²¹ Que pode até ser nenhuma, como para a interrogação e a exclamação, neste exemplo citado em Crystal (1987: 180):

'We might go in your umbrella,' said Pooh.

'?'

'We might go in your umbrella,' said Pooh.

'? ?'

'We might go in your umbrella,' said Pooh.

'!!!!!!'

For suddenly Christopher Robin saw that they might.

estão no escopo dos grupos sintáticos assinalados pela flexão), estejam interpolados ou não (*como em 1.9e-f*); (b) que estejam em sequência e que tenham a mesma categoria, formando um constituinte mais alto de mesma categoria (*como em 1.9g*). Isto leva a compreender por que os adjuntos adverbiais e as intercalações são assinalados, mas não o são, por exemplo, as fronteiras entre o verbo e seus argumentos interno e externo (1.9a-c), ou entre o nome e seus modificadores (1.9d):

- 1.9 a. A mãe de Maria comprou um carro novo.
 b. *A mãe de Maria, comprou um carro novo.
 c. *A mãe de Maria comprou, um carro novo.
 d. *A mãe, de Maria comprou um, carro, novo.
 e. Ela é, porém, a única testemunha.
 f. Nós todos, nessa hora, estávamos em sala.
 g. Estavam na sala Maria, Bertoldo e Arnaldo.
 h. Nesse horário, estávamos em aula.

No nível da *sentença complexa*, i.e., da sentença enquanto unidade formada por duas ou mais orações, o mesmo padrão será repetido. Desse modo, não serão separadas da principal as orações subordinadas equivalentes a um sintagma nominal (as chamadas *orações substantivas* - cf. 1.10a-d); também não serão separadas por pontuação as orações que atuam como modificadores de um nome presente na principal (as *relativas restritivas* - cf. 1.10e-f). A pontuação assinalará, porém, as fronteiras dos modificadores do sintagma verbal ou de toda a sentença (as *orações adverbiais* - cf. 1.10g), bem como estruturas apositivas (*relativas explicativas* e *justapostas apositivas* - cf. 1.10h-i), que, embora tenham o mesmo referente de um sintagma nomi-

nal, não pertencem a ele:

- 1.10 a. Diga-lhe *que será* *benvido*.
b. *Diga-lhe, *que será* *benvido*.
c. Não se esqueça *de que estaremos esperando por* *você*.
d. *Não se esqueça, *de que estaremos esperando por* *você*.
e. Os pecadores *que se arrependem* são perdoados.
f. *Os pecadores, *que se arrependem* são perdoados.
g. *Quando era criança*, João costumava pescar com o avô.
h. D. João II, *que foi rei de Portugal*, não era careca.
i. Dei-lhe tudo: *ofereci-lhe o meu nome; tornei-a dona de todo o meu dinheiro; elevei-a à minha posição social*. (In Lima 1957: 263)

Habituaamo-nos, pois, enquanto escritores e leitores com alto grau de domínio da escrita, a empregar e a decodificar a pontuação com base na análise sintática daquilo que delimitamos como *sentença*, e a *sentença ortográfica* é-nos uma estrutura familiar, sem a qual temos dificuldades em compreender um texto escrito.

Todavia a *sentença ortográfica* não é uma unidade *intuitiva*, acessível a qualquer escritor ou leitor principiante, como comprovam os trabalhos que tomam por base redações escolares (cf. Davies 1986). Também não é uma unidade facilmente depreensível dos textos antigos portugueses. Aliás, a leitura de textos antigos leva-nos a concordar com Levinson (1985: 117-8), que afirmava que a *sentença ortográfica* não foi uma unidade bem estabelecida até bem depois da implantação da imprensa:

Medieval writers had no such concept [of "sen-

tence"], and because of this even the best of them often failed to write in "sentences". Though some of their writing can be punctuated as sentences, different editors will make different divisions, and sometimes no parsing into sentences can be made.

['Os escritores medievais não tinham tal conceito (de **sentença**) e por isso os melhores dentre eles não escreveram em "sentenças". Embora alguns de seus escritos possam estar pontuados como sentenças, editores diferentes farão diferentes divisões, e por vezes nenhuma divisão em sentenças poderá ser feita. ']

Ilustramos em (1.11) a afirmação de Levinson, com exemplos extraídos do português:

- 1.11 a. Sabiam. todos aqueles. que esta cartã uirem
que eu dom. Afonso. pela gracia. de deus Rey
de Portugal e Conde de Bolonia fazo carta.
de foro A uos pobladores. de mÿa erdade de
talones. de aguiar.

(1255 [E. 1293] - *Carta régia de foro aos povoadores de Telões de Aguiar* - In Dias, Marques & Rodrigues 1987: 5)

- b. Em nome de deus amen esta he a carta de
vindjcom e de perduraujl ffirmjdom a qual
madamos ffazer Eu Domyngos affônssso Eu luzia
gil ssa Molher moradores na dos Coudes
termhõ de ssantarem a uos Joham martjnz
porteiro do conqelho de ssantarem e a uossa
Molher clara airres moradorres em ssantarem
de hũa correla d erdade que nos auemos em
termhõ da dicta villa em logo que chãnam val
das perreiras a qual parte com todas partes
com vosco compradorres vendemos e outorgamos
a uos ssobrdictos a dicta Erdade [....]

(1356 [E.1394] - *Carta de venda, feita por Domingos Afonso e Luzia Gil a João Martins e Clara Aires* - In Dias, Marques & Rodrigues 1987: 37)

- c. & nom achou lugar nem signal por onde
aquelle menino entrasse cuydando nisto foy

se atee o cabo do paço. & quando elle se
volveo vio o menino. E o emperador
marauilhou se muyto do que tijnha visto. &
disse antre sy. Que cousa he esta ou que
millagre daquelle menino por onde entrou.
(1496. *Vespasiano*. fol b4)

Exemplos como esses, se tomados em isolado, poderiam levar-nos a pensar que a pontuação dos textos antigos portugueses era aleatória: ora marcava-se uma fronteira de sentença, ora não, ora outra coisa qualquer. Tentaremos demonstrar que nosso problema com textos assim redigidos está em procurarmos neles os valores dos nossos pontos atuais, esquecendo-nos de que sequer esses sinais eram já denominados *pontos*.

1.4. Pontuação e informação a ser transmitida

Aprendemos, logo nos primeiros anos do curso elementar, que uma *frase* expressa verbalmente um pensamento (Lima 1957: 223) unitário e completo (Lima 1957: 225). E isto deve ser suficiente para indicarmos o início e final da frase. As respostas a exercícios cujo comando pede que se pontuem trechos apresentados sem pontuação demonstram o quanto os limites de uma sentença podem variar de escritor para escritor.

Com que critérios (senão por questões retóricas) poderemos decidir, por exemplo, por uma entre as marcações apresentadas em 1.12, todas consideradas corretas?

- 1.12 a. Deus fez a luz, depois criou a natureza e finalmente formou o homem.
b. Deus fez a luz; depois criou a natureza; e

- finalmente formou o homem. (Lima 1957: 252)
- c. Deus fez a luz. Depois criou a natureza. E finalmente formou o homem.
 - d. Deus fez a luz, depois criou a natureza. E, finalmente, formou o homem.

A circularidade da definição de *sentença* torna-se evidente se argumentamos termos uma, duas ou três unidades com sentido completo com base no número de pontos que empregamos. O que está em jogo nas diferentes divisões em (1.12) acima é uma decisão do escritor acerca da forma como pretende estruturar a informação de seu texto, dos elementos que pretende unir ou separar, enfatizar mais ou não enfatizar (*cf. a esse respeito* Levinson 1985). É isto que responde pela "fluidez" das respostas a exercícios escolares que se utilizam de exemplos como o apresentado em (1.12) acima para que o aprendiz os pontue — e é por essa razão que estão fora do alcance dos escritores principiantes o domínio da sentença ortográfica e das possibilidades estilísticas que os diferentes sinais de pontuação oferecem. É o modo de estruturar a informação — unindo elementos ou dispersando-os em diferentes unidades — que será refletido na pontuação empregada. E a pontuação deverá indicar ao leitor o modo como ler, por exemplo, as quatro diferentes versões de um enunciado apresentadas em (1.12) — a *transdição* de que atrás falávamos (*cf. 1.1.3*).

1.5. Pontuação e texto

A *sentença ortográfica* não é, necessariamente, a unidade-padrão de todo e qualquer sistema de pontuação. Um sistema de pontuação pode estruturar-se em outras bases — como veremos a seguir.

Se postulamos que a pontuação torna mais explícitas na escrita as relações sintático-semânticas entre constituintes, podemos conceber que tais relações possam ser demonstradas quer por *separação*, quer por *vinculação* de elementos. Explicamos.

Quando escolhemos assinalar os limites de constituintes, sejam sentenças, intercalações ou parágrafos, escolhemos adotar como valor para a pontuação o que poderíamos glosar como (1.13):

- 1.13 *Assinale o que não está coeso, indicando os diferentes graus de quebra de coesão através do uso da vírgula, do ponto, do ponto parágrafo, do ponto final...*

na verdade, uma paráfrase do *princípio da separabilidade* de que falam Votre & Votre (1991:121), transcrito em (1.14):

- 1.14 *separe tudo o que não puder ficar contíguo, sob pena de deixar o leitor confuso sobre onde termina um constituinte e começa outro.*

Se pensarmos nesse "princípio" como uma realização possível dentre pelo menos duas escolhas para indicação das relações entre elementos, concluiremos que poderíamos ter lançado mão de outra alternativa para o modo como pontuamos. Poderíamos ter assinalado, basicamente, não aquilo que não pode

"ficar contíguo", que não é estruturalmente coeso, mas aquilo que *pode*. Teríamos, pois, algo como um *princípio da vinculação*, como em (1.15):

- 1.15 *Junte elementos contíguos, sob pena de deixar o leitor confuso quanto ao que forma ou não uma unidade com o que se segue.*

Se olhado um texto por esse prisma, desaparece a necessidade de indicar onde um parágrafo ou sentença se aparta de outro parágrafo ou sentença (embora fosse possível assinalar que determinadas sentenças estão mais unidas entre si que outras); tampouco causam estranheza exemplos como os apresentados em (1.16) abaixo:

- 1.16 a. Quoniam **ars: droctrinaque punctorum** nom solum
[....] (Cavaleiro 1516)
- b. & murieron dela gente dela parte de Pilatos
fasta **dos mill. y dozientas y cinquenta per-
sonas** [....] (*Ystoria del noble Vespesiano*.
1499: fol. c5^v)
- c. Item per esta meesma ca>sa **se euite & esqui-
ue: todo ho inchamento do ventre** [....] (*RP*.
fol. a5^v)

Ao invés de terem como principal função a de assinalar o fim de um constituinte — seja ele um sintagma, uma oração ou a própria sentença — e o começo de outro, os sinais em (1.16) indicam que determinado elemento pressupõe a presença de outro no texto, que o segue. A pontuação nos exemplos apresentados em (1.16) tem, pois, valor coesivo: une elementos postos em seqüência, avisando o leitor de que o se segue ao sinal está

estritamente relacionado ao que está escrito antes do sinal.

Ora, ao contrário de (1.14), (1.15), se levado às últimas consequências, inflacionaria o uso da pontuação, que deveria, então, ser empregada em praticamente todos os espaços entre palavras: deveria ser empregada entre todos os membros de um mesmo sintagma, entre frases de um parágrafo e entre parágrafos de um mesmo texto — afinal, todos podem "ficar contíguos". Assim, a pontuação viria a assinalar tantos contextos a ponto de se tornar quase inútil.

Se (1.15) é tomado como base, torna-se necessário restringir os contextos de emprego da pontuação. Estaremos aqui voltados apenas para a ligação entre orações — porque foi esse o contexto mais frequentemente pontuado na época estudada neste trabalho. Tentaremos demonstrar, com base na interpretação de gramáticos latinos, que a pontuação medieval latina indicou, basicamente, que se pressupunha que algo mais viria em seguida. No entanto, esse quadro não se manteve para o português: a convergência de dois diferentes sinais — o *colón* e o *período* — para um mesmo carácter, bem como a utilização de um único sinal em textos em vernáculo viriam a nele introduzir complicadores. E aquilo que unia começa também a separar.

1.6. Sumário

Neste capítulo examinamos as implicações de focalizarmos a pontuação como um recurso da língua escrita, não como um artifício para a transcrição da prosódia da fala espontânea. Em virtude de sua independência em relação a traços da oralidade, a pontuação pode, em diferentes épocas, pautar-se por diferentes escolhas quanto ao que assinala para/ por aquele que dela se utiliza. Pode até mesmo estar ausente de um sistema de escrita⁽²²⁾.

Uma vez que as propriedades específicas da pontuação podem variar, procuramos estabelecer um eixo dessa variação, que caracterizamos como *princípio da separabilidade* e *princípio da vinculação*. Chamamos a atenção, no entanto, para o fato de que, uma vez fixada pela imprensa para as línguas que utilizam o alfabeto romano, a pontuação passou a ser percebida como "universal", na medida em que, nesse grupo da escrita ela pouco varia de uma para outra língua. É a falsa impressão de *universalidade absoluta*, i.e. de que é composta por conjuntos de sinais e de princípios invariáveis, pertinentes a todas as línguas, que nos faz estranhar sua utilização em discordância com aquela a que estamos habituados. E estranhar elencos de

²² Os primeiros registros de pontuação são relativamente recentes, se levarmos em conta a história da escrita: datam do século I-II d.C. (Bischoff 1986: 189n). Separa palavras e parece ter como função "aclerar" a mancha, mesma necessidade que levaria à criação de formas diferenciadas para letras, consoante estivessem no início, no meio ou no fim dos vocábulos.

sinais e funções desconhecidos de nossa época.

Passaremos em seguida à análise de estudos gramaticais em circulação no meio acadêmico português em fins do século XV e início do século XVI, buscando mostrar que, *mutatis mutandis*, esses tratados, no que tange à pontuação, elegeram o *princípio da vinculação* e, em consequência disso, são muito semelhantes a estudos atuais sobre a coesão do texto.

2. INTERPRETANDO GRAMÁTICAS DE ENTÃO

No capítulo anterior argumentamos em favor de um enfoque para a pontuação que a visse como parte de uma gramática da escrita, não como uma transcrição imperfeita de traços do discurso oral, como intensidade, duração, tom ou pausas. Dissociamos ainda a leitura oral da oralidade, o que será reiterado diversas vezes ao longo deste capítulo.

Procuramos, nas próximas secções, sustentar o que afirmamos no capítulo anterior acerca de um tratamento da pontuação não contrastivo com a fala, mas agora voltados especificamente para a época em estudo. Mudava o mundo de então que, após Gutenberg, caminhava para o "primado do texto escrito" de que nos fala Barilli (1979: 69). E as mudanças no quadro sócio-histórico ajudam-nos a compreender os textos gramaticais coetâneos de Valentim Fernandes, no tocante à pontuação, como parte de um conjunto de recomendações para a elaboração escrita de um texto. Vistos por esse prisma, os pequenos tratados que consultamos sobre a pontuação latina constituem-se em precursores dos modernos estudos sobre a coesão textual.

2.0. Introdução

Os manuais latinos do final do século XV e ainda os do início do século XVI refletem consenso quanto às orientações para o emprego da pontuação — embora diferentes gramáticos pudessem recomendar diferentes convenções gráficas para a sua

2. Interpretando as gramáticas

realização. A razão da semelhança entre as diferentes exposições estava no fato de a pontuação proposta ter origem nos preceitos da retórica clássica.

A origem comum responde pela semelhança. A variedade de traçados, encontrada em manuscritos (e ainda em impressos), bem como diferenças verificadas no efetivo emprego dos sinais, remonta às diferentes tradições gráficas de diferentes centros de produção manuscrita (especialmente os Cistercienses, Dominicanos e Cartuxos). Esses centros, ao longo da Idade Média, introduziram inovações no sistema de três sinais difundido por Isidoro de Sevilha no século VII (Bischoff 1986), ao qual nos referiremos adiante (*cf.* 2.2.2.1.).

Surgida em meados do século XV, a imprensa de tipos metálicos móveis viria a exercer forte influência sobre essa variedade de convenções, ao acelerar o processo de *padronização* — *i.e.*, de *codificação* da língua escrita — processo que se aplicou especialmente aos vernáculos, através da publicação de gramáticas, dicionários e tratados ortográficos nessas línguas e para essas línguas. Com a imprensa ampliava-se o público leitor e constatava-se que eram "muyto mais os vulgares que os que a lingua latina conhecem" (*PE.fol.2^v*). Daí resultaria a crescente penetração dos vernáculos na escrita, que, sem contarem ainda com tratados ortográficos ou descrições gramaticais, tomariam por modelo a gramática latina.

2. Interpretando as gramáticas

Na ausência de uma tradição padronizadora para os vernáculos, a imprensa nascente começaria a exercer papel de elemento regulador, tornando-se difusora e fixadora de um padrão. Supriria, dessa forma, a inexistência de trabalhos sobre o português e sobre outros vernáculos da Europa.

A ação dos impressores sobre os textos que imprimiram alcançou o ponto de permitir-lhes até mesmo que não seguissem com exatidão as doutrinas gramaticais que editavam, nas próprias páginas impressas em que as editavam⁽²³⁾ — como estará ilustrado no excerto da obra de João Vaz ([1502]) impressa por Hermão de Campos, apresentada adiante, em 2.2.2.1.

É este papel normalizador que a imprensa assume desde seus primórdios que nos faz tomar os impressos do período paleotípico como fonte de dados privilegiada para um estudo que visa a buscar as regularidades vigentes na pontuação dessa época.

No tocante à pontuação, o inventário de sinais efetivamente em uso nos impressos portugueses era bem menor do que se poderia supor pela leitura dos gramáticos desse período — fato que aponta para o início de uma simplificação na multi-

²³Buescu (1983:74): "Assim, parece significativo que, no próprio texto impresso da Gramática de João de Barros as normas teóricas propostas não sejam seguidas pelo impressor: este serve-se dum sistema imposto para uso tipográfico o qual nem sempre respeita a doutrina contida no próprio discurso. Mais: serve-se dum sistema internacional o qual dá cobertura não a uma língua mas a uma civilização ou a uma cultura e, paradoxalmente, articula o impressor com seu predecessor: o copista, o escriba, o notário."

2. Interpretando as gramáticas

plicidade dos conjuntos de sinais disponíveis para um escritor.

A *interrogação*, já com o desenho com que a conhecemos (?) e a *exclamação*, ainda com o traçado da *interrogação* (?), eram raramente empregadas e teriam de esperar pelo final do século XVI (Bischoff 1986: 169). Era ainda relativamente rara, em princípios do século XVI, a *vírgula* (/) em formato de barra oblíqua⁽²⁴⁾. Criações do fim da Idade Média, aparentemente propostas pelos Cartuxos (Bischoff 1986: 170), são a *coma* (:) e o *período* (;). Este último sinal não encontra uso nos primeiros impressos portugueses: somente encontramos o *período* com o mesmo desenho do *cólon* (ver a esse respeito Lião 1576: 76). Esse mesmo sinal (;), mas com outra função e aparentemente ainda sem nome no português, é considerado pelo mesmo Lião, já perto do final do século XVI, como uma invenção dos *modernos*, "de pouca vtilidade, & desnecessaria", porque "pelos pontos antigos se distingue tudo, & este faz mais toruação, que distinção, que he o fim dos pontos" (Lião 1576: 76).

Em uso regular nos impressos encontram-se, portanto, apenas o *caldeirão* (C), o *cólon* (que absorve o *período*, ficando ambos representados por um ponto) e a *coma* (:). Destes três, são os dois últimos os sinais que estudamos.

Nas secções que se seguem reunimos evidências de que o sistema prescrito pelos gramáticos de então, ao caracterizar o

²⁴A *vírgula*, tal como a conhecemos, teria de esperar por meados do século XVI.

2. Interpretando as gramáticas

sentido completo como a unidade relevante para o emprego da pontuação, colocou em primeiro plano a vinculação entre elementos presentes lado a lado no texto; para operacionalizá-la, a imprensa trabalhou basicamente a ligação entre orações.

A organização do capítulo é a que se segue. Procuramos primeiramente demonstrar que as raízes (longínquas, é verdade) dessa gramática da pontuação estava na *compositio* da retórica clássica, da qual foi tomada a denominação para parte dos sinais. Em seguida interpretamos as doutrinas expostas em gramáticas latinas que circulavam em Portugal por volta do final do século XV, nas quais o português, por vezes, já se insinua — fato que ilustra a transposição de preceitos da gramática latina para o estudo e a padronização do português, que se começavam a processar. Por fim, procuramos interpretar esses gramáticos à luz da lingüística do texto. Nosso objetivo é fundamentar as hipóteses que apresentaremos no *Capítulo 4*.

2.1. Período, cólon e coma na retórica clássica

Na retórica clássica *período*, *cólon* e *coma* são denominações para tipos de construção de enunciados. Não fazem qualquer referência a tipos de marcos gráficos que sinalizavam o texto. Nesse emprego da nomenclatura é possível perceber, porém, a origem da denominação dos sinais de pontuação.

O *ornatus*, a parte da retórica clássica referente à beleza da expressão lingüística, ao tratar dos fenômenos

2. Interpretando as gramáticas

ligados à *palavra* tomada num contexto (*verba coniuncta*), reservava espaço para o estudo da *compositio*. A *compositio* era caracterizada sintática e foneticamente, e consistia "na conformação sintática [....] e fonética [....] dos grupos de palavras, das frases e das seqüências de frases." (Lausberg 1963: 260). Dito de outro modo: o discurso (e referimo-nos aqui especialmente à prosa) deveria possuir determinadas características, obtidas na ligação das orações e no ritmo criado pelo jogo de sílabas breves e longas, que, grupadas, corresponderiam a diferentes tipos de pés (espondeu --, coreu ou troqueu ~, dicoreu ~~, dátilo ~~, crético ~~~ e péon primeiro ~~~~~), os quais podiam ser combinados entre si.

É no estudo da *compositio* que encontramos referência à unidade denominada *periodus* (do gr. περίοδος 'caminho em volta de'). Na retórica clássica, o *período* era uma construção que consistia na união de "um elemento, (*protasis* [....]), que cria tensão [....]" a "um elemento (*apodosis* [....]) que dissolve a tensão (*sententiae clausula*)" (Lausberg 1963: 261).

As duas grandes classes que compunham o período eram o *cólon* (do gr. κόλον 'membro'), compreendido como uma "seqüência vocabular, constituída por mais de três palavras", que podia funcionar como prótase ou apódose (Lausberg 1963:261), e a *coma* (do gr. κόμμα 'o que está cortado'), "uma seqüência vocabular, constituída [....] por três ou menos palavras, e que, em si própria, não é sintaticamente independente" e que se cons-

2. Interpretando as gramáticas

titui, foneticamente, numa "parte coesa do colo" (Lausberg 1963: 261).

No latim tardio — que não mais apresentava a oposição de quantidade das sílabas existente no latim clássico — o *cólon* final ou *clausula*, especialmente importante para o ritmo do período e classificado em termos dos tipos de pés que o compunham, evoluiu para o *cursus*, que levava em conta o acento das duas últimas palavras da frase (Lausberg 1963: 269).

Estava, pois, na retórica a origem da nomenclatura que encontramos nas gramáticas medievais e renascentistas para os sinais de pontuação: *período*, *cólon* e *coma* viriam a emprestar sua denominação para sinais que, a princípio, indicavam esses componentes na construção escrita do enunciado. Em jogo, a informação acerca de uma hierarquia de dependências entre constituintes de enunciados complexos.

Como, na prática retórica, os textos eram escritos para serem apresentados oralmente em público depois de memorizados, a construção sintático-semântica e o ritmo do enunciado compunham a dupla caracterização das preocupações daquele que, pela palavra, pretendia envolver uma audiência, com o intuito de persuadi-la. Por outro lado, essa mesma tradição deixa claro que não se estava transcrevendo a língua oral, mas sinalizando a língua escrita para o orador ou leitor, a fim de que dissesse

2. Interpretando as gramáticas

o texto de modo compreensível, persuasivo e de que o memorizasse mais facilmente⁽²⁵⁾.

A tradição retórica — representada nos dois diferentes destinatários de seus manuais, o escritor e o orador ou leitor que apresentava um texto em voz alta para uma audiência — permaneceria nos tratados gramaticais do século XV, na caracterização simultânea dos sinais de pontuação através de critérios sintático-semânticos aliados a instruções fonéticas.

2.2. Período, cólon e coma nos séculos XV-XVI

Nos textos gramaticais dos séculos XV e XVI (como em textos medievais em geral), *coma*, *cólon* e *período* já são, nitidamente, denominação para sinais de pontuação⁽²⁶⁾.

²⁵Lião (1578: 75): "Item [a pontuação] serue para conceber na memoria, o que se lee. Porque os espaços ou balisas fazem parecer o caminho mais pequeno, & ser mais facil, & o que não stá diuidido, he mais comprido & enfadonho."

²⁶Para o períodomedieval, Levinson (1985: 24), baseada em R. W. Southern (1982), *Life of St. Anselm by Eadmer*, observa a grande variedade de significados para os termos *colon*, *coma* e *período*. Ao corroborar, no entanto, sua afirmativa, com exemplos de definições retiradas não de gramáticos medievais, mas de estudos feitos neste século, a A. consegue demonstrar, sim, a grande unidade que perpassa todas essas definições. Transcrevemos, a seguir, as definições por ela arroladas:

- (1) *colon*: "a clause of eight to seventeen syllables", "a short period", "a complete clause" (E. M. Thompson 1912);
"a limb of a sentence intermediate between a comma and a periodus" (P. Clemoes. 1952);
- (2) *coma*: "a clause of less than eight syllables" (Thompson);
"the shortest division of a rethorical period" (Clemoes);
- (c) *period*: segundo Levinson (id. et ibid.), era "in all accounts a complete thought".

2. Interpretando as gramáticas

Mencionava-se para os sinais uma característica *fonética* — entendido este termo não como relativo à transcrição da língua oral, mas como referente à *transdição* da escrita a que atrás nos referíamos (cf. 1.1.3.): a de que, para aquele que lia em voz alta, tais sinais indicavam pausas cuja duração deveria ser mais ou menos demorada⁽²⁷⁾.

Aliada a essa característica *fonética*, que era voltada para o leitor ou orador que apresentava o texto em voz alta para uma platéia, estava uma outra, de carácter diverso, porque centrada naquele que escrevia: tais sinais indicavam se o sentido estava ou não completo, critério que, na gramática expositiva-prescritiva de então, permitiu a inclusão dos preceitos de pontuação na sintaxe (cf. Cavaleiro 1516: fol. I).

Nessas gramáticas em que não há *livros*, ou partes, com o título *Semântica*⁽²⁸⁾, a preocupação com o significado perpassou toda a etimologia e toda a sintaxe, aliando às características formais dos elementos suas *principais significações*. Nessas gramáticas não está definido o que se entendeu por *sentido completo*, expressão que foi empregada como um termo pré-teórico, uma noção intuitiva, mas a todo momento utilizada para diferenciar os tipos de construções.

²⁷Em Vaz, por exemplo, a exposição da pontuação vem em seguida a noções de epistolografia (De componendis epistolis), juntamente com instruções sobre verificação (de verificandi pedibus. de metrorum. generibus)

²⁸Em geral, tais obras estão divididas em ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe.

2. Interpretando as gramáticas

Ao serem tratados como sinais de pontuação, *comas*, *cólons* e *períodos* indicaram, no dizer dos gramáticos da época, se o sentido estava completo ou não — e como tal, no âmbito da retórica, pertenciam ao domínio da *elocutio*⁽²⁹⁾, a parte da retórica que dizia respeito ao discurso elegante —, embora, numa referência clara às práticas da *pronuntiatio* — ou efetiva apresentação oral do discurso — indicassem, para o leitor, a duração de pausas.

Cabe notar, porém, que os manuais de retórica nunca dedicaram muita importância à *pronuntiatio* e, com a invenção da imprensa de tipos móveis na Europa e a crescente difusão do texto escrito que se lhe seguiu, a *pronuntiatio* passaria a ter um papel ainda menor nos estudos retóricos, que se restringiriam quase que unicamente ao texto escrito (Corbett 1971: 39).

Curiosamente, no entanto, é este aspecto relacionado à leitura oral, que é (mal)entendida como equivalente da própria *oralidade* — e não a construção estilística do texto escrito, ou *elocutio*, de que a leitura oral deriva — que é em geral enfatizado e tomado como a base para a compreensão do sistema de pontuação da fase aqui em estudo (*cf.*, a título de exemplo, Bischoff 1986, Cruz 1986). E isto a despeito da ênfase que

²⁹São cinco as partes da retórica na tradição greco-latina: (a) *inventio* ou *heuresis*, a descoberta de argumentos; (b) *dispositio* ou *taxis*, a organização do discurso; (c) *elocutio* ou *lexis*, o estilo; (d) *memoria* ou *mneme*, a memorização do discurso e (e) *pronuntiatio* ou *hipócrisis*, a apresentação oral do discurso.

2. Interpretando as gramáticas

desde a Alta Idade Média se começara a dar à língua escrita, que viria a transformar a retórica numa técnica da *elocutio* (Barilli 1979: 69), e a despeito do começo da prática da leitura pessoal, em silêncio, que a difusão do livro impresso começara a consagrar.

Tudo isto (e mais os motivos arrolados no *Cap. 1*) levam-nos à hipótese de que as instruções para o emprego da pontuação, já na fase do Renascimento que estudamos, eram primariamente centradas na língua escrita — na estrutura sintática da língua escrita — sendo-o até mesmo quando focalizavam os problemas do leitor oral.

Nas secções seguintes estaremos voltados para estudos gramaticais dos séculos XV e XVI, a fim de dar sustentação ao panorama que acabamos de traçar para os estudos sobre a pontuação, no que respeita a esse primado da escrita.

2.2.1. Investigamos os gramáticos latinos e seus comentadores conhecidos em Portugal no século XV e estudados na Universidade⁽³⁰⁾, então localizada em Lisboa.

O fato de a universidade ter substituído a escola subordinada a um mosteiro ou catedral como centro de produção de saber e também a estreita ligação entre Valentim Fernandes e o meio universitário português (*cf. Apêndice A*) limitaram o

³⁰Deixamos de lado, pois, o que poderia estar sendo ensinado em escolas paroquiais de gramática, ou em estudos particulares levados a cabo por um preceptor.

2. Interpretando as gramáticas

universo de gramáticas que deveríamos privilegiar às obras que circulavam nesse meio em Portugal.

Em finais do século XV, os estudos gramaticais na Universidade de Lisboa seguiam a linha do espanhol Juan de Pastrana⁽³¹⁾, cuja gramática ficou conhecida por *Tesouro dos Pobres*, *Espelho dos Meninos* ou, ainda, por *Bordão dos Cegos* (Ramalho 1971-2: 445)⁽³²⁾ e foi multiplicada em obras de inúmeros comentadores. As quatro edições conhecidas da gramática de Pastrana feitas em território português num período que compreende dezesseis anos (1497, 1501, 1512 e 1513) dão a medida do sucesso que terá tido⁽³³⁾.

O "período pastrano", em Portugal, duraria até cerca de 1533, ano da morte de Pedro Rombo, lente de gramática da Universidade de Lisboa e um dos mais famosos comentadores de Pastrana em Portugal. A partir de então, a gramática de Antonio de Nebrija, já de espírito humanista, passaria a dominar o ensino na Universidade de Lisboa.

³¹Pastrana é considerado o primeiro a ter escrito, na Espanha, uma gramática latina com glosas em romance. De seu *Compendium grammaticae* existe um manuscrito datado de 1482 (Padley 1988: 180n).

³²Ferreira (1728: 488, § 1183): "Joannes de Pastrana, Grammaticus, primus forte gentem nostram docuit Grammaticam artem, quo & aliis redibus adhuc magistris aliarum gentium utebatur".

E ainda (1728: 484, § 1175): "que no século decimo quinto se ensinava a lingua Latina nas Escolas da Universidade de Lisboa, pela Arte de João de Pastrana...."

³³Madahil (1955: 18) refere que, no século XVIII, um soneto muito conhecido da *Macarronea* ainda tratava o calouro por pastrano.

2. Interpretando as gramáticas

Pastrana, suas fontes (como Isidoro, Papias, Ebrardo e Hugúcio - Cavaleiro 1516: fol. A3) e seus seguidores (como Antônio Martins⁽³⁴⁾ e seu discípulo Pedro Rombo) seriam contestados pela *nova gramática* humanista, cujas fontes eram Quintiliano, Donato, Sérvio e Prisciano, e da qual, em 1516, Estêvão Cavaleiro se disse o iniciador na Península Ibérica (NG. fol. A5)⁽³⁵⁾. Para esta nova corrente, a antiga falhava por não apresentar exemplos extraídos dos *auctores* latinos, por conter exemplificação em vernáculo⁽³⁶⁾ e porque a tudo isto se somava um latim já muito influenciado pelas línguas vernáculas.

As diferenças entre ambas as correntes no tocante à pontuação não são, porém, tão marcantes.

2.2.2. As correntes pastrana e humanista estão aqui representadas, respectivamente, pelas exposições de João Vaz (ca. 1502) e de Estêvão Cavaleiro (1516). Não nos utilizamos da edição de

³⁴Machado (1741-58: I, 323): "ANTONIO MARTINS natural do Porto, e celebre Mestre de Grammatica no tempo que reynava Affonso V sendo o primeiro, que na Universidade de Lisboa leu a Arte de Joaõ de Pastrana, e a explicou addicionando-lhe muitas cousas mais"

³⁵Referências desabonadoras a Pastrana são encontradas na *Minerva* de Sanctius, datada de 1587 (Miguel B. Rosario, C.P.).

³⁶Exemplificamos com a edição elaborada por Pedro Rombo e impressa por Fernandes:
"SUPERLATIUS Est signum ostendendi relative participationem gradualement per extremum denominationis. [...]. Exemplum Muyto mais asno es que teu parceiro. Componitur. Tu es valde magis asinus quam tuus socius. [...]. Exemplum Todo ho pay he muyto mais velho que o filho. Componitur. Omnis pater est valde senior filio vel quam filius." (8^o. fol.bb4).

Exemplos em português também são encontrados em Vaz ([1502]).

2. Interpretando as gramáticas

Pastrana adicionada de seus comentadores Pedro Rombo e Antônio Martins, feita por Valentim Fernandes, porque nela não estão expostos os sinais de pontuação. Esses sinais, no entanto, fazem-se presentes em João Vaz, também comentador de Pastrana, famoso no mesmo período e que, na mesma Universidade de Lisboa, leu a Arte Nova⁽³⁷⁾. João Vaz é o autor de *In grammaticae rudimentis comentarii* (Lisboa: Hermão de Campos. [1502]), obra em que emendou e reformou "com grande desvelo a Gramatica de Joaõ de Pastrana intitulada *Thesaurus pauperum, et Speculum puerorum*, a qual dictou Antonio Martins em a Universidade de Lisboa [...] com os additamentos que lhe fizera de outro livro chamado *Baculus caecorum*" (Ferreira 1729: 783-4).

Por volta do mesmo período, a *nova gramática* que circulou impressa em Portugal foi a *Nova grammatices Marie Matris Dei Virginis ars*, de Estêvão Cavaleiro (Lisboa: Valentim Fernandes. 1516). Cavaleiro foi inimigo pessoal de Pedro Rombo e, por essa época, já se tornara crítico acerbo de Pastrana. Por ambos os motivos Cavaleiro foi expulso (bem como sua gramática) da Universidade de Lisboa (Leitão Ferreira 1729).

Como veremos a seguir, embora se filiassem a grupos antagônicos e apresentassem diferentes inventários de sinais, ambas as gramáticas compartilharam dos mesmos valores para a pontuação. Apresentamos inicialmente cada uma das *lições* em

³⁷A Arte Nova era a linha dos seguidores de Pastrana.

separado (cf. 2.2.2.1. e 2.2.2.2.), comparando-as posteriormente (cf. 2.2.3.).

2.2.2.1. João Vaz prescreve, dentre outros, dois sinais colocados em alturas diferentes em relação à linha, parecendo reportar-se a uma versão do sistema que Isidoro de Sevilha (ca. 560-636) difundira. No sistema de Isidoro, um mesmo sinal gráfico, com o desenho do atual *ponto*, tinha diferentes valores na dependência de sua posição em relação à linha, como mostrado no *Quadro 1* abaixo. A denominação latina difundida por Isidoro serve de tradução à nomenclatura grega: *subdistinctio* ou *kómma*, *media distinctio* ou *kólon*, *ultima distinctio* ou *téleia* ou *stigmé* (Catach 1980a: 66):

		
<i>subdistinctio</i>	<i>media distinctio</i>	<i>ultima distinctio</i>

Quadro 1. Sistema de três sinais difundido por Isidoro


As explicações que encontramos na literatura especializada acerca das diferenças entre as três *distinctiones* são uma associação de critérios de diferentes tipos, com indicações semânticas, sintáticas e fonéticas de mistura — mais uma vez refletindo a dupla caracterização, como escritor e leitor, do destinatário das exposições antigas. Assim, define-se a *ultima distinctio* como a pontuação forte, indicando que a partir dela

2. Interpretando as gramáticas

começava nova proposição; a *subdistinctio* "mais não indicava do que a possibilidade de interromper a leitura e fazer uma pausa" (Cruz 1987: 100); a *media distinctio* "queria significar que a frase terminada ali já tinha sentido perfeito, embora o período não tivesse acabado" (Cruz 1987:100). (Cf. Bischoff 1986: 169, *que relaciona os três sinais com a maior ou menor duração das pausas.*)

Uma vez que a *ultima distinctio* e a *media distinctio* tinham em comum o fato de indicarem que o sentido estava *perfeito* (i.e., completo, acabado), ambas essas *distinctiones* viriam a convergir, e o sistema ternário de Isidoro sofreria uma simplificação, que entraria em uso no século IX, tornando-se, então, binário: um ponto mais embaixo para sentido incompleto e pausa curta; um ponto ao alto para sentido acabado e pausa longa (Bischoff. 1986:169).

João Vaz refere os seguintes sinais de pontuação: *ponto suspensivo*, *ponto geminado*, *coma* e *semiponto* — os quais estão descritos, mas não desenhados³⁸ no exemplar consultado, embora lhes tenha sido reservado espaço em branco — *cólon* ('), *ponto*

³⁸Nos fols. b2v, b3, [b4], [b5], [b6] e c, os espaços em branco foram preenchidos à mão com o sinal , indicador de período em textos manuscritos. No entanto, tal marcação pode ser da responsabilidade de algum possuidor do livro, a mesma pessoa que teria escrito algumas observações às margens do texto, não tendo sido apostas pelo impressor Hermão de Campos.

2. Interpretando as gramáticas

exclamativo ou admirativo (?), ponto interrogativo (?)⁽³⁹⁾ e parênteses. A lição de João Vaz é a que se segue⁽⁴⁰⁾:

³⁹Embora cause estranheza o mesmo sinal com duas denominações, isto parece ir ao encontro do comentário feito por Lião alguns anos mais tarde, de que havia semelhança entre ambos os sinais.

⁴⁰Estamos traduzindo *oratio* por *discurso* ou por *construção*. Para mais detalhes, Cf. Lausberg (1983).

DE PUNCTIS <S I C> QUIBUS ORATIO DISTINGUITUR.

Punctus suspensivus est simplex verga que solet gratia quietis poni *antequam* sensus aliquis clausule haberi possit hoc modo. [ESPAÇO EM BRANCO]

Geminus punctus est quo utimur vbi clausula maiorem quandam quietem habet. & tamen sensum imperfectum. hoc modo. [ESPAÇO EM BRANCO]

Coma est quo utimur. vbi clausula videtur esse completa. & tamen imperfecta est & ponitur planus in superiori parte lineae hoc modo. [ESPAÇO EM BRANCO]

Colus est punctus qui ponitur in fine clausule quando perfectus est sensus. & ponitur planus. in inferiori parte lineae hoc modo: *vt arma. librosque meos et diripuerunt milites. quamquam eos numquam existimaui huc venturos.* [ESPAÇO EM BRANCO]

Admirativus siue exclamativus est qui in tali oratione ponitur hoc modo. *O hominem fortem?* Interrogativus est qui interrogationem significat hoc modo: *de te vero quid dicam?*

Parenthesis est vbi diuersa oratio imperfecte adhuc <S I C> orationi interponitur. hoc modo. *viui. (quod numquam veriti sumus) peruenimus aduene.*

Semipunctus dicitur virgula quam in fine lineae ponimus. dum dictio nondum est perfecta hoc modo. [ESPAÇO EM BRANCO]

(In Grammaticae rudimentis commentarii. fol.22^v).

[ACERCA DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO, QUE DIVIDEM O DISCURSO.

O *ponto suspensivo* é uma verga simples que costuma ser colocada em função da pausa, antes que algum sentido da cláusula possa ser considerado. Deste modo: [ESPAÇO EM BRANCO].

O *ponto geminado* é aquele de que usamos quando a cláusula tem uma pausa um pouco maior e, entretanto, o sentido ainda está inconcluso. Deste modo:

[ESPAÇO EM BRANCO].

A *coma* é aquela de que usamos quando a cláusula parece estar completa e, entretanto, está incompleta. E é colocada plana, na parte superior da linha. Deste modo. [ESPAÇO EM BRANCO]

O *colón* é o ponto que se coloca no fim da cláusula, quando o sentido está completo. E é colocado plano na parte inferior da linha. Deste modo: Assim: *arma. librosque meos et diripuerunt milites. quamquam eos numquam existimaui huc venturos.* [Os soldados roubaram-me as armas. e os meus livros embora nunca tivesse julgado que viriam aqui]. [ESPAÇO EM BRANCO]

O *admirativo* ou *de exclamação* é aquele que se coloca num tal discurso. Deste modo: *O hominem fortem?* [Oh homem forte?]

O *interrogativo* é aquele que marca a interrogação. Deste modo: *de te vero quid dicam?* [Que direi então a teu respeito?]

O *parênteses* está onde uma construção distinta é interposta a um discurso, até esse momento, inacabado. Deste modo: *viui. (quod numquam veriti*

2. Interpretando as gramáticas

sumus) peruenimus aduene. [Vivos. (o que nunca tememos) chegamos como estrangeiros.]

É chamada *seniponto* a pequena verga que colocamos no fim da linha, enquanto a palavra ainda não está acabada. Deste modo: [ESPAÇO EM BRANCO]'

(Trad. Carlos K. Tannus e Miguel B. do Rosário, c.p.)

2. Interpretando as gramáticas

2.2.2.2. Apesar da diatribe contra Pastrana e seguidores com que inicia sua gramática, Estêvão Cavaleiro nos apresenta exemplos e definições acerca do emprego da pontuação que são praticamente os mesmos expostos por João Vaz, embora o inventário e o traçado dos sinais expostos em ambos os autores não sejam idênticos. A *Noua grammatices* trata da *vírgula* ou *ponto suspensivo* (/), *coma* (:), *cólon* (.), *período* (;), *ponto de interrogação* (?) e *parênteses* (()), estabelecendo seu uso para o latim.

Cavaleiro, diferentemente de Vaz, presta algumas informações aos seus *escolares* acerca de características formais do texto, como o fato de o verbo estar ou não presente, ou de faltarem conjunções. Eis a *lição* de Cavaleiro:

DE PUNCTIS CAPUT PERUTILE
DEQUE EORUM IN ORATIONE LOCO
PROPRIO

Quoniam ars: doctrinaque punctorum non solum legenti: verum etiam audientibus non parum adiumenti praestat: dignum ideo duximus id praeceptum nostris scolasticis tradere. Est igitur punctus signum quoddam mora sua clausulas diuidens sensus distinguens. animum recreans. spatiumque cogitandi relinquens fit quippe punctus aut pronuntiationis mora: aut calami impressione. Sunt autem punctorum genera sex. virgula. vel punctus suspensius. comma. colum. periodus. punctus interrogatiuus. & parenthesis. Virgula: vel punctus suspensius est linea perpendicularis dexteram partem versus erecta. sic / quae recte collocari solet post dictiones verbo: perfectioneque carentes: antequam aliquis sensus clausulae percipi possit. solet autem quietis gratia poni. vocatur quidem a doctis viris subdistinctio. Comma vero est punctus cum virgula superius eleuata ad modum prime virgule. sic : et locatur proprie: et recte post dictiones verbum habentes: sed perfectionis expertes. cui nomen distinctio est. Colum est punctus planus secundum impressionem calami. sic . qui tametsi recte ponatur post dictione <S I C> debitum verbum cum perfectione habentes: significat tamen orationi aliquid non impertinens iungi posse. quae quidem oratio nomen clausulae sortita est. Ponitur quoque colus inter dictiones sine coniunctione con-

[CAPÍTULO ÚTILÍSSIMO SOBRE OS
SINAIS DE PONTUAÇÃO E SEU
LUGAR ADEQUADO NO DISCURSO.

Já que a arte e ensinamento sobre os sinais de pontuação prestam grande auxílio não só àquele que lê, mas, de fato, também aos ouvintes, julgamos, por isso, esta lição digna de levar a nossos escolares.

É, pois, o ponto o sinal que, pela sua demora, separa as cláusulas, distingue o sentido, recupera o fôlego e propicia o tempo de refletir.

Ocorre, portanto, ou pela pausa na pronúncia, ou pela marca da pena.

Seis são os tipos de pontos: *vírgula ou ponto suspensivo, coma, cólon, período, ponto de interrogação e parênteses.*

Vírgula ou *ponto suspensivo* é a linha perpendicular voltada para a direita — assim: / — que costuma ser colocada depois de enunciados carentes de verbo ou de acabamento, antes que se possa depreender qualquer sentido da cláusula. E costuma ser posta por causa da pausa. É chamada, portanto, pelos homens doutos, *subdistinctio*.

A *coma* é ponto com vírgula traçada para o alto, ao modo da primeira vírgula — assim: — e coloca-se adequada e corretamente depois dos enunciados que têm verbo, mas privados de acabamento, cujo nome é *distinctio*.

Cólon é o ponto plano segundo a marca da pena — assim: . — que, entretanto, convém seja posto corretamente depois dos enunciados que tenham o verbo devido, com sentido acabado. Indica, entretanto, que algo

nexas. vt *doctus. sapiens. optat. desiderat. curiose. vaehe-
menter. diuitias. honores.
scientiam.*

Periodus quippe est punctus planus cum virgula curua deorsum ducta. sic.; qui collocatur in fine clausule: quando non modo perfectus est sensus sed etiam ipse sermo: vt quod sequitur: quasi de nouo inchoari videatur. Punctus interrogatiuus est punctus planus cum virgula retorta in superiori parte. sic ? & locatur proprie: & recte post dictionem: aut orationem interrogatiuam. vt *esne asinus ad lyram?* Parenthesis denique est: quando oratio imperfectae adhuc orationi interponitur.

signatur quidem duobus semicirculis illam interpositam orationem includentibus. vt *te ne (dicam: quod sentiam) calamitatibus cedere?* Sane virgula paruam moram in prolatione exigit. comma longiusculam cum suspensa tamen voce. Colus & periodus prolixius interuallum desiderant. exempli causa. *Arma / librosque meos / diripuerunt milites? quamquam eos nunquam existimaui huc venturos. verum aequo animo ferenda sunt haec: de te vero quid dicam? te ne (dicam enim: quod sentio) calamitatibus cedere?* (Noua grammatices. fol. 58^v).

pertinente pode ser ajuntado à construção. É essa construção chamada cláusula. O **cólon** é também colocado entre palavras ligadas sem conjunção. Assim: *doctus. sapiens. optat. desiderat. curiose. vaehe-
menter. diuitias. honores. scientiam.* [douto. sábio. opta. deseja. curiosamente. veementemente. riqueza. honras. conhecimento.]

O **período**, por sua vez, é o ponto plano com virgula curva voltada para cima — assim: ; — que é colocada no fim da cláusula quando não só o significado está completo, mas também o próprio texto, de tal maneira que o que segue pareça começar de novo.

O **ponto de interrogação** é o ponto plano com uma vírgula retorcida na parte superior dele — assim: ? — e é colocado adequada e corretamente depois de palavra ou construção interrogativa. Assim: *esne asinus ad lyram?* [Acaso és tu um burro diante de uma lira?]

Por fim, o **parênteses** ocorre quando uma construção é interposta a uma construção ainda incompleta. Marca-se por dois semicírculos que cercam aquela construção interposta. Assim: *te ne (dicam: quod sentiam) calamitatibus cedere?* [que tu não cedas (darei, pois, o que sinto) às desgraças?]

A **vírgula**, em verdade, exige uma pequena demora na prolação; a **comma**, uma pouco maior, mas com a voz suspensa. O **cólon** e o **período** exigem um intervalo pouco mais prolongado. Por exemplo: *Arma / librosque meos / diripuerunt milites?*

2. Interpretando as gramáticas

*quamquam eos nunquam existi-
maui huc venturos. verum aequo
animo ferenda sunt haec: de te
vero quid dicam? te ne (dicam
enim: quod sentio) calamitati-
bus cedere? [Os soldados rou-
baram/ minhas armas/ e livros?
embora eu julgasse que eles
nunca viriam aqui. mas essas
coisas devem ser suportadas
com ânimo tranqüilo: de ti em
verdade que direi? que tu não
cedes (direi pois: o que
sinto) às desgraças?].]*
(Trad.: Miguel B. do Rosário e
Carlos K. Tannus, c.p.)

2.2.3. Comparemos as explicações de ambos os gramáticos, lançando mão de uma formulação resumida antes de passarmos à análise desses excertos. Consulte-se, pois, o *Quadro 2*, apresentado em seguida.

2. Interpretando as gramáticas

Jose VAZ

SINAL	O QUE MARCA
ponto suspensivo	antes que algum sentido da cláusula possa ser considerado
ponto geminado	sentido incompleto
coma	a cláusula parece completa, mas não está
cólon	fim da cláusula quando o sentido está completo

parênteses	construção intercalada a um enunciado ainda inacabado
exclamação	oração admirativa
interrogação	marca a interrogação
semiponto	fim da linha

Estêvão CAVALEIRO

SINAL	O QUE MARCA
ponto suspensivo, vírgula ou subdistinção	antes que se possa depreender qualquer sentido da cláusula e de aparecer verbo

coma	depois de enunciados com verbo, mas sem acabamento
cólon	depois de enunciado com verbo e sentido completo, mas a que algo pode ser ajuntado; assíndeto
período	fim da cláusula e do discurso, de modo que o que se segue pareça começar de novo
parênteses	construção intercalada a uma ainda incompleta

interrogação	depois de palavra ou oração interrogativa

Quadro 2. A pontuação segundo VAZ e segundo CAVALEIRO

2. Interpretando as gramáticas

Como Vaz e Cavaleiro utilizaram-se de alguns exemplos iguais, torna-se possível comparar a pontuação que ambos recomendaram em suas exposições gramaticais e o modo como ela foi efetivamente empregada nesses textos em latim na prática de dois impressores germânicos⁽⁴¹⁾, Hermão de Campos e Valentim Fernandes.

- 2.1 a. João Vaz:
 ~~arma~~. librosque neos et diripuerunt milites.
 ~~quanquan~~ eos nunquan existimaui huc venturos.
- b. Estêvão Cavaleiro:
 Arma / librosque neos / diripuerunt milites? ~~quan-~~
 ~~quan~~ eos nunquan existimaui huc venturos.
- 2.2 a. João Vaz:
 de te vero quid dicam?
- b. Estêvão Cavaleiro:
 de te vero quid dicam?

Os exemplos transcritos em (2.1-2) demonstram que poderia variar a convenção gráfica, mas que pouco variavam os ambientes em que os sinais deveriam ser empregados, o que nos conduz à hipótese de que princípios comuns estabeleciam o emprego da pontuação.

Observe-se ainda que o mesmo tipo de construção que encabeça os exemplos em (2.1) está presente no texto de Cavaleiro, pontuada com outro sinal, embora no mesmo ambiente. Repetimos o trecho em (2.3) por conveniência:

⁴¹Note-se que (2.1.a), que deveria exemplificar o cólon, um pequeno ponto ao alto, não o exhibe.

2. Interpretando as gramáticas

2.3 Quoniam *ars: droctrinaque punctorum* non solum legenti [....]

A despeito, portanto, das proclamadas diferenças de tratamento gramatical entre os humanistas e os seguidores de Pastrana e da existência de inventários parcialmente distintos, quer na nomenclatura, quer no traçado, havia uma unidade a orientar a utilização dos sinais. Procuremos, então, extrair desses gramáticos aquilo que apresentaram como a caracterização definidora para o emprego desses sinais.

Cavaleiro estabelece a duração das pausas como a contraparte fonética dos sinais, auxílio para aqueles que ouvem. Mas tanto Vaz como Cavaleiro tratam a possível realização fonética dos *puncti* como uma característica suplementar: nem todos têm correlação com pausas na lição de Vaz, e esta correlação, em Cavaleiro, aparece como um comentário final, claramente voltado para o registro especial que é a leitura em voz alta.

Nesses textos de nítida preocupação pedagógica, o destinatário por excelência das exposições é aquele que constrói *por escrito* o texto — aquele que procura desenvolver-se na *ars dictaminis*, i.e. na composição de cartas, discursos, súplicas. Por isso o *sentido completo* — e não uma característica fonética — é o critério fundamental para distinguir cada sinal.

2. Interpretando as gramáticas

2.2.3.1. Parte dos sinais referidos — mais especificamente o *ponto suspensivo* e a *coma* — são utilizados quando "falta acabamento" num enunciado. Cavaleiro afirma que o emprego do *cólon* se faz quando o sentido está completo. O *cólon* difere, assim, do *período*, que indica não só que o significado está completo, mas também que aquilo que for acrescentado "pareça começar de novo".

Essas explicações nos levam a levantar a hipótese de que aquilo que estava em questão quando esses gramáticos referiram o *sentido completo* era a pressuposição de que um elemento no texto estava vinculado mais ou menos fortemente a um outro, também presente no texto⁽⁴²⁾ (cf. *Quadro 2* acima), pois que lhe era contíguo. Em outras palavras, determinado elemento sintático dependia ou de outro. Estaríamos, desse modo, com uma ilustração daquilo a que atrás nos referimos como *princípio da vinculação* [cf. (1.15)], que repetimos por conveniência:

- 1.15 *Junte elementos contíguos, sob pena de deixar o leitor confuso quanto ao que forma ou não uma unidade com o que se segue.*

2.2.3.2. Na prescrição dos vários sinais, Vaz e Cavaleiro fazem emergir um contínuo: a função de cada sinal seria a de

⁴²Excetuem-se a exclamação e a interrogação.

2. Interpretando as gramáticas

indicar determinado grau de dependência entre elementos do texto, numa escala de maior ou menor coesão, como esquematizado no *Quadro 3* abaixo, em que o sinal (+) indica a coesão máxima e (-), a mínima.

MAIOR (+) OU
MENOR (-)
GRAU DE

COESÃO	+		-		
VAZ	ponto > suspensivo	ponto > geminado	coma >	cólon	—
CAVALEIRO	ponto suspensivo	— >	coma >	cólon >	período

Quadro 3. Pontuação e graus de coesão.

A vinculação entre elementos tomada como a mais forte (*i.e.* antes que qualquer sentido da cláusula possa ser considerado) deveria ser assinalada pelo *ponto suspensivo*. A observação de que o *ponto suspensivo* seria empregado "antes de aparecer verbo" sugere que ele marcaria relações num domínio mais restrito, do tipo existente entre elementos dentro de um sintagma não-oracional. O exemplo que ilustra a exposição de Cavaleiro (*Arma / librosque meos*) faz crer que o *ponto suspensivo* tinha como uma de suas funções (ou como sua função) indicar uma leitura distributiva (no exemplo, para o possessivo *meos*, que estaria sendo atribuído tanto a *arma* como a *libros*,

2. Interpretando as gramáticas

bem como para o verbo *diripuerunt*, que se aplicaria tanto a *arma* como a *libros*).

No outro extremo do contínuo, segundo Cavaleiro, estaria o *período*, cuja presença indicaria que tudo o mais que fosse acrescentado parecesse começar de novo, ou, dito de outro modo, que não teria vinculação (ou teria fraca vinculação) com a matéria precedente.

Por sua vez, o *parênteses*, a *interrogação* e a *exclamação* apresentaram-se numa relação um tanto diferente: indicavam, primariamente, artifícios retóricos que faziam emergir a primeira pessoa do discurso.

Tal como a figura da qual lhe advém o nome, o *parênteses* assinalava a interpolação de um enunciado completo que provocava um corte na sintaxe da frase, ainda incompleta e a ser retomada adiante, para que "por um breve momento," se pudesse ouvir "a voz do autor, tecendo comentários...." (Corbett 1965: 467) [*te ne (dicam: quod sentiam) calamitatibus cedere?*]. A *exclamação*, proposta apenas em Vaz, marcaria que determinado trecho não tinha o destinatário do restante do texto, constituindo-se num meio para "revigorer l'expression du propos" (Molinié 1992: 145). A *interrogação* indicaria a figura de mesmo nome, pela qual se nega ou se afirma algo de forma oblíqua, numa tentativa de influenciar sutilmente as crenças da audiência (Corbett 1965: 488-9).

2. Interpretando as gramáticas

A indicação de fim de linha, a ser dada pelo *semiponto*, tinha carácter gráfico apenas.

2.2.3.3. A principal diferença entre ambos os inventários apresentados por esses autores está na maior atenção dada às construções de sentido incompleto ou às construções com sentido completo. No primeiro caso está Vaz, que dedica três desses seus quatro sinais ao *sentido incompleto*: o *ponto suspensivo*, o *ponto geminado* e a *coma*. Já Cavaleiro suprime o *ponto geminado* e, para o *sentido completo*, além do *cólon* arrola o *período*.

Embora a diferença entre as duas listas do *Quadro 3* pareça quase irrelevante, ela é a chave para a compreensão de como uma pontuação que indicava o que "podia ficar contíguo" começou a "separar o que não podia ficar contíguo". Assim é que, ao se enfatizar o *sentido completo*, tornavam-se disponíveis duas análises: (a) a de que se estava frente a um grau fraco de coesão (e que, por conseguinte, se seguia o *princípio da vinculação*); ou (b) de que se separava o que ou não era necessário, embora pertinente, ou o que começava nova unidade (e que, portanto, se seguia o *princípio da separabilidade*). Com a união de *cólon* e *período* em um só ponto e com o fato de este sinal ser único em muitos textos impressos, esta segunda interpretação ganharia peso.

2. Interpretando as gramáticas

2.2.3.4. Nesse sentido, a imprensa parece ter tido papel relevante, ao impor uma simplificação a inventários como aqueles expostos no *Quadro 3*, propostos pelos gramáticos. *Ponto suspensivo* e *ponto geminado*, índices de falta de acabamento, desaparecem nos textos em vernáculo, restando apenas a *coma* para essa indicação. *Período* e *cólon*, que assinalavam sentido completo, viriam a fundir-se num único sinal, como notaria mais tarde Nunes de Lião (1576:76): "O colon & periodo tudo se assinala com hum ponto [....]". Por sua vez, como *cólon* e *coma* indicavam, respectivamente, que o sentido *estava completo* ou *parecia completo*, chegou-se ao máximo da simplificação, que se processou em favor do *cólon*⁽⁴³⁾

2.3. Coesão, Texto e Pontuação

Os sinais de pontuação têm a finalidade de explicitar as relações sintático-semânticas pretendidas pelo escritor entre palavras ou grupos de palavras, bem como de facilitar a interpretação dessas relações por aquele que lê.

Sustentamos nas secções anteriores que o grau de vinculação existente entre elementos do texto foi o fator determinante para a prescrição de diferentes sinais ao longo da Idade Média. Utilizamos até aqui o termo *vinculação* para referir um conjunto de relações que confere unidade a um texto.

⁴³Não estamos levando em conta o caldeirão, a marcação de fim de linha ou as maiúsculas.

2. Interpretando as gramáticas

Vinculação é para nós, portanto, o mesmo que *coesão*. Ou, de modo mais preciso:

Cohesion is a semantic relation between an element in the text and some other element that is crucial to the interpretation of it. This other element is also to be found in the text [...]. The two elements, the presupposing and the presupposed, may be structurally related to each other, or they may not; it makes no difference to the meaning of the cohesive relation.

[‘A coesão é uma relação semântica entre um elemento no texto e algum outro elemento que seja crucial para sua interpretação. Este outro elemento deverá também estar presente no texto [...]. Ambos os elementos, o que pressupõe e o pressuposto, podem estar estruturalmente relacionados entre si ou não; isto não faz diferença para o significado da relação coesiva.’ — Halliday & Hasan 1976:8.]

A definição em nível semântico proposta por Halliday & Hasan e acima transcrita faz pouco mais que traduzir Vaz e Cavaleiro para a linguagem da lingüística contemporânea. Se *A* é crucial para a interpretação de *B*, isto significa que a *B* deverá juntar-se algo mais — ou seja, *A* — e que, portanto, *B* não tem *sentido completo*. Se, por sua vez, *A* não é crucial para a interpretação de *B*, então *A* e *B* são fracamente relacionados, e a *A* pode ou não juntar-se *B*: neste segundo caso, se *A* for acrescentado a *B*, cujo sentido já estava completo, então em *A* o sentido parecerá *começar de novo*; no primeiro caso, *A* não é crucial para a interpretação de *B*, mas é pertinente e lhe pode ser acrescentado. Essa maior ou menor independência coesiva

2. Interpretando as gramáticas

entre elementos do texto — o *contínuo* a que atrás nos referimos — deveria ser indicada pelo uso de diferentes sinais de pontuação.

As definições que Vaz e Cavaleiro deixaram sobre o uso de cada sinal específico limitam, porém, às relações de dependência entre elementos contíguos o tipo de relação coesiva que a pontuação levou em conta. Anáforas, elipses ou substituição lexical não interessaram para o emprego da pontuação.

Vista a pontuação por essa perspectiva, compreende-se por que a análise lingüística que lhe serviu de base não necessitava delimitar a *sentença*: as relações coesivas podem ser estruturais, no sentido de se darem no interior da oração, podem estabelecer-se entre orações e podem transcender o nível da sentença. Compreende-se, assim, a razão de os textos antigos serem tão perturbadores para um leitor moderno no tocante à pontuação: é que "não estão escritos em sentenças", como afirmava Levinson (1985), mas (acrescentamos) em "relações coesivas". Somos levados a compreender, também, por que a identificação da *coma* com a *vírgula* ou com os *dois-pontos*, ou do *cólon* com o *ponto* não resolve qualquer problema para um leitor moderno que se depara com textos antigos; ao contrário, cria-lhe muitos mais impasses.

2.4. Sumário

Neste capítulo procuramos estabelecer a origem dos sinais aqui estudados e interpretamos a lição de duas gramáticas latinas, famosas à época de Fernandes, no tocante à pontuação. Procuramos demonstrar que ambas, apesar de se dizerem antagônicas, utilizaram-se de uma noção semântica, o *sentido completo*, para recomendar os usos da pontuação.

Embora não definido por qualquer dos autores, o *sentido completo* pode ser compreendido como equivalente da noção de *coesão*, que a lingüística da segunda metade do século XX redescobriu ao procurar ultrapassar os limites da sentença gramatical.

A interpretação das gramáticas latinas que apresentamos ao longo destas últimas secções é nosso ponto de partida para a análise do *corpus*. Procuraremos verificar até que ponto o quadro prescrito para o latim ainda se mantinha na fase do português aqui em estudo. Mas, antes, explicitemos as especificidades do *corpus* e a metodologia.

3. ACERCA DO *CORPUS*

Procuramos, anteriormente, sustentar a validade de um enfoque não-contrastivo para a pontuação. Com base nessa independência em relação à fala, apontamos um eixo ao longo do qual a pontuação pode variar. Apresentamos agora a constituição do *corpus* e procuramos fundamentá-la com aspectos da prática escrita em vigor naquele período.

Nas secções que se seguem procuramos demonstrar que essa amostra: (a) é relevante para as hipóteses que procuraremos avaliar; e (b) é representativa da época em estudo e, conseqüentemente, que as generalizações a que chegarmos podem ultrapassar o conjunto limitado de ocorrências em que se baseiam.

Na primeira parte deste capítulo definimos o material que serviu de base à pesquisa. Passamos, na secção seguinte, a focalizar algumas características do material escrito dessa época, que, ao darem ao leitor a dimensão das peculiaridades do *corpus*, ilustram "o princípio de que decisões tomadas ainda na fase da amostragem têm implicações para a análise e interpretação dos dados" (Milroy 1987: 23).

Por último, em decorrência do processo de *transmissão* — i.e., do "processo de reprodução sucessiva de um texto" (Xavier & Mateus, org. 1990: I,383) — justificamos a divisão do universo pesquisado em subpopulações, com o intuito de observar

efeitos da passagem do tempo sobre a pontuação.

Em virtude das modernizações que se costumam efetuar nas edições de texto, em especial, no tocante à pontuação, os dados foram selecionados somente em originais valentinianos e em edições fac-similadas.

3.0. Introdução

Procuramos aqui responder detalhadamente à pergunta formulada em (3.1.) abaixo:

- 3.1. *Podemos estudar a pontuação do português na fase que imediatamente precede as primeiras gramáticas com base apenas em impressos e, além disso, saídos de uma única casa impressora?*

Responder a (3.1.) implica atentar para tópicos ligados à *transmissão*. A *transmissão* imprimiu características específicas às fontes para o estudo de fases antigas de uma língua como o português, devido à liberdade de que se gozava no passado para introduzir nas cópias alterações em relação ao texto-modelo. Tais características, por conseguinte, têm de ser cuidadosamente observadas na preparação de um *corpus* de material lingüístico dessa fase, sob o risco de se invalidar os resultados da análise. Esses cuidados asseguram, pois, a representatividade da base de dados constituída.

3.1. O Corpus

O *corpus* desta pesquisa é composto de obras em português, em prosa, impressas por Valentim Fernandes. Das 14 obras que ele imprimiu em português (cf. Quadro 6, no final deste capítulo, para uma lista de toda a obra impressa por Fernandes) selecionamos seis (cf. Apêndice B para dados sobre a transmissão de cada texto em particular): (1) a *Prohemial Epistola* (1495), que serve de prólogo à *De Vita Christi*; (2) a própria *De Vita Christi* (1495); (3) *Ho liuro de Marco paulo* (1502); (4) o *Trallado da carta de hũu genoues* (1502); (5) o *Cathecismo pequeno da doutrina & instruçam que os christãos han de creer & obrar para conseguir a benaaventurança eterna* (1504); e (6) as *Os çinco liuros das ordenações del-rey D. Manuel*.⁽⁴⁴⁾

Restringimos os dados a textos em prosa, mas com temática variada, para abranger diferentes estilos: dois têm carácter religioso (a *Vita Christi* e o *Cathecismo*), dois são relatos de

⁴⁴ Dentre as obras excluídas dos dados estão todas aquelas que, ao menos em tese, pudessem ser questionadas quanto à casa impressora: (a) *A regra & deffinições da ordem do mestrado de nosso senhor jhesu christo* (1504?), *Os autos dos Apostolos* (1505) e os *Evangelhos & epistolas com suas exposições em romance* (1518?), não assinadas por Fernandes, mas que lhe foram atribuídas com base em características materiais; e (b) o *Compromisso da Confraria da Misericórdia* (1518), de que há duas edições, ambas com o nome do impressor moravo no cólofon, sendo uma não anterior a 1550 (Norton 1978:508). No caso dos *Evangelhos & epistolas* chega-se mesmo a suspeitar de que se trate de um Bonhomini, não de um Fernandes (Norton 1978:508).

Não selecionamos também: (a) o *Regimento proveytoso contra ha pestenença, em virtude de não estar datado*; (b) o *Vespasiano* (1498), o *Liuro de Nicolao veneto* (1502) e o *Regimento dos officiais* (1504), cuja exclusão foi aleatória; (c) tampouco selecionamos o *Reportorio dos tempos*, mas, neste caso, em razão de não termos conseguido acesso ao original.

viagens (*Marco paulo e o Trallado da carta de huĩ genoues*), um é texto legal (*as Ordenações*); por fim, incluímos um prólogo escrito pelo próprio Valentino de Morávia (*Prohemial epistola*).

Parte dos textos registrava apenas o uso do *cólon*, enquanto outra parte registrava, além do *cólon*, a *coma*. Procuramos, por isso, compor com as obras selecionadas dois subgrupos de características semelhantes para observação. Assim, selecionamos para cada subgrupo: (a) dois textos impressos no mesmo ano, mas com idades diferentes no tocante à primeira redação em português; (b) uma obra impressa mais tardiamente, preparada diretamente para o prelo. Resumimos essa divisão nos dados em seguida, em (3.2):

3.2. a. Obras com *cólon*, sem *coma*:

Marco paulo (1502)

A carta do genoues (1502)

Ordenações (1512-3)

b. Obras com *cólon* e *coma*:

Prohemial epistola (1495)

Vita Christi (1495)

Cathecismo pequeno (1504)

O *Quadro 4* lista as obras de Valentim Fernandes que estudamos, determinando a extensão do excerto utilizado bem como sua localização na obra (*para a íntegra dos excertos, cf. Apêndice C*) e, entre parênteses, a abreviatura pela qual cada obra será referida nas citações.

3. Acerca do corpus

TEXTO/ IMPRESSÃO (ABREVIATURA)	EXCERTO	Nº. DE LINHAS	PONTUAÇÃO EMPREGADA
SÉCULO XV			
1495 <i>Prohemial</i> <i>Epistola (PE)</i>	íntegra	249	coma; cólon
<i>Vita Christi</i> (VC)	I,26',a- -28,c	336	coma; cólon
SUBTOTAL		585	
SÉCULO XVI			
1502 <i>Marco paulo</i> (MP)	I,20-22 II,29'-30'	244	cólon
<i>A carta</i> <i>do genoues</i> (CG)	íntegra	187	cólon
1504 <i>Cathecismo</i> (Cath)	I,12-15	204	coma; cólon
1512-13 <i>Ordenações</i> (OrdVF)	I,1-2' II,43'-44'	203	cólon
SUBTOTAL		838	
TOTAL		1423	

Quadro 4: Constituição do corpus

Ao escolher os excertos, procuramos inicialmente somar um número aproximado de linhas para os séculos XV e XVI. Para cada texto, isoladamente tomado, procurou-se manter a extensão de

3. Acerca do corpus

cerca de 200 a 250 linhas, contadas no texto original⁽⁴⁵⁾, à exceção daqueles que, por serem relativamente breves e embora apresentados na íntegra, não alcançaram esse total, ou que, escritos em duas colunas, tinham linhas de menor extensão. Determinada a extensão dos excertos, restavam questões que, ao dizerem respeito aos dados, eram relevantes para a validade dos resultados da própria análise. O objetivo do trabalho estava em buscar a REGULARIDADE existente no emprego da pontuação dessa fase, e queríamos, por essa razão, evitar ao máximo qualquer variação que se devesse a uma diversidade de orientações gráficas que estivessem em vigência em diferentes centros produtores de impressos.

Havíamos-nos concentrado num recorte restrito do universo constituído por tudo o que fora escrito nessa época em Portugal: apenas impressos, apenas um impressor e parte das obras eram traduções. Poderíamos alcançar, a partir de tais dados, generalizações válidas acerca da pontuação paleotípica?

Argumentamos que esse subgrupo específico pode ser justificado com base em critérios objetivos e defensáveis, os quais passamos a apresentar.

⁴⁵ A extensão comum em trabalhos do gênero parece estar por volta de 300 linhas. Cf. a título de exemplo, os trabalhos citados em Lightfoot (1979: 182)

3.2. A Justificação do *Corpus*

Focalizamos, inicialmente, o fato de termos restringido os dados a impressos, que, além de selecionarem diferentes sinais de pontuação, nessa época começam a aprofundar sua diversidade em relação aos manuscritos quanto ao grau de impersonalidade.

Com a finalidade de esclarecer em que consistia a liberdade, acima referida, em introduzir alterações na cópia, que se tornava assim diferente do texto-fonte, primeiramente comparamos o *scriptorium* com a *oficina tipográfica*, colocando em paralelo o *chefe do atelier* e o *corretor* na tarefa de interferir num texto; em seguida, focalizamos especificamente a oficina valentiniana. Passamos então a uma questão relacionada: a da inclusão de *traduções* no *corpus*.

3.2.1. A Seleção de Impressos

Em virtude da maior regularidade gráfica que caracterizou os textos impressos, estes impuseram-se como material para uma pesquisa que procurava levantar a regularidade da pontuação desse período.

O material manuscrito — especialmente o de carácter pessoal — obedece, em regra, a uma disciplina ortográfica menos rígida do que o material im-

3. Acerca do corpus

presso⁽⁴⁶⁾. Para este, contextos em que a convenção possa ser dúbia são resolvidos de uma vez por todas, ainda hoje, por cada casa impressora (Quirk *et alii*: 1055).

3.2.1.1. No período em estudo, as escritas manuscritas perdiam espaço em dois terrenos importantes: o livro e, em menor grau, os documentos oficiais. Em território português, recorde-se a empresa a que se propôs D. Manuel I (1495-1523), de coligir e mandar imprimir todo o material jurídico que governaria seus domínios. Como consequência dessa perda, acentuava-se um certo relaxamento na "escritura de mão" — iniciado no fim da Idade Média — entre os profissionais da escrita: os escribas e os notários (Higounet 1955: 114-5). Como observa Higounet (1955:- 115 - *ênfase acrescentada*), "L'écriture manuscrite contemporaine des débuts de l'imprimerie est devenue *irrégulière, très rapide et personnelle*". [A escrita manuscrita contemporânea dos primórdios da imprensa tornou-se irregular, muito rápida e pessoal.]

3.2.1.2. Contrariamente, nessa época os impressos buscavam regularidade não só no tocante à ortografia, mas também a aspectos formais, acentuando uma tendência já encontrável nos

⁴⁶ Quirk *et alii* (1980:1058): "...the conventions as a whole are observed with a variety and low level of consistency in manuscript use (specially personal material, such as private letters) which could not be inferred from the rigour that obtains in the majority of printed material."

3. Acerca do corpus

manuscritos saídos dos *scriptoria*. Se a Idade Média conheceu o enregramento⁽⁴⁷⁾, por exemplo, este pôde ser desrespeitado (*Fig. 12*). O enregramento não impediu que correções e acrescentamentos fossem incluídos quer nas margens, quer entre duas linhas escritas, como não impediu que a exigüidade de espaço na linha a ser preenchida autorizasse o uso de abreviaturas por letras sobrescritas⁽⁴⁸⁾, que igualmente diminuiam em muito o espaçamento entre as linhas. A tudo isto junta-se a possibilidade, de que o copista e o escriba dispunham, de deliberadamente suprimir partes de texto já escritas pelo cancelamento à tinta (*Fig. 13*).

A nova técnica mudava a concepção de representação gráfica. Ao tornar disponíveis recursos que permitiam regularizar — de um modo que um copista não poderia realizar — o aspecto gráfico do material editado, criava uma nova *gramática da escrita* que estava longe de se constituir em simples transcrição de traços da língua oral.

No caso específico da pontuação, nos impressos ela sub-

⁴⁷ Num *scriptorium*, preparação do papel para a escrita, com lápis fino e ponta seca, pela indicação das dimensões das margens, das linhas e do espaço entre estas.

⁴⁸ Apresentamos alguns exemplos dessas abreviaturas (Borges Nunes 1980-1: 67). O sublinhado indica a parte da palavra que foi abreviada:

fructo frcto
nobra nob^r
sineiro sine^ro
tres tr

metia-se rigorosamente à configuração da mancha tipográfica: se a inclusão de um sinal interferisse na justificação da margem, ele não seria colocado. O *cólon*, por exemplo, foi frequentemente abandonado em favor da maiúscula na palavra que iniciava a linha subsequente, junto à margem à direita da mancha, para que a justificação não ficasse prejudicada. Exemplificamos essa prática em (3.3) com dois casos de introdução de discurso direto extraídos de textos impressos em diferentes oficinas. Indicamos a mudança de linha com o sinal #:

3.3 a. & disse jacob #

Senhor a my me chamam gays & som de roma & me#
stre salla de meu senhor & vosso emperador.
(Anônimo. *Vespasiano*. 1496. fol. [a6])

b. & a parte que fica em a mão dereyta #
poõe ha sobre a patena dizendo #
Qui viuit.

(Sanchez de Vercial. *Sacramental*. Lisboa: João
Pedro Bonhomini de Cremona. 1502. fol. b3)

A exemplificação em (3.3.) acima — extraída de obras editadas por impressores diferentes, oriundos de diferentes regiões da Europa, em datas diferentes, mas já em torno de Quinhentos — visa a ilustrar o modo como características tipográficas impuseram regularidades à forma do texto. A regularização foi além da imposição do gótico como a *letra negra* por toda a Europa até meados do século XVI: afetou o inventário das abreviaturas e também dos

sinais de pontuação⁽⁴⁹⁾.

3.2.1.3. Além de apresentarem variações na pontuação devidas a uma certa flexibilidade que parece ter sempre existido no uso manuscrito, distinguiram-se os manuscritos dos impressos na medida em que a pontuação de ambos não se fazia necessariamente com os mesmos sinais. Na segunda metade do século XVI, Lião (1576) observava a existência de sinais empregados em qualquer escrito, e anotava, ao lado de sinais utilizados em impressos, aqueles usados pelos "scriptores de mão":

E os pontos que neste tempo se vsão, no partir & diuidir as clausulas, assi na scriptura de mão, como na stampada, são tres .scilicet. virgula, coma, colon [....]

O XI. [i.e., o sinal -] se chama nas impressões diuisão quando no fim da regra acerta de vjr hãa dição, que por não caber nella, se parte, para se acabar na regra seguinte. O qual se põe no fim da regra, na derradeira syllaba da dição interrupta, desta maneira, Antõnio, para demonstrar que a dicção não stá acabada.

O XII. [i.e., o sinal ^] he o angulo ou meta, que os scriptores de mão vsão, quando lhe esqueceram palavras, que vão per entrelinha, ou se põem na margem da scriptura, com o qual mostramos que naquelle lugar onde elle stá, se hão de metter as taes palauras [....]
(Lião 1576: fol.74^v - 78 - ênfase nossa).

⁴⁹ No período em que Valentino de Morávia está em atividade, as abreviaturas por letras sobrescritas não são utilizadas em impressos. São ainda muito comuns, porém, as abreviaturas ligadas a certas letras, como *p*, *q*, *s*, *r*, o traço sobreposto e alguns sinais especiais, como ⁹, para indicar as seqüências "us", "os" e "com".

3. Acerca do corpus

Lião é cerca de meio século posterior a Fernandes, e em seu tempo já *coma*, *cólon* e *vírgula* — mas não todos os sinais — estão presentes tanto nos manuscritos como nos impressos portugueses. Para a fase que estudamos, a distinção entre sinais manuscritos e sinais impressos parece ser maior: a título de exemplo, comparem-se a *Vita Christi* alcobacense com a valentiniana, das quais retiramos os dois exemplos abaixo, em (3.4.).

3.4.

Esto crisostomo. E segue se mais que el nom a conheceo atees que paryo o seu primogenito filho. porque elle nascido muyto mais conheceo a dignydade della que ante. E uerdadeiramente nom conheceo *prímeiro* quanta uirtude em ella auya/ mas depois que paryo a conheceo. porque mais fremosa & melhor cousa era que todo o mundo. Ca aquel que todo o mundo non podia em si tomar/ ella soo foy a que o recebeo na streita camara do seu uentre. Ou nom a conheceo .*scilicet*. per ajuntamento matrimonial/ por aquello que ouira dizer ao angeo della. E deuesse tomar aquella palaura/ nom a conheceo **atees que?** Aquel ateesque se entende por nunca. & he hũa figura a que chamam tropus [.....]

(VC. ms. alcobacense. fol. 26^v)

E esto crisostomo. & segue se **[mais que elle nom o conheceo atees que pario o seu primogenito filho]** porque elle nascido muyto mais conheceo a dignidade della que ante. E verdadeiramente nom conheceo *prímeyro* quanta virtude em ella auia mais depois que pario a conheceo porque mais fremossa & melhor cousa era que todo o mundo. ca aquelle que todo o mundo nom podia em sy tomar ella soo foy ha que o recebeo na streyta camara do seu ventre. Ou nom a conheceo. *scilicet*. per ajuntamento matrimonial. por aquello que ouira dizer ao angeo della E deue se tomar aquella palaura *nom* a conheceo atees que. aquelle atees que: se entende por nunca. E he hũa figura a que chamam tropus [.....]

(VC. Lisboa: Valentim Fernandes. fol. 27)

Afora o *cólon*, os trechos em (3.4) não apresentam qualquer outro sinal em comum. Juntem-se novas cópias manuscritas e surgem outros sinais mais. Exemplificamos. Este capítulo da *Vita Christi* presta-se a ser parcialmente comparado com o capítulo 87, denominado *Tralladado do liuro de vyta christi*, de outro manuscrito mais antigo, que é o *Leal cõsselheiro*, de D. Duarte (BNP, ms. portugais 5). Comparem-se três pequenos excertos, transcritos em (3.4):

3.4. a. Onde sam jeronimo/ grande misericordia he na uyda presente/ nom poder homem guançar misericordia/. E ssegundo agustinho/ grande he a ssanha de deus/ quando nom correge o pecador/ mas da lhe licença longa de cayr em pecado./ ¶ Algũas uezes porque aja mayor sperança em deus/ & tenha mayor fee em el/ Onde agustinho/ com temor deues de sseer quando te uay bem [....]

(D. Duarte. 1438? *Leal consselheiro*. ms. alcobacense. fol. 90^v)

b. Onde sam jeronimo. grande misericordia he na ujda presente nom poder homem guançar misericordia. E segundo agustinho grande he a sanha de deus quando nom correge o pecador/. mas da lhe lecença longa de cayr em pecado. Algũas uezes porque aja mayor sperança em deus & tenha mayor fe em el Onde agostinho. com temor deues de seer quando te uay bem.

(VC. ms. alcobacense. 1445. fol. 27^v)

c. Onde sam jeronimo grande miseria he na vida presente nom poder homem guançar misericordia. E segundo agustinho grande he a sanha de deus: quando nom correge o pecador mas da lhe licença longa de caer em pecado. Algũas vezes porque aja major esperança em deus: & tenha mayor fe em elle. Onde agustinho. com temor deues de seer quando te vay bem: [....]

(VC. Lisboa: Valentim Fernandes. 1495. fol.28)

As três versões, juntas, servem para demonstração de que a inclusão de manuscritos no *corpus* viria a lhe adicionar vários sinais de pontuação, mas não lhe acrescentaria, no tocante à regularidade no uso (nosso objetivo), contextos de emprego muito diferentes dos que tínhamos nos impressos. Ao contrário (*cf. seção 3.2.1.1.*): há pontuação introduzindo o discurso direto, antecedendo determinadas conjunções, indicando tópico. Por conseguinte, a restrição a impressos permitia-nos evitar o surgimento de problemas na fase de análise devidos a elencos extensos de sinais. Some-se a isso a "flexibilidade" a que acima nos referimos: é que, como cada obra era copiada por várias mãos, seria necessário avaliar para cada uma delas não só os sinais efetivamente empregados, mas ainda a consistência de cada uma no emprego dos sinais⁽⁵⁰⁾. Somente quando ultrapassadas tais etapas poderíamos retornar à busca dos contextos em que a pontuação fora regularmente empregada.

3.2.2. A Seleção de uma Única Casa Impressora

A existência de uma linha diretora em cada oficina tipográfica permitiu-nos centrar a pesquisa na atividade de um único impressor. Procuramos minimizar, desse modo, variações nos dados devidas a diferentes orientações estabelecidas em diferentes oficinas.

⁵⁰ Um exemplo: as duas primeiras mãos que copiam o primeiro livro da *VC alcobacense* fazem pouco uso do caldeirão, ao contrário da mão que copia os fólhos 157 ss.

3. Acerca do corpus

3.2.2.1. A oficina tipográfica começaria, já no século XV, a ganhar o espaço que na Idade Média pertencia ao *scriptorium*⁽⁵¹⁾ na produção do livro e do material jurídico.

Do mesmo modo que o *scriptorium* medieval — cujo estilo era manifesto na ornamentação e no tipo de letra, comum a todas as mãos, garantido e supervisionado pelo *chefe do atelier*⁽⁵²⁾ — a tipografia impôs formalmente aos seus trabalhos um estilo que nos permite, na ausência de cólofons e marcas impressórias, atribuir um texto a uma tipografia a partir de características materiais como capitais ornamentadas, xilográficas ou desenhadas após a impressão, tipos e sua disposição no texto segundo uma distribuição específica⁽⁵³⁾. Tal unidade de estilo nos impressos de uma mesma oficina deveu-se à presença de um orientador a dirigir a execução dos trabalhos, com função equivalente à que o chefe do atelier ocupava no *scriptorium*. Nos primeiros anos da tipografia, essa função foi exercida pelo *mestre impressor* (Haebler 1933). O *mestre impressor* não detinha apenas o conhecimento técnico do seu ofício. O título de *mestre*, entre

⁵¹ Designação do cômodo em que os escribas trabalhavam num mosteiro e que, por extensão, passou a designar um local de produção de textos com características bem marcadas, i.e., com uma *scripta* (ou "dialeto gráfico") própria.

⁵² A título de exemplificação de características que distinguem um *scriptorium*, cf. Miranda (1988), que trata das capitais ornamentadas dos textos alcobacenses.

⁵³ Não pretendemos dizer com isso que seja tarefa fácil a atribuição de textos a *scriptoria* ou oficinas. Tão somente afirmamos que é possível, com base em dados materiais e em estudos bibliográficos em geral, pressupor, com maior ou menor grau de certeza, qual teria sido a proveniência de um testemunho.

os primeiros impressores, se designava aquele que podia dirigir outros oficiais e aprendizes, indicava também um homem culto. E *mestre*, muitas vezes, era um título universitário (Haebler 1933).

3.2.2.2. Não ficavam restritas, porém, à qualidade gráfica da obra as preocupações com a produção de uma nova edição ou de novo manuscrito: estendiam-se à escolha do modelo textual a ser reproduzido. Tal escolha pressupunha, normalmente, "pesquisas preliminares, acompanhadas, em certos casos, de um verdadeiro trabalho filológico" (Dain 1964: 27), porque quem copiava podia explicar o que considerasse obscuro, ou emendar o que não lhe parecesse bem, ou apensar à obra outros textos a ela relacionados que lhe facilitassem o entendimento. Quem copiava interferia, pois, no texto.

No *scriptorium*, essa tarefa "filológica" cabia ao *chefe do atelier*; na oficina tipográfica, particularmente durante o período incunabulístico, cabia ao próprio *mestre impressor*, que, desse modo, chamava a si as funções de *corretor* (Haebler 1933). Na oficina, cabia ao corretor⁽⁵⁴⁾, como sua mais importante atribuição, a adaptação da

⁵⁴ Gaskell e Haebler, embora fazendo referência a corretores, parecem ter em mente ocupações distintas. Gaskell (1872: 110-8) fala do responsável pelo acompanhamento do trabalho dos compositores, i.e., do *corretor de provas*; Haebler (1933:158-84) refere-se a um profissional responsável pela qualidade e correção do texto a ser impresso, i.e., ao *corretor de modelo*, que podia também ocupar-se da supervisão do trabalho dos compositores. A diferença no nível de especialização de tarefas

3. Acerca do corpus

fonte manuscrita (Haebler 1933: 162) e a responsabilidade pela qualidade do texto a servir de modelo, em termos de clareza e de aprofundamento do tema.

À medida que a arte impressória se consolidava, o reconhecimento da importância do corretor na qualidade do produto final da edição aumentava, e começam a surgir contratos de impressão que obrigavam sua presença (*cf.*, para exemplos, Atanásio Lopez 1942; Pérez Pastor 1895).

Na documentação que nos legou, Valentim Fernandes testemunha que se encarregara da qualidade textual daquilo que se imprimia em sua oficina. Estando ou não um corretor a ele subordinado, Fernandes assume a responsabilidade pela orientação da obra que imprimiu, parecendo ter sido ele próprio corretor em sua oficina. No prólogo que escreveu para a edição dos *Autos dos Apóstolos*, por exemplo, relataria o esforço que pessoalmente despendeu, porque

o original per que auia de empremir os outros liuros nom tinha prologo, pera saber quem fora ho autor que ho fizera [....] Pello qual reuolui todos meus liuros ata que achey huũ liuro intitulado genesi alfonsij.

Na edição do *Marco paulo*, ao lhe juntar *acrescentamentos*, não pretendeu emendar a obra, "que tã boã & perfecta he. mas porque os simprizes & nom letrados *melhor sejam informados* das

parece dever-se ao próprio desenvolvimento da arte tipográfica: Haebler focaliza apenas a fase incunabulística; Gaskell focaliza a feitura do livro a partir exatamente de 1500.

repartições daquellas prouincias":

d No principio deste liuro ponho hũas adições. *scilicet*. de Ethyopia. Arabia Persia. & India. & de como estas prouincias som repartidas. As quaaes adições tirey de huũ liuro de latim em lingoagem portugues. ho qual liuro foy enuiado de Roma a el Rey dom Joham o segundo. cuja alma *deus* tem. Ca despoys que estiuier desocupado & vijr *que* a minha grosseira tralladaçam nom seja molesta aa vossa Ilustrissima magestade & aos vossos subditos. eu acabarey ho dito liuro de todo tralladar. E nom ponho aqui estas adições pera emendar a presente obra. que *tam* boa & perfecta he. mas porque os simprizes & nom letrados melhor sejam informados das repartições daquellas prouincias do vosso titulo real. ho qual nosso senhor vollo acreçente. (MP. fol. A3^v)

Valentim cria que a intervenção do corretor podia trazer qualidade a um texto, livrando-o até mesmo dos erros introduzidos pelas sucessivas cópias, que resultavam da incúria dos "ignorâtes escriuães. *que* cõ pouca diligencia & muy incorrecta" (*id.*:A3) escreviam:

E porque os *nomens* das prouincias çidades & lugares. & *nom* menos as ylhas por longuos *tempos* mudaram seus *nomens*. Outrosy os latinos em sua cosmografia poçe as ditas prouincias & terras taes *nomens*. *que* ho simprez & *nom* letrado os *nom* pode entender assi como o vosso regno de Portugual he chamado pello latim Lusitania & a çidade de Seuilha Hyspalis. & a ylha de Ingraterra Albion. E assi mesmo corrompem os taes vocabulos pella diuersidade das lingoas *que* desuairadamente pronunçiam os ditos vocabulos. & despois as tralladações delles de hũa lingoa em outra. & sobre todo taaes vocabulos se corrompem dos ignorantes escriuães. *que* com pouca diligencia & muy incorrecta os escreuem. & assy se huũ mal escreue sobreveem o outro & escreue muyto peyor. polla qual ficam taes vocabulos corruptos. ou per ventura fora do seu verdadeiro princípio E esto despois causa grande duuida em os autores

quando nom concordam em os taes vocabulos. pello qual suplico humilmente & rogo a todos aquelles que vaam pera aquellas terras. das quaes ho presente liuro faz mençam. que taes vocabulos queiram emendar na verdade como oje se chamam & perdoem & esto mesmo digo no fim do liuro.

Seus prólogos testemunham o quanto de trabalho despendeu no sentido de dar qualidade à sua obra.

3.2.2.3. Mas as preocupações com a qualidade do modelo textual não ficavam presas apenas a aspectos do conteúdo da obra: faziam ainda caber ao corretor, no preparo de uma nova edição, a modernização lingüística do texto, com o intuito de torná-lo acessível ao público de sua época.

Valentim Fernandes teve a seu serviço como corretor, na *Vita Christi*, um Fr. André, que sob sua orientação emendara o "modo de sentenciar", mas mantivera parte dos "antigos vocablos" e que, por isso, não deveria ser criticado:

A qual obra tam virtuosa & como pertence assi castigada pello venerauel padre & deuoto religioso frey andree obseruante da religiam de san francisco de vossa & sua alteza orador deuotissimo: emendada & bem corregida em ho modo de sentenciar. E posto que dos antigos vocablos na presente algũs se achem que aos modernos destes nossos tempos: os quaes de gentijs & doços termos se prezam. & os enueterados como grossos engeitam: gosto de suauidade nom offereçerem. nem ha queirom de si como cousa fastidiosa & insipida vomitar a penuria dos nouos vocablos a esto dando causa muy grande donde ho dicto padre he mais digno de venia que de reprehensom. E assi com a dicta correcçom clara & illucida: a petiçam & mandado da dicta senhora Raynha [....](PE. fol.3^v)

A responsabilidade de Valentim Fernandes pela expressão lingüística de sua edição ficaria novamente atestada num pequeno trecho do prólogo que escreveu para *Os Autos dos Apostolos* (ênfase acrescentada):

E porque neste lyuro vam muytas pallauros do falar antiigo que mais parecem galegas que portuguesas nom ponha vossa alteza culpa ao empressor. Porque [....] que a el Rey nosso senhor apraue [....] que nom fossem mudados os vocablos antiigos em modernos. & que ajuntasse as epistolas de alguis apostolos [....] o que todo tenho feyto graças sejam dadas a deus.

Ao desculpar-se pela antigüidade do vocabulário, Valentim demonstrava que cabia a ele, acima de qualquer corretor ou corretores que pudessem estar a seu serviço, a responsabilidade pela tarefa de adequar o texto ao público leitor também no tocante ao aspecto lingüístico. Se o não fizera nos *Autos*, tal se devera à vontade expressa do rei D. Manuel, que lhe encomendara a edição. Ao referir-se aos "modernos destes nossos tempos" que, por 'emgeitarem como grossos' os termos antigos, desaprovavam a correção feita por Fr. André para a edição da *Vita Christi*, Valentim dava testemunho da mudança que se havia processado no português, mas, ao mesmo tempo, da liberdade que tinha para adaptar ao novo público a língua em que a obra fora escrita.

3.2.2.4. Coube à casa impressora, durante o período paleotípico, a responsabilidade pelas escolhas ortográficas. A casa

impressora detinha "o poder de ditar a lei ortográfica", dizem Buesco (1981: 199), apoiando sua afirmação com dois exemplos. O primeiro é um trecho de uma carta de Giovan Battista Gelli, um dos participantes da disputa que ficaria conhecida como "Questione della lingua" (cf. Padley 1988:19ss). Gelli declarava, acerca de um dos seus trabalhos, ter "lasciato la cura della ortografia allo stampatore" ['deixado o cuidado da ortografia ao impressor']. O segundo exemplo é uma crítica do gramático Juan de Valdés ao *Anadis de Gaula* de Garcí Rodrigues ou Garcí Ordoñez de Montalvo⁽⁵⁵⁾: "Quanto a la ortografia no digo nada, porque la culpa se puede atribuir a los impressores y no al autor del libro" (Buesco 1981:199; 1983:72).

Do mesmo modo que outros traços lingüísticos, a pontuação era revista para a nova edição. Tal revisão podia afetar o inventário de sinais: o manuscrito podia ser pontuado com sinais diferentes daqueles empregados na nova edição, como se pode constatar pelo confronto da *Vita Christi* alcobacense de 1445 com sua cópia, a *Vita Christi* valentiniana de 1495 (Ivo Castro, c.p.), a que nos referimos na secção anterior.

3.2.3. A Seleção do Impressor

Selecionamos um impressor de relevo, cujos trabalhos ainda hoje causam admiração. A casa impressora de Valentim

⁵⁵ Equivocadamente Buesco direciona as críticas de Valdés não a Garcí Rodrigues, mas a Nebrija.

Fernandes, ou Valentino de Morávia, foi aquela que gozou de maior prestígio em sua época em solo português e aquela que influenciou os trabalhos de outros importantes impressores que trabalharam em Portugal no período, como João Pedro Bonhomini de Cremona e Hermão de Campos (Norton 1978: 491; Cepeda 1982-9: I, lxxv)⁽⁵⁶⁾. Foi, portanto, um modelo em seu tempo. (*Para mais detalhes sobre Valentim Fernandes, cf. Apêndice A.*)

3.2.4. A Seleção de Traduções

Como consequência das modificações impostas sobre os originais de imprensa, os textos que formam o *corpus* deste trabalho — como os que compõem qualquer *corpus* medieval ou renascentista — são "*traduções*", e utilizamo-nos aqui do termo com a ampla acepção que Jakobson (1959) e Buridant (1983) lhe atribuíram. Talvez fosse mais exato afirmar que os textos do *corpus* são *translationes*.

Até o século XVI o português desconheceu o vocábulo *traduzir* e o conceito que lhe é modernamente atribuído de 'transpor um texto de uma língua-fonte para uma língua-alvo'⁽⁵⁷⁾. *Tralladar*, termo então em uso, era mais abrangente. Uma

⁵⁶ Após a parceria com Fernandes em 1504, Bonhomini adota os mesmos cuidados do moravo na justificação das margens, na distribuição dos erros gótico e latino e na separação de sílabas ao fim da linha, cuidados não encontráveis no *Sacramental* de 1502.

⁵⁷ Buridant (1983: 102): "Tout compte fait, si jusqu'au XVe. siècle, le savant *translater* et sa famille est au centre du champ notionnel, entouré d'un grand nombre de satellites qui le concurrencent, comme ceux à base roman, le XVIe. siècle voit

3. Acerca do corpus

consulta ao dicionário etimológico de J.P. Machado é elucidativa a esse respeito: ao atribuir a *translado* apenas o sentido geral de algo 'transferido, copiado', reflete, em última análise, a concepção de que 'traduzir' ou 'copiar' eram percebidos como único ato de 'transferência' ou 'transporte'. O fato de a língua em que fora escrito o texto-fonte ser ou não aquela em que se processava a redação do texto-alvo não parece ter constituído razão suficiente para distinguir no léxico, a princípio, ambas as tarefas. Em outras palavras: a mesma liberdade para alterar, acrescentar ou suprimir partes em relação ao modelo copiado tanto era permitida ao se "trasladar" São Bento (480-547) do latim "em lingoagem português" séculos mais tarde, como ao se reescrever um texto já escrito em português havia 50 anos, como é o caso da *Vita Christi* de 1495, que reescrevia o texto português de 1445. No primeiro caso estaríamos perante uma tradução interlínguas; no segundo, frente a uma tradução intra-língua (Jakobson 1959; Buridant 1983).

No caso de uma tradução intra-língua, ter-se-ia a "interprétation des signes linguistiques au moyen d'autres signes de la même langue" ['a interpretação dos signos linguísticos através de outros signos da mesma língua'] (Jakobson 1959: 79), e Buridant nela incluiu a passagem de manuscrito a impresso em

l'implantation et l'expansion decisives, dans l'Europe occidentale, des emprunts de *traducere* dans son acception nouvelle (qui ne gagne pas l'Angleterre cependant, s'en tenant à *to translate, translation*)." Quanto ao vocábulo *tradução*, sua entrada no português é ainda mais tardia: data do século XVII.

fins do século XV, bem como as diversas reescritas de um texto na "mesma" língua em épocas diferentes. No caso da tradução interlínguas — a "interprétation des signes linguistiques au moyen d'une autre langue" [a interpretação dos signos lingüísticos através de uma outra língua] (Jakobson 1959: 79) — Buridant incluiu glosas e adaptações. Em ambos os casos, interferia-se no texto. Por isso, segundo Buridant (1983: 117), para qualquer texto medieval copiado,

même dans le case extrême où on se flatte de respecter scrupuleusement la lettre, on admet la liberté par rapport au text pour le gloser, l'embellir ou accentuer son impact moral: des préoccupations didactiques provoqueront des développements explicatifs, des préoccupations paragogiques, des développements moraux, des enjolivements rhétoriques aidant aussi à appuyer la leçon.

[mesmo no caso extremo em que alguém se louva de ter respeitado escrupulosamente o texto, admite-se a liberdade em relação a ele para glosá-lo, embelezá-lo ou acentuar-lhe o impacto moral: preocupações didáticas provocarão desenvolvimentos explicativos, preocupações paragógicas, desenvolvimentos morais; ornatos retóricos ajudam do mesmo modo a apoiar a lição']

E completa (*id. et ibid.*):

Le texte-source n'est pas nécessairement considéré comme un object fini dans son altérité et son "étrangeté": il est toujours susceptible d'aménagements que rien n'autorise à appeler "trahisons" aussi longtemps que la matière est respectée, et ayant la fonction de mieux adapter le message au public qu'on doit édifier ou instruire.

[O texto-fonte não é considerado necessariamente como um objeto acabado em sua alteridade e em sua "estranheza": é sempre suscetível de adaptações que ninguém está autorizado a chamar "traições" na medida em que a matéria seja respeitada e tenha a

função de melhor adaptar a mensagem ao público que se deve edificar ou instruir.']

A citação acima demonstra o quanto pode ser ilusório atribuir aos dados de fases antigas da língua conceitos e práticas do nosso mundo, mas que épocas anteriores a nós desconheciam. Parafraseando Jeaneau (1963: 24), trabalhar textos medievais (e renascentistas, acrescentamos) sem levar em conta o contexto em que foram produzidos "é condenar-se a cometer toda uma série de contra-sensos a seu respeito" (*id. et ibid.*)

Os mesmos procedimentos aplicavam-se a qualquer nova cópia, manuscrita ou impressa, vertida ou não de outra língua. O "traslado", fosse de manuscrito a impresso de uma para a mesma língua tempos mais tarde, fosse de uma língua a outra, permitia um grau de liberdade em relação ao texto-fonte impen-sável para um editor moderno.

3.2.4.1. Não excluimos do *corpus* textos originalmente escritos em língua estrangeira. As traduções interlínguas formam a maior parte da literatura do período; rara era a obra originalmente em vernáculo, como raro era o escritor não bilíngüe, cuja cultura literária não tivesse sido adquirida em latim — ou ainda em grego ou hebraico. A condição de *homem letrado* era conferida pelo fato de ser-se *letrado em latim* (Loyn, org. 1989). A eclosão das literaturas nacionais (e referimo-nos especificamente à prosa) foi fenômeno posterior às

3. Acerca do corpus

traduções do latim, do grego e mesmo do árabe. As versões para as diferentes línguas européias surgiram na medida em que se compreendeu que o latim ia perdendo o papel de língua de contacto no mundo europeu e, ao mesmo tempo, que se ampliava o público leitor. Mas a escrita em vernáculo era uma concessão aos incultos, os *simprizes e não letrados* várias vezes referidos por Fernandes nos seus prólogos; uma atividade secundária, portanto, para aquele que, como Fernandes, era distinguido como *doctissime* (cf. *Apêndice A*). A despeito disso, pontuavam-se os textos em português, vertidos ou não, sem que possam ser observadas diferenças devidas a um original nesta ou naquela língua; compreendemos, por essa razão, porque Gleason Jr. (1955: 456) afirmava que os sinais de pontuação "são geralmente considerados como universais" e que, por conseguinte, não se esperem diferenças marcantes na pontuação de uma língua para outra (*id. et ibid.*). E (acrescentamos) compreendemos também porque nos espantamos ao constatar que a pontuação de outra época não era a mesma que atualmente usamos.

3.2.4.2. Ademais, é por vezes muito difícil estabelecer-se a língua da qual foi traduzido um texto em estudo. Veja-se, a título de exemplo, a longa polêmica acerca da primazia na introdução do ciclo arturiano da Post-Vulgata na Península

3. Acerca do corpus

Ibérica⁽⁵⁸⁾. A língua-fonte imediata do *Vespasiano* português impresso por Fernandes, por exemplo, é incerta, como também não encontramos qualquer registro acerca da língua em que o espanhol Ortiz de Vilhegas escreveu seu *Cathecismo pequeno*. Não estabelecemos, portanto, para este estudo, distinção entre "documentos em sua origem escritos em português e aqueles que são traduções" (Mattos e Silva [1989]: 28), ao constituir o *corpus*. cremos que seria esta uma distinção a ser considerada se o objetivo do estudo fosse, por exemplo, o léxico; em especial, quando a mensagem do texto foi sentida pelo copista como por demais "estrangeira" para o novo público⁽⁵⁹⁾, mas não aqui.

3.2.4.3. Fernandes não traduziu: "tralladou". E, independentemente da língua em que os textos que editou haviam sido originalmente escritos⁽⁶⁰⁾, receberam todos tratamento linguístico para a edição por ele levada a cabo.

Quando o "trallado" se fez de uma língua a outra, Fernandes alegou fidelidade ao original, embora advertindo o leitor

⁵⁸ A título de exemplo: Entwistle 1925, Castro 1983, Castro 1984.

⁵⁹ Di Stefano (1974) dá exemplos interessantes dos problemas lexicais enfrentados por três copistas de Trezentos ao traduzirem Valério Máximo e as soluções que escolheram (e.g., "Siculum en latin que je ne sçay dire en rommant"). Di Stefano nota, porém, que uma questão sintática, a da ordem das palavras, "elle est ici secondaire" (*id.*: 48).

⁶⁰ Cf. Anselmo (1981b: 102) para mais comentários.

de que fora "neçessario em a [...] tralladaçom. algũas pal-lauras leyxar & outros ajuntar. daquellas que o autor presu-punha. com todo nom dando nem tomando ao seu nenhũa cousa." (NV. fol. 79). Como considerava que todas as obras deviam ser feitas "pera o comun proueyto" (*Reportorio dos tempos*. Prólogo) e, consciente de que, no Reino, eram "muyto mais os vulgares que os que a lingua latina conhecem" (PE. fol. 2^v), Fernandes preferiu não adotar um estilo "muy alto",

"ca muytos que de muy doctos querem tralladar suas obras em stilo tam alto. que tamẽm de muytos ficam reprehendidos. fazendo nelles taaes figuras ou rodeos que lhes enpacham ho entendimento. porque ho simprez leedor nom pode percalçar ou conhecer a verdade de sua sentença. (NV. fol. 79^f).

Afirmações como essa mostram o grau de liberdade para intervir nos diferentes níveis do plano de uma obra durante o período aqui em estudo. No caso específico de nossos textos, todos em vernáculo, a liberdade da cópia parece chegar a influenciar o inventário de sinais empregados, reduzindo-o. Novamente, porém, a imprensa parece ter desempenhado um papel regularizador: à medida em que surgem textos produzidos diretamente para o prelo, parece ter início a passagem do português de *linguagem* para *língua*. No que toca à pontuação, começa a crescer o inventário de sinais, cujo número se estabilizará por volta do final do século XVI.

É em razão da influência do impressor sobre os textos que imprimia, e que viemos demonstrando, que damos relevo à dimensão temporal dos dados.

3.3. A dimensão temporal do *corpus*

Distribuídas por um período total de 18 anos, as edições de Fernandes que selecionamos pertencem aos seguintes anos: 1495, 1502, 1504, 1512-1513. Novamente aqui se põe a questão da representatividade, para podermos estabelecer generalizações confiáveis a partir de nossos dados.

3.3.1. Um período de 18 anos seria o bastante para a constatação de mudanças? Neste caso cremos que sim. Esses 18 anos situam-se numa fase de intensas transformações no âmbito lingüístico (Teyssier 1980) e, impulsionadas pela imprensa, no contexto cultural. Durante o período em estudo, a imprensa, chegada a Portugal cerca de oito anos antes pelas mãos dos impressores judeus, fixou-se e prosperou, seguindo a tendência que, de resto, tomava conta de toda a Europa⁽⁵¹⁾. O desenvolvimento desse novo ofício gerou a necessidade de regulamentação, e as mudanças que se processaram foram velozes e abran-

⁵¹ Em território germânico, por exemplo, seis anos depois da Bíblia de Gutenberg, isto é, em 1482, já havia mais dois centros produtores de livros. Em 1500, já eram 80 (Loyn, org. 1989).

geram questões de direito editorial, produção e comercialização do livro (cf. Anselmo 1991).

Por outro lado, lingüisticamente, a transição do século XV para o século XVI é apontada como um período de mudanças que se completavam e que justificaram, na periodização da língua portuguesa, a distinção entre as fases arcaica e moderna.

3.3.2. Em virtude do processo de transmissão, decidimo-nos pelo exame dos dados em relação ao ano da edição valentiniana, em detrimento da "pontuação original", porque, como vimos, cada edição "corrigia" o texto, modernizando-lhe a linguagem, acrescentando-lhe ou suprimindo partes.

3.4. Sumário

Neste capítulo procuramos identificar características da prática escrita da época que estudamos, para que se evitassem erros grosseiros na montagem da base de dados que comprometessem os resultados da pesquisa. Como nosso interesse é o de investigar o início de uma normatização da pontuação empregada em português, reunimos textos nessa língua, sem distinguir traduções de originais, fundamentados na noção de *translatio*. Procuramos sustentar que, neste caso, a *translatio*, característica relevante do processo de transmissão de obras antigas, torna equivalentes esses textos. Ainda em consequência do modo como se processava a transmissão, levantamos a hipótese

3. Acerca do corpus

de que uma duração maior desse processo através de cópias manuscritas antecedendo a chegada do texto em vernáculo ao prelo poderia acarretar o uso de menor número de sinais de pontuação na edição. No tocante a *cólon* e *coma*, duas gramáticas de pontuação parecem ter coexistido: uma que incluía ambos os sinais, e outra que não.

Passamos, em seguida, à explicitação das hipóteses e dos procedimentos para sua verificação.

QUADRO 5: OBRAS IMPRESSAS POR VALENTIM FERNANDES DE QUE SE TEM NOTICIA

ANO	AUTOR	TITULO	EXEM- PLARES	PAR- CEIRO	FOR MATO	C/LOFON	MARCA TIPO- GRÁ- FICA	TRA- DUÇÃO
1495	LUDOLFO DE SAXINIA	<i>*Prohemial Epistola *De Vita Christi</i>	BNL,BL, V. Viçosa, FLL, ANTT, Porto, BUCoimbra, BPÉvora, Viseu, J. Lyell, B. Morgan, B. Col. Harvard, B. Huntington, BUSalamanca, B.E. Angsburgo	Nicolau da Saxônia	Fº	X	A	X
1496?	[Johannes JACOBI]	<i>Regimento prometido contra ha pestança</i>	BPÉvora V. Viçosa	---	4º.	X	---	X
1496	IGREJA CATÓLICA	<i>Votivale missarum secundum ritum Romanas Curia</i>	BL	---	4º.	X	B	---
1496	ANÔNIMO	<i>Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de Roma</i>	BNL	---	4º.	X	B	X
1497	Juan de PAS-TRANA; Pedro ROMBO; Antonio MARTINS	<i>Grammatica Pastrane; Matricularum editio a Rombo; Báculo sacrorum brevis collecta</i>	BNL	---	Fº.	X	B	---
1500	CATALDO	<i>Epistole</i>	BUCoimbra, ACL, Porto, BPÉvora, V. Viçosa, BL, Bodleian, BALincei, BUCoettingen, HSA	---	Fº.	X	B	---

(cont.)

(cont.)

ANO	AUTOR	TITULO	EXEM- PLARES	PAR- CEIRO	FORMATO	C/LOFON	MARCA TIPO- GRAFI- CA	TRA- DUÇÃO
1501	Alonso de CERVANTES	<i>Glosa famosissima sobre as coplas de dō Jorge manrique</i>	BL	---	Fº.	X	B	---
1502	Marco POLO; Nicolau VENETO; Jerônimo DE SANTO ESTEVÃO	<i>*Ho liuro de Marco polo; Ho liuro Nicolau veneto; *O trallado da carta de hua genouas das ditas terras</i>	BNL, BPÉvora, V.Viçosa, BNP, Harvard	---	Fº.	X	B	X
1502?	CATALDO	<i>Poemata</i>	BUCoimbra, Porta, BU Goettingen	---	Fº.	---	---	---
1504	PORTUGAL	<i>Regimento dos ofiçiaes das çidades villas & burgueses destes regnos</i>	V.Viçosa, Harvard	---	4º.	X	---	---
1504	Diego ORTIZ DE VILLEGAS	<i>*Cathacismo pequeno da doutrina & instruções que os xpãos han de crear & obrar pera conseguir a bemaventurança eterna</i>	BNL, Ajuda, BPÉvora, FJN	João F. Pedro de Cremona	Fº.	X	---	?
1504?	ORDEM DE CRISTO	<i>A Regra & definições da ordem do mosteiro de nosso senhor jhesu xpo</i>	BNL, BL	---	4º.	---	---	---
1505?	D.MANUEL I	<i>Epistola responsoria ad manuales Romanum Pontificem</i>	BNL	---	4º.	---	---	---
1505	Bernardo de BRIHUEGA	<i>Os autos dos Apostolos</i>	BPÉvora, V.Viçosa	---	Fº.	---	---	X

(cont.)

(cont.)								
ANO	AUTOR	TÍTULO	EXEM- PLARES	PAR- CEIRO	FOR- MATO	C/SLOFON	MARCA TIPO- GRÁ- FICA	TRA- DUÇÃO
1512- -13	PORTUGAL	<i>*Os cinco lauros das ordenanças de el-Rey na D. Manuel</i>	BNL, V. Viçosa	---	Fº.	X	---	---
1516	CONFRARIA DA MISERI- CÓRDIA	<i>O compromisso da - Confraria da Misericórdia</i>	Misericór- dia-Lx, Évo- ra Monte, Montemor-o- -Novo	Hermão de Campos	Fº.	X	---	---
1505- -16?	GULIELMUS PARISIENSIS	<i>Evangelhos & epistolas com exposições em romance</i>	Harvard	---	Fº.	---	---	X
1516	Estêvão CAVALEIRO	<i>Nova Grammatica Mariae Matris Dei virginis auz</i>	BUCoimbra	---	Fº.	X	---	---
1518	Andréa de Li	<i>Reportorio dos tempos em português cõ as estruallas dos signos & com as cõdi- ções do que for nascido em cada signo & o crescer & mingoar do dia. & das qua- tro chprieixões & suas con- dições. & a declinaçã do sol. cõ seu regimẽto com outras muitas adições</i>	V. Viçosa	Hermão de Campos	4º.	---	---	X

MARCAS TIPOGRÁFICAS:

A: patto com escudetes
B: leão carado

FORMATO:

Fº.: in-folio
4º.: in-4º.

*: obra incluída no *corpus*

4. DOS GRAMÁTICOS AO IMPRESSOR

No capítulo anterior focalizamos características do *corpus* utilizado nesta pesquisa, com o intuito de demonstrar que, para os objetivos que traçáramos, o *corpus* era representativo. Passamos agora a fazer um paralelo entre as descrições gramaticais, de que tratamos no *Capítulo 2*, e os dados que tínhamos no *corpus*. Na ausência de descrições do português, procuramos, pelo confronto da descrição gramatical latina com a prática tipográfica da época, fornecer ao leitor os elementos que nos guiaram na formulação das hipóteses de que partimos e que nos levaram à utilização de uma metodologia específica, de que trataremos no *Capítulo 5*.

Para ilustrarmos o quanto os padrões ortográficos a que fazemos referência eram comuns a todos os impressos valentinianos, não nos limitamos a utilizar apenas os textos do *corpus* como exemplificação, mas incluímos outros impressos em português estampados por Valentim Fernandes, como *Autos dos Apostollos*, *Regimento proueytoso contra ha pestenença* e *Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de Roma*.

4.0. Introdução

Tínhamos dados — as ocorrências de pontuação que reuníramos no *corpus* — e tínhamos um problema, que era o de postular algum tipo de organização a que tais dados estavam submetidos. Com o intuito, portanto, de alcançarmos generalizações acerca da

pontuação paleotípica portuguesa, formulamos um conjunto de hipóteses (*C1*), que apresentamos a seguir, composto por uma hipótese principal (*H*), de que derivavam outras duas (*H.a*, *H.b*), em (4.1).

4.1 *C1*:

Ponto de partida:

Cólon e coma indicaram diferentes graus de coesão textual na gramática do latim tardio

H:

Coma e cólon tiveram seu valor alterado, quando transferidos para o português.

H.a: No português, a pontuação passava a ser preferencialmente interpretada como indicadora de descontinuidade entre constituintes sintáticos.

H.b: A data de edição teve influência sobre a pontuação dos textos impressos, que passavam a ter pontuação mais regular.

Nossa hipótese (*H*) foi construída com base na leitura de gramáticas latinas. Eram estas que reuniam o conjunto de formulações para o emprego da pontuação disponíveis na época de Fernandes e foi delas que extraímos a interpretação coesiva da pontuação (V. Cap. 2). Dada a inexistência de estudos sobre os vernáculos da antiga România, as gramáticas latinas tornavam-se pontos de referência para a escrita culta que neles se fazia e não mais apenas para a escrita latina. Daí deriva a hipótese (*H*): a

4. Dos gramáticos ao impressor

pontuação que estudávamos fora, inicialmente, *transferida*⁽⁶²⁾ do latim para o português e deveria ter-se pautado, a princípio, pelos critérios da pontuação latina medieval, porque esta era a pontuação codificada e em circulação entre os letrados da época. *Cólon* e *coma*, sinais elencados nessas gramáticas, efetivamente lá estavam, nos textos impressos por Fernandes. O problema estava no fato de que tais sinais não pareciam reger-se pelos preceitos latinos.

É que, não obstante a influência da escrita em latim sobre a grafia do português, não se pode minimizar o fato de o português ser, então, uma língua não-padronizada, que sofria um processo de mudança intenso (*a este respeito, cf. Teyssier 1984: 35 ss*). Esta conjuntura certamente constituiu-se num elemento perturbador para aqueles que, alfabetizados em latim, escreviam em português, a despeito do grau de conhecimento de língua latina de que fossem possuidores⁽⁶³⁾. A coexistência de duas interpretações possíveis, que o sistema herdado do latim permitia (*cf. 2.2.3.3.*), encontra-

⁶² Estamos tomando o termo com a acepção ampla de 'influência exercida por outra língua escrita'.

⁶³ É possível fazer um paralelo entre essa situação e uma outra, atual: caboverdeanos bilíngues, falantes português e de crioulo cabo-verdeano, língua sem ortografia oficial, matriculados na Universidade de Lisboa no ano letivo 1988-80, quando solicitados a transcreverem trechos gravados em crioulo, ditos por eles mesmos, sentiam grande dificuldade na representação gráfica, feita com base no sistema ortográfico do português.

4. Dos gramáticos ao impressor

va, assim, no português as condições para que uma das interpretações ganhasse força em relação à outra. E a imprensa seria o difusor e fixador dessa nova pontuação.

Tínhamos, portanto, além de dados e de um problema, um conjunto de hipóteses (C1), que procurava abarcar a origem e a evolução da pontuação no português, dentro de um período de tempo limitado, em que a imprensa já editava obras em português⁽⁶⁴⁾, mas em que inexistiam tratados ortográficos ou gramáticas para o português. Faltava-nos operacionalizar um modo de avaliar cada uma dessas hipóteses.

Nas secções subseqüentes procuraremos demonstrar como, a partir das exposições de Vaz e Cavaleiro, chegamos às hipóteses em (C1) e ainda a um segundo grupo de hipóteses, (C2), este de carácter mais específico, passível de ser aferido por um modelo quantitativo de análise. Primeiramente, voltados para nossa hipótese (H.a), fazemos um paralelo entre os sinais propostos para o latim por Vaz e por Cavaleiro e os sinais efetivamente atestados nos impressos em português; passamos, em seguida, para o exame dos dados em relação à hipótese (H.b), acerca do papel regularizador da imprensa. O exame de ambas as hipóteses constitui-se na etapa

⁶⁴ Os primeiros impressos em Portugal estão em hebraico; seguem-se-lhes os impressos em latim.

4. Dos gramáticos ao impressor

preliminar, que fundamenta o segundo grupo de hipóteses que postulamos, que denominamos (C2).

4.1. Prescrições gramaticais e soluções tipográficas

Dissemos anteriormente que a imprensa fixou e difundiu um padrão de pontuação, preenchendo, desse modo, a ausência de estudos sobre a pontuação do português. É esta a base para nosso conjunto de hipóteses (C1), para as quais procuramos evidências que lhes dêem respaldo nesta e na secção subsequente.

4.1.1. Do latim ao português

Defendemos que a possibilidade de mais de uma leitura, latente nas exposições latinas, aqui representadas por Vaz e por Cavaleiro, foi alterada pelas soluções adotadas pela tipografia, representada aqui pela obra impressa de Fernandes. As hipóteses (H) e (H.a) fazem referência a uma *interpretação preferencial* na pontuação no português, que diferia da interpretação preferencial no latim tardio.

Quando comparados com os elencos sinais gráficos de pontuação apresentados nas descrições dos gramáticos latinos, aqueles que os impressos estampavam representaram a solução tipográfica para um vernáculo ainda voltado para os "simprizes e não

4. Dos gramáticos ao impressor

letrados"⁽⁶⁵⁾. Isto não implica que a pontuação tipográfica para os vernáculos de algum modo era mais simples ou empobrecida, se comparada às diversas pontuações manuscritas em uso, voltadas para o latim. Face a um *input* diversificado, a imprensa (até por questões econômicas) começaria a maximizar o emprego de um elenco de sinais, tornando a pontuação cada vez mais regular. E os vernáculos foram o *medium* ideal para pôr em prática essa nova pontuação, porque, ainda rotulados de *lingoagens*, não estavam sujeitos a uma tradição gráfica tão estabelecida como a latina.

4.1.1.1. Os contextos de pontuação, para Vaz e para Cavaleiro, têm por base um contínuo de coesão entre elementos contíguos no enunciado, contínuo que se expande do interior da oração para o nível do texto. Segundo esses gramáticos, emprega-se pontuação "*antes que algum sentido da cláusula possa ser considerado*", ou "*quando a cláusula tem uma pausa um pouco maior, mas o sentido ainda está inconcluso*", ou "*a cláusula parece estar completa e, entretanto, está incompleta*", ou no "*fim da cláusula*", ou ainda no "*fim da cláusula quando não só o significado está completo, mas*

⁶⁵ Os textos impressos por Fernandes em latim exibem maior diversidade de pontuação. Na gramática de Cavaleiro, além da coma, do colón e do caldeirão, emprega-se a vírgula em formato de barra oblíqua. Nas *Epistolas* de Cataldo, parênteses e interrogação são usados em quantidade.

4. Dos gramáticos ao impressor

também o próprio texto, de tal maneira que o que se segue pareça começar de novo" (cf. 2.2.2.1. e 2.2.2.2.). Se essas caracterizações dos ambientes de pontuação revelam um contínuo de *completude*, explicitado por meio de um inventário de quatro sinais em Cavaleiro e de quatro sinais de João Vaz (cf. *Quadro 3*, em 2.2.3.2.), podem, ainda, receber uma interpretação que parece levemente diferente: a de marcadores de *continuidade/descontinuidade*. Os sinais que dizem respeito ao *sentido incompleto* indicam também que o que se segue está estreitamente relacionado com aquilo que precede o sinal (e isto não difere do que vimos chamando *leitura coesiva*). Mas os sinais que marcam o *sentido completo* indicam também que ou algo novo, ou mesmo nada, virá a seguir; podem, portanto, conduzir à *leitura separativa* que referimos em (1.15). Em especial, se forem os únicos sinais utilizados na pontuação de um texto.

4.1.1.2. As soluções tipográficas para o português do período aqui em estudo lançaram mão de um elenco de sinais menor do que aquele prescrito pelos gramáticos. É o que procuramos ilustrar com o *Quadro 6*. Efetivamente em uso nos impressos estavam um ou dois sinais (indicados, respectivamente, como *Fernandes (1)* e *Fernandes (2)* abaixo).

**MAIOR (+) OU MENOR (-) GRAU DE
COESÃO**

	+		-	
VAZ	ponto > suspensivo	ponto > geminado	coma >cólon	—
CAVALEIRO	ponto suspensivo	— >	coma >cólon >	período
FERNANDES (1)	—	—	— cólon	—
FERNANDES (2)	—	—	coma >cólon	—

Quadro 6. Pontuação: elencos de sinais prescritos em gramáticas e elencos em uso nos textos em português da tipografia valentiniana.

O *Quadro 6* indica as duas soluções tipográficas usadas nos textos em português saídos da oficina valentiniana. Comparadas com as lições de Vaz e de Cavaleiro, elas atestam um uso que criaria condições para que se processasse uma alteração no valor da pontuação: ao se reduzir o conjunto de quatro sinais à possibilidade de um único sinal, ou mesmo de dois, esvaía-se o contínuo. E este parece ter sido o ponto crucial para tornar preferencial uma *leitura separativa*, uma vez que a alteração implicava efeitos que ultrapassavam a mera redução do inventário em uso. Fortalecia-se, com a redução do inventário de sinais, a importância da fronteira de orações na pontuação dessa fase, uma vez que, com eliminação de parte dos indicadores de *sentido incompleto* (ou de *continuidade*),

4. Dos gramáticos ao impressor

o interior da oração simples fixava-se como um ambiente não-pontuado.

Ao lidar basicamente com o sentido completo, a pontuação elegia as fronteiras oracionais. E a distinção entre *indicar que algo pertinente pode ser acrescentado* e *indicar fronteira de constituintes oracionais* torna-se sutil. Daí nossa hipótese (H.a.) [No português, a pontuação passava a ser preferencialmente interpretada como indicadora de descontinuidade entre constituintes sintáticos], que precisamos mais quanto ao tipo de constituinte sintático em jogo ao decidirmos pela restrição da pesquisa às *fronteiras de orações*. Justificamos tal decisão.

No interior da oração simples, isto é, daquela em que havia apenas um verbo⁽⁶⁶⁾, muito raramente havia pontuação nos impressos estudados, embora ela pudesse ser considerada uma unidade de *sentido completo* e, por conseguinte, no seu interior devessem estar unidades ainda com *sentido incompleto*: no âmbito da oração simples deveria estar satisfeita a complementaridade entre *dependente* "termo que deve ou pode exigir a presença de outro" (Robins 1967: 65) e *terminante* "termo que satisfaz tal

⁶⁶ Construções sem verbo, como aquelas com *onde* conclusivo em que se omite o verbo *dizer* ("Onde agustinho."), especialmente comuns em textos de exegese, não foram contadas.

4. Dos gramáticos ao impressor

exigência" (*id. et ibid.*)⁽⁶⁷⁾, a começar pela exigência de *suppositum* e *appositum* (Robins 1967: 65; Padley 1985), respectivamente o núcleo do sujeito e o núcleo do predicado, as unidades básicas de uma construção segundo a gramática medieval⁽⁶⁸⁾.

⁶⁷ Cabe notar que, editada em 1595, a gramática de Anchieta ainda descrevia a "língua mais falada na costa do Brasil" com a terminologia modista *suppositum* e *appositum*.

⁶⁸ Para material português mais antigo, ainda manuscrito, a situação parecia ser diferente. Frequentemente não se encontra qualquer sinal no interior do texto, bem como são atestadas maiúsculas no meio de palavras. Quando utilizados, os sinais de pontuação estão não só entre orações, mas também no interior da oração simples. Apresentamos alguns exemplos deste último tipo, retirados do *Álbum de Paleografia Portuguesa*, editado por Borges Nunes (1969):

(a) 1477 - Carta de D. João II à Corte de Lisboa:

"O qual com mandado, do dicto Senhor E conselho da Senhora [...]"
(prancha 81);

(b) 1470 - Instrumento de traslado em pública forma duma carta do Arcebispo:

"E apresentou, dda carta scripta em papel [...]" (prancha 59);

(c) 1471 - Carta régia de doação a D. Henrique de Menezes:

"[...] E segurança sua lhe Mandamos dar, esta carta signada per nos [...]" (prancha 58);

(d) 1462 - Carta do Arcebispo de Braga a D. Afonso V:

"Recebi vossa carta, com o traslado dhuua, nota, que fizeste, pera os Juizes de vossas terras, azerqua da maneira, que teuessem com os homeens E mulheres de dez, annos, pera se auerem de confessar [...]" (prancha 53).

(e) 1395 - Carta mandado de confirmação e execução duma ordenação da Câmara de Lisboa referente às mundaes:

"sabede que o Concelho e os homeens, boons dessa cidade [...]" (prancha 32).

4. Dos gramáticos ao impressor

Nos impressos, a fronteira entre a parte que "depende ou satisfaz a dependência da outra parte" (*Thomas de Ehrfurt. Apud Robins 1967:65*) e esta última⁽⁶⁹⁾, ambas no âmbito da oração simples, não se constituíam em ambiente de pontuação, o que reforçava nossa escolha da *fronteira de oração* como ambiente privilegiado para estudo. Quando tínhamos pontuação no interior da oração simples, em geral marcando elementos em coordenação, tínhamos uma *coma*.

No espaço entre duas orações é que surgia a tripla possibilidade: *coma*, *cólon*, ou nenhuma pontuação (doravante referida como */*). As gramáticas latinas levavam à interpretação de que essas três possibilidades constituíram fundamentalmente não uma, mas duas áreas de variação distintas, sujeitas a restrições diferentes. Dito de outro modo: segundo as lições gramaticais, os fatores que atuassem favorecendo o emprego de *cólon* ou de sua ausência não deveriam ser os mesmos que atuariam em favor da *coma* ou de sua ausência. Era possível, no entanto, prever ainda alguma flutuação entre os dois sinais, embora pequena, em razão da própria imprecisão da terminologia gramatical, uma vez que *cláusu-*

⁶⁹ Robins (1967:85) apresenta alguns exemplos dessa relação de interdependência: entre *appositum* e *suppositum* (*Socrates currit*); entre verbo e objeto (*legit librum*); entre adjetivo e nome (*Socrates albus*); entre advérbio e verbo (*currit bene*); entre nome e nome no genitivo (*filius Socrates*).

4. Dos gramáticos ao impressor

la parece significar "oração", "período", "enunciado" nas obras gramaticais da época.

A leitura dos impressos portugueses, levanta, porém, uma outra possibilidade de interpretação: a de que havia um contexto para pontuação, fosse *cólon* ou *coma*, e um contexto para \emptyset . E ainda uma área "nebulosa", em que cada sinal parecia estar especializando suas funções. É o que passamos a demonstrar.

4.1.1.3. A *coma* em Fernandes deveria reunir em si os valores do *sentido incompleto*, isto é, do *ponto suspensivo*, do *ponto geminado* e da *coma* dos gramáticos, definidos por estes, respectivamente, como a pontuação que se empregava:

(a) "antes que algum sentido da cláusula possa ser considerado", ou

(b) "quando a cláusula tem uma pausa um pouco maior, mas o sentido ainda está inconcluso" ou

(c) "quando a cláusula parece estar completa e, entretanto, está incompleta".

Qualquer um dos três ambientes assim definidos poderia equivaler a uma fronteira de oração, embora somente (a) pudesse remeter ao interior da oração simples.

Efetivamente a *coma* foi empregada nos impressos valentinianos antes de fronteira de:

(1) elementos em coordenação, fossem sintagmas oracionais ou não, como exemplificado a seguir:

4. Dos gramáticos ao impressor

- a. [....] com verdadeyras & deuotissimas exposições de diuersos doctores: *egregios: deuotos: & muy gloriosos.*
(PE. fol. 2v)
- b. quando *com triumphantes victorias de vossos contrairos: em vossa nom muy grande ydade magnificastes.*
(PE. fol 2)
- c. *E por mais segurança & tranquillidade: como mirifico esclareçedor: & pervigil illuminador da increata sapiencia [....]*
(PE. fol. 2)
- d. Ho sul he vento inchado & agraua o ouuido fere o coração: *porque abre os poros do homem & entra atee o coração.*
(RP. fol. a4v)
- e. [....] *tem recebido: & cotidianamente recebe acrescentamento muy grande [....]*
(PE. fol. 2v)
- f. [....] *& prometeo lhe que o poeria em graça & merçee do emperador: & deu lhe graças & merçees do seruiço que lhe tinha feito: & sayo de jherusalem com a mulher veronica [....]*
(Vesp. fol. a8v)

(2) orações subordinadas:

- a. *Aquelles que me aluzem & lucidamente louuando magnificam: receberam a eterna vida pera sempre duradoyra.*
(PE. fol. 2)
- b. *Ho que sobeja: dae esmola.*
(Cath.I, fol.)
- c. *E com verdade dizer se pode: naquella mente nom splandeçer ho verbo diuino.*
(PE. fol. 2)

4. Dos gramáticos ao impressor

- d. Tu senhor: *que sabes nossas neçessidades & queres a ellas socorrer & podes:* ouue nossa oração.
(*Cath.* fol.13)

O *cólon*, nos impressos, viria a reunir em si o *cólon* e o *período* dos gramáticos, por estes definidos como a pontuação que se empregava, respectivamente:

- (a) "*quando o sentido está completo*" ou
- (b) quando o enunciado tem "*sentido acabado entretanto algo pertinente pode ser juntado à construção*" ou
- (c) "*quando não só o significado está completo, mas também o próprio texto*".

Os três ambientes remetem fundamentalmente para o final de orações. Observe-se que a definição do ambiente (b) é semelhante àquela apresentada em (c) acima, acerca da *coma*. Voltaremos a este ponto adiante.

O *cólon* foi empregado nos impressos valentinianos diante de:

- (1) orações coordenadas em sequência;

Nem sento pena que escreua. nem lingoa que falle. nem menos coração que pense: per quantos modos muy altos [...]
(*PE.* fol. 2)

- (2) limites de período:

[...] affirmou & corroborou. E por nom se estender: mais do expediente nosso screuer: ho qual desejamos com breuidade comprir: das muy largas merçees: & grandes acrescentamentos feitos a muitos de diuersos estados. & nom por seruiços muy assignados que fora destes regnos: a magnanimidade de vosso real

4. Dos gramáticos ao impressor

estado claramente demonstrem. & dos nobrçimentos que nas çidades & villas de vossos regnos com fabrica de spirituaes & temporaes hedificios muy sumptuosos: conseruadores de eterna memoria: que cotidianamente vossa serenissima magestade: com grande sumptuosidade faz & ordena: ao presente mençam algũa nom fazemos: por serem cousas per todos claramente sabidas. E por mais pubrica fama [...]

(PE. fol. 2v)

Vistos pela ótica das definições gramaticais, *coma* e *cólon* não seriam sinais intercambiáveis, mas claramente distintos: sua presença no texto oporia, respectivamente, *sentido incompleto* a *sentido completo*; indicaria que se pressupunha um elemento em razão da presença de outro no enunciado, ou não. Nos impressos, nem sempre os contextos para *coma* e para *cólon* são tão discretos, como no caso da coordenação, acima apresentada.

Na medida em que a casa impressora: (a) teria de decidir como estabelecer a diferença entre um enunciado que *pode parecer completo e não está*, em que a *coma* seria empregada, e outro que *está completo, mas a que se pode juntar algo mais*, em que seria empregado o *cólon*; e (b) na medida em que lhe seria necessário reestruturar o emprego de pontuação, ao trabalhar com um inventário reduzido de sinais, uma variação residual entre ambos os sinais parecia não ser descartável de imediato, a despeito da lição dos gramáticos.

4. Dos gramáticos ao impressor

Faltava-nos, porém, decidir se incluiríamos como variantes da *coma* ou do *cólon* duas outras marcas gráficas presentes no *corpus*: o *caldeirão* e a *maiúscula*.

4.1.1.4. Não referido pelos gramáticos, mas presente em manuscritos e impressos havia o *caldeirão*.

O *caldeirão* assinalou, basicamente, o começo da grande unidade textual que é o *capítulo*. Precedia o enunciado que servia de título a uma matéria, em geral um resumo daquilo de que se trataria a seguir, como exemplificado em (4.2.a). O *caldeirão*, nesses casos, destacava-se do restante do capítulo, juntamente com o título, por estarem ambos escritos em cor ou mesmo em corpo diferentes do restante do capítulo.

Mais raramente e não em todos os textos, o *caldeirão* serviu de indicação de tópico⁽⁷⁰⁾ no interior do capítulo, como exemplificado em (4.2.b), em que o primeiro *caldeirão* marca um artigo da lei aplicável a clérigos, enquanto o segundo *caldeirão* inicia um artigo da lei que trata da possível negligência na aplicação de punições às amantes de religiosos:

- 4.2. a. ¶ De como chegou gays a jherusalem & de como o acolheo jacob em sua casa & de como disse o

⁷⁰ Por TÓPICO compreende-se não uma parte da sentença, mas a noção (pré-teórica) de "aquilo de que um texto fala".

4. Dos gramáticos ao impressor

mestre salla gays a jacob ao *que* era vijndo a
jherusalem.
(*Vesp.* fol. [a6])

- b. ¶ Item se nos lugares de sua comarca ouuer
alguũs clerigos reuoltosos & traessos re-
queira os prelados *que* os castiguem. E *nom* o
querendo fazer nollo notificara pera ysso
proueremos como nos bem & justiça parecer.
¶ Outrosy mandamos ao corregedor se achar *que*
as barregaãs dos clerigos ou beneficiados &
doutras pessoas religiosas. *nom* som acusadas
nem presas per culpa ou negligencia dos
alcaydes & meirinhos proceda contra elles
como for derecho.
(*OrdVF.* fol. 65r-v)

Na obra valentiniana, o *caldeirão* foi sempre seguido de
maiúscula — embora nunca de uma capital decorada — e, nos textos
em que foi empregado no interior do capítulo, foi imediatamente
precedido por *cólon*⁽⁷¹⁾. Se os dois outros sinais, *coma* e *cólon*,
indicavam se o sentido estava ou não *completo*, o *caldeirão* chamava
a atenção para o fato de que se começava "a falar de outra coisa".
Exemplificamos: é a presença do *caldeirão* que retira qualquer
possível ambigüidade do trecho transcrito a seguir, retirado do
Liuro de Nicolao veneto:

- 4.3 E dalli a cabo de quatro dias arribou ao syno
persico. onde ho mar vaza & enche aa maneira do

⁷¹ Ao introduzir um capítulo, o *caldeirão* inicia a linha,
e o *cólon* que o antecede graficamente termina um pedaço de texto
uma ou mais linhas em branco acima.

4. Dos gramáticos ao impressor

nosso mar oceano. ¶ *Pello qual* elle nauegando per
espaço de .v. dias. entrou no porto de Calcom.
(NV. fol. 80v)

O *caldeirão* impede que se faça uma interpretação como entimema do trecho em (4.3) ('o Sino Pérsino enche e vaza; logo a demora de cinco dias para chegar a Calcom'), possível se *pello qual* fosse lido como equivalente a 'por isso'. O *caldeirão*, neste caso, induz à leitura de *pello qual* como *preposição+relativo*.

O *caldeirão* jamais aparecia precedido por *coma* ou no mesmo ambiente em que ela ocorreria. Coocorria com o *cólon*. Não poderia, portanto, ser interpretado como uma variante de qualquer dos sinais aqui em estudo.

4.1.1.5. Também não consideramos a *maiúscula* como uma variante de *coma* ou de *cólon*. Segundo Juan de Pastrana (1497), em cuja gramática encontramos referência à *maiúscula* — excerto que reproduzimos abaixo, segundo a versão impressa pelo próprio Valentim Fernandes — a *maiúscula* distinguia períodos, nomes de pessoas e títulos, marcando-lhes o início. Diferentemente do *cólon*, que as gramáticas latinas apresentaram como marcador de *sentido completo*, a *maiúscula* assinalava o começo de uma unidade, o que nos faz compreender porque, em geral, foi empregada em seguida ao *cólon*.

Prima regula ex quindecim talis est. Tribus modis est scribenda littera magna. Primo modo in principio orationis. vt *Beatus* vir qui non abiit &c. Secundo modo si est nomen proprium. vt *Petrus* algezira. Tertio modo si est nomen dignitatis. vt *Rex* *Episcopus*. Et ratio est. Nam sicut sententia distinguitur a sententia. ita littera distingui debet a littera. Quare cognomen non est cum magna littera scribendum? cum non aliam personam significet: sed eandem quam nomen proprium personam certificet: ne etiam videatur diuersas significare personas. vt *Jacobus* petri. *Petrus* fernandi. Sunt enim aliqua cognomina indeclinabilia: que potius viderentur aliud nomen quam cognomen significare si magna insinuerentur littera. vt *Jacobus* petri. ideo non cum magna littera scribuntur ne videantur aliud nomen proprium: designare. Si vero cognomen fuerit agnomen dignitatis vel loci cum non aliam personam designat possit magna littera scribi. vt *Petrus* de *Torrentibus*. *Johannes* de *Compostella*. Ex prima regula sequitur alia minus principalis. quod in medio vel in fine dictionis numquam debet magna littera scribi: quia hoc esset frustra. *Deus* ars & natura nichil fecerunt frustra. Ideo nec in medio nec in fine dictionis numquam debet magna littera scribi. De medio vt *maGister*. de fine. vt *petruS*.

[De quinze, a primeira regra é a seguinte. De três modos deve escrever-se a letra maiúscula. Num primeiro modo, no início da oração, como *Beatus* vir qui non abiit &c ('o homem feliz que não se afastou etc'). Num segundo modo, se é nome próprio, como *Petrus* algezira (= *Petrus Algezira*). Num terceiro modo se é um nome honorífico, como *Rex*, *Episcopus* (= *Rei*, *Bispo*). E há uma razão. Com efeito, assi como uma sentença se distingue de outra, também uma letra deve distinguir-se de outra. Por que o sobrenome não deve ser escrito com letra maiúscula? Porque não indica outra pessoa, mas a mesma pessoa que o nome próprio confirma, a fim de que não pareça também indi-

4. Dos gramáticos ao impressor

car diversas pessoas, como Jacobus petri, Petri fernandi. Com efeito, alguns sobrenomes são indeclináveis: pareceriam antes indicar outro nome e não o sobrenome, se fossem marcados com letra maiúscula para que não pareçam indicar outro nome próprio. Se, porém, o sobrenome for um agnome de dignidade ou de lugar, embora não indique uma outra pessoa, pode ser escrito com letra maiúscula, como Petrus de Torrentibus, Johannes de Compostela. Da primeira regra segue uma outra menos importante, a saber, nunca se deve escrever letra maiúscula quer no meio, quer no fim de uma palavra, já que isto seria inútil. Deus, a arte e a natureza nada fizeram em vão. Por isso nunca se deve escrever letra maiúscula quer no meio, quer no fim de uma palavra. No meio, como *maGister* (=meStre); no fim, como *petruS* (=pedrO).]

(*Grammatica pastrane*. fol. aa - Trad. Prof. Miguel do Rosário, c.p.)

Afora o uso ligado a substantivos específicos, previsto em Pastrana, na obra impressa de Fernandes a maiúscula seguia-se quase sempre a um *cólon* ou a um *caldeirão*, embora essa coocorrência nem sempre acontecesse e ela pudesse apresentar-se sozinha, em ambientes em que *cólon* costumava ocorrer, conforme demonstrado na *Tabela 1*, a seguir. Do mesmo modo que o *caldeirão*, a *maiúscula* pareceu funcionar como um marcador de uma nova unidade textual.

TABELA 1
Distribuição de maiúsculas
após colon, coma, ¢ e caldeirão (@)

TEXTOS		CÓLON	COMA	¢	@	TOTAL
FE	N	23	1	1	1	26
	%	88	4	4	4	
VC	N	55	0	10	0	65
	%	85	0	15	0	
MP	N	94	0	6	0	100
	%	94	0	6	0	
CG	N	62	0	5	9	76
	%	81	0	7	12	
Cath	N	46	0	12	26	84
	%	55	0	14	31	
OrdVf	N	41	0	4	5	50
	%	82	0	8	10	
TOTAL N		321	1	38	41	401
		80	0	9	10	

À exceção de um exemplo na *FE*, a maiúscula não se seguia a uma *coma* e tampouco era utilizada como seu substituto eventual. A julgar pelas explicações gramaticais sobre o emprego da *coma* e da *maiúscula*, tal sequência excepcional não seria bem-formada⁽⁷²⁾.

O número que, na *Tabela 1*, indica o total de *maiúsculas* depois de *caldeirão* é também o total de *caldeirões*. *Maiúscula* não antecedida de pontuação é fenômeno raro nos impressos estudados,

⁷² A julgar por essas definições a ocorrência única de *maiúscula* em seguida a uma *coma* não seria mais que uma *gralha*.

4. Dos gramáticos ao impressor

embora possível. As *maiúsculas* já nessa época estão concentradas depois de *cólon*.

4.1.2. O papel da imprensa

Os dados permitiam supor ainda a existência de uma diferença na pontuação motivada por razões de outro tipo: da existência de uma relação entre a data de impressão e o próprio elenco de sinais utilizados pelo impressor. Como vimos anteriormente [*cf.* (3.2), *na secção 3.1.*], não temos no *corpus* obras com *coma* no século XVI. Este fato nos leva à hipótese (*H.b.*) [*A data de edição teve influência sobre a pontuação dos textos impressos, que passavam a ter pontuação mais regular*]. Uma vez que a imprensa exercia influência sobre os textos que editava, a pontuação desses textos deveria ter mais semelhanças que diferenças. Afinal, o número crescente de impressos em português deveria estar criando uma regularidade no emprego da pontuação.

4.2. A investigação das hipóteses

Após a formulação do conjunto de hipóteses (*C1*), procuramos estabelecer uma estratégia para avaliar cada hipótese.

Os sub-itens de (*C1*) levavam em conta: (a) a noção de *coesão*; (b) a noção de *separabilidade* ou *descontinuidade*; (c) a influência da passagem do tempo sobre a pontuação, elementos retirados de nossa interpretação das gramáticas latinas. Levamos em conta estes

4. Dos gramáticos ao impressor

três elementos para a postulação de um conjunto de fatores que atuaria de modo favorável ou de modo desfavorecedor sobre o aparecimento dos sinais de pontuação. Estes fatores constituíram nosso conjunto de hipóteses (C2), que passamos a justificar.

Uma vez que as descrições gramaticais giravam em torno de o sentido do enunciado estar ou não completo, para avaliarmos a hipótese (H.a), desdobramos-la em tópicos que, restritos às *fronteira de orações*, lidavam com coesão/descontinuidade. Basicamente esses tópicos trataram do método como as orações construíram, em conjunto, um período, incluídos aqui não apenas o processo sintático (que diferencia subordinação de coordenação), mas também o nível de encaixe de subordinadas e a posição das orações no período. Focalizou-se, também, a presença de conjunção, marca explícita do desenvolvimento retórico do texto.

Para avaliarmos a hipótese (H.b), analisamos as ocorrências de pontuação em relação à data de edição do texto em que foram atestadas. Verificamos ainda uma *variante* dessa passagem de tempo sobre os textos: se os textos haviam sido produzidos diretamente para o prelo ou se haviam permanecido na tradição manuscrita mais tempo. Trataremos em detalhe de (C2) no próximo capítulo.

4.3. Sumário

Neste capítulo procuramos fazer uma aproximação entre as explicações sobre o uso da pontuação, voltadas para o latim, e as ocorrências que constatávamos nos textos valentinianos impressos em português. Mostramos que o latim previa um número maior de sinais que o empregado em português, que subdividiam o contínuo formado pelas noções semânticas de *sentido incompleto* e *sentido completo* com que a pontuação trabalhava. Procuramos demonstrar também que, a noção de contínuo esboroa-se no português, como consequência da redução do elenco de sinais e que se criam, desse modo, as condições para uma reinterpretação da pontuação. Para avaliarmos essas propostas, procuramos traduzi-las em fenômenos passíveis de serem quantificados, que resultam no grupo de hipóteses (C2), centro das próximas páginas.

No capítulo que se segue focalizamos em detalhe a metodologia quantitativa de que nos valem e cada um dos fatores com que procuramos verificar as hipóteses aqui levantadas.

5. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Defendemos até aqui que as gramáticas latinas legaram ao português um conjunto de instruções para pontuar que se pautaram na noção, ainda que pré-teórica, de coesão textual. No português esse conjunto de instruções encontrou ambiente para ser reinterpretado. Para corroborar essa que é a hipótese central do presente trabalho, passamos a apresentar nosso *modus operandi*.

Explicamos, primeiramente, a metodologia de base estatística aqui utilizada. Em seguida, retomamos aquilo que atrás denominamos o grupo de hipóteses (C2), que pretendemos fundamentar com os resultados que apresentamos no *Capítulo 6*.

5.0. Introdução

Trabalhamos com o contexto à direita do sinal gráfico. O contexto à esquerda, em consonância com as descrições gramaticais de então, não se mostrou relevante para a análise.

As descrições latinas sobre o uso da pontuação enfatizaram a possibilidade de que algo poderia "ser adicionado", fosse para completar o sentido de uma construção, ainda incompleto, fosse para acrescentar algo pertinente a uma construção já com sentido completo. A previsão de haver um elemento em seguida ao sinal levou-nos a observar a existência de padrões de pontuação diante de determinados elementos: por exemplo, era previsível o emprego de um *cólon* diante de uma oração iniciada por *ca*, como ilustrado

em (5.1):

- 5.1.
- a. E verdadeiramente nom conhoço prímeiro quanta virtude em ella auia mais depois que pario a conhoço porque mais fremosa & milhor cousa era que todo o mundo. **ca** aquelle que todo o mundo nom podia em sy tomar ella soo foy que o recebeo na streyta camara do seu ventre.
(VC, I. fol. [27])
 - b. **d** Estes tem as cabeças humanas por thesouro. **Ca** despoys de auerem presos seus imijguos as cortam. & dspoys <S I C> de comestas as carnes dellas as guardam.
(NV. fol. 82)
 - c. [...] nom se deue fazer esmola. porque seria pecado. & contra a ordem da caridade. saluo se acaçesse caso de socorrer a algũa grande pessoa per quem a ygreja ou re publica fosse sustentada. **Ca** em tal caso seria louuor & mereçimento poer a sy & aos seus em perijguo de morte: por saluar aquella pessoa
(Cath. fol. 46)

Prever, no entanto, características que uma oração deveria ter para *terminar* por *cólon*, sem levar em conta o que se seguia ao sinal era menos claro. Por exemplo, como determinar as características de uma oração como a apresentada em (5.2. a), terminada por *coma*, face a uma outra (5.2. b) não terminada por pontuação?

- 5.2.
- a. **d** Segundo sinal he quando em tal estio muytas vezes escureçem: ou pareçem escurecer os dias
(RP. fol. [a2v])

5. Procedimentos de análise

- b. & tal salsa he muyto boça & destruye &
quita ou tira toda podridom.
(RP. fol. b2)

Não adianta atribuir à oração em itálico em (5.2.a) as características de uma subordinada temporal iniciada por *quando*, como fica evidenciado pelos exemplos arrolados em (5.3):

- 5.3. a. ¶ De manhã *quando se alguñ aleuantar* logo
coma da aruda [....]
(RP. fol. [a6])
- b. ¶ Da parte do agente *quando aquella jn-*
fluencia sobrecestial mais dereytamente
fere & sguarda *aquelle* ou *aquelloutro*.
(RP. fol. a4)
- c. [....] os medicos prudentes *quando visitam*
os enfermos deuem de star afastados del-
les:
(RP. fol. [a4v])

O contexto à direita, ao contrário, possibilita a observação de um padrão constante na pontuação de seqüências, oracionais ou não, com conjunções alternativas: a ausência de pontuação em presença de sinonímia (5.4 a-c) a par com pontuação em casos em que a equivalência estabelecida pela conjunção não implica sinonímia (5.4 d-f).

- 5.4. a. Fechem se ergo as *frestas* ou *genelas* como
dito he *que vaam* ou *estam* pera o sul
(RP. fol. a5)
- b. asutileze se a casa per clara *chama* ou
flama:
(RP. fol. [a5v])
- c. & *tambem* o vento *meridional* ou *sul*: o qual

- naturalmente apeçonhenta.
(RP. fol. [a5])
- d. As vezes jssso mesmo veem de corpos mortos.
ou de corrupçom de pauees
(RP. fol. a3)
- e. spere por huũ meo dia & logo sentira
apostema *debayxo dos braços. ou aqerca das
partes vergonçosas.*
(RP. fol. [b3])
- f. ¶ E se a apostema for em o pescoço. seja
sangrado *em a vea de cephalica aqerca do
dedo polegar em a mão daquelle meesmo
lado. ou na meaã daquelle meesmo braço.*
(RP. fol.[b3v])

A importância do contexto à direita é decorrência, portanto, de um sistema de pontuação que assinalava a existência de dependência entre elementos contíguos, mas que via a coesão como uma relação catafórica, uma vez que os pontos anunciavam, basicamente, que algo mais viria a seguir.

5.1. A metodologia

Para a avaliação de nossas hipóteses acerca dos dados, utilizamos um instrumental que nos permitiu fazer afirmações sobre a pontuação impressa e sustentá-las com caracterizações mais precisas do que "*frequentemente*", "*em geral*", "*raramente*", "*com alguma frequência*". Tivemos por objetivo, no entanto, ultrapassar o nível de descrição do conjunto de ocorrências que constituiu nossa amostra, para poder contar com algum poder de previsão:

5. Procedimentos de análise

dadas determinadas condições, queríamos saber que seria mais esperável em termos de pontuação.

A descrição da frequência de emprego de pontuação no *corpus* valentiniano poderia ser feita com simples cálculo percentual. Mas abarcaria apenas essa amostra específica. Atestaríamos, desse modo, as frequências cruas de ocorrência ou de não-ocorrência de nossos sinais; no entanto, uma vez que as taxas percentuais tomam por base as ocorrências que efetivamente podem ser observadas num conjunto de dados, "as frequências cruas estão sujeitas a sofrer o efeito de flutuações aleatórias (*meras flutuações estatísticas*, como se diz)" (Naro, *c.p.*) e podem encobrir quaisquer tendências sistemáticas presentes no fenômeno em estudo. A utilização apenas de percentagens sobre dados brutos não nos revelaria a influência que diferentes contextos poderiam ter *de per se* sobre o emprego da pontuação. Em outras palavras, utilizando percentagens não teríamos como observar um dos princípios clássicos da experimentação nas ciências: "mantidas constantes todas as condições, observar as modificações que se produzem em uma variável dependente em correspondência com as alterações experimentalmente provocadas em outra variável independente" (Nick & Kellner 1971: 255). A questão residia, pois, em estabelecer a "influência relativa de diversos fatores e de suas interrelações mútuas sobre uma variável em estudo" (*id. et ibid.*), na impossibilidade de

5. Procedimentos de análise

manter constantes todas as condições: não podíamos isolar e manipular experimentalmente uma variável independente, a fim de pesar sua influência sobre a utilização de pontuação ou sua interação com outras variáveis independentes.

5.1.1. Assim, porque nosso objetivo era o de poder extrapolar a descrição de uma amostra específica e alcançar uma margem de previsão, decidimos utilizar a metodologia de análise de regras variáveis, desenvolvida por David Sankoff e consubstanciada num conjunto de programas de análise estatística para computador, elaborado especificamente para a análise da variação em sociolinguística e que lida com testes do tipo que nos interessava. Tal programa é conhecido pela sigla VARBRUL (*Variable Rule Analysis*), e o utilizamos conforme a versão elaborada por S. Pintzuk em 1988.

A utilização do VARBRUL tem tradição já firmada em estudos sociolinguísticos, no Brasil e no Exterior, e uma já ampla literatura explica seus fundamentos e sua utilização⁷³. Decidimos, portanto, por essa metodologia específica porque: (a) esse modelo matemático permite analisar qualquer tipo de fenômeno que apresente variação entre duas ou mais alternativas, porque, enquanto formalismo matemático, não está atrelado a uma teoria linguística;

⁷³ Para nos limitarmos apenas a algumas publicações no Brasil e recentes, podemos apontar: MOLLICA, org. (1982), VOTRE (1992), SCHERRE et alii [1991], Pereira da Silva (1988).

5. Procedimentos de análise

(b) provê o pesquisador de uma base estatística para analisar diferentes fatores que, neste caso específico, teriam influenciado o emprego de sinais de pontuação.

O programa VARBRUL atribui pesos relativos aos fatores que compõem cada variável independente, em valores numa escala de 0 a 1. Quanto mais próximo a 1 esse valor estiver, tanto maior será a influência do fator para o fenômeno em estudo; quanto mais próximo a 0, quanto menor a influência ⁽⁷⁴⁾. Diante de um fator x , cujo peso relativo fosse .88 e de um fator y , cujo peso relativo fosse .30, ambos atuando sobre um mesmo fenômeno F , podemos afirmar que x favorece mais a ocorrência de F que y ⁽⁷⁵⁾.

Ao final de cada análise, o programa informa que grupos de fatores são estatisticamente relevantes para a aplicação da regra, ordenando-os em termos de sua relevância.

5.1.2. Para o fenômeno em estudo, i.e. a alternância entre o aparecimento de pontuação e \emptyset , propusemos seis fatores lingüísti-

⁷⁴ Esta é uma formulação simplificada. Para mais detalhes, cf. Naro (1992).

⁷⁵ Naro (1992: 24): "Em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados não têm significância analítica; o que importa é a sua ordenação, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo peso RELATIVO", na medida que os valores absolutos dos pesos podem variar na dependência da convenção matemática, "mas a ordenação relativa dos valores dos diversos fatores que compõem um grupo não mudará" (id. et ibid.)

5. Procedimentos de análise

cos e dois não-lingüísticos, cuja presença deveria favorecer a aplicação da regra. Constituem as *variáveis independentes*: cada uma delas atuaria de um modo constante sobre a ocorrência de pontuação (*i.e.*, sobre a aplicação da regra) e independente dos demais fatores presentes no mesmo contexto. Procuramos avaliar a influência sobre a pontuação das seguintes variáveis, que formam o conjunto de hipóteses (C2), as quais serão estudadas adiante: *método de coesão, conjunção, início ou retomada de oração, classe da subordinada, tipo de verbo, nível de encaixe da subordinada, posição da subordinada em relação à principal; edição valentiniana, preparação para o prelo.*

Explicaremos, em seguida, os critérios lingüísticos e extralingüísticos com que classificamos os dados, para serem codificados e poderem ser lidos pelo VARBRUL. Esses critérios constituem-se num conjunto de hipóteses acerca dos fatores cuja presença influenciaria o emprego da pontuação.

5.2. Procedimentos para a quantificação: a variável dependente.

Dos sinais encontrados nos textos impressos por Fernandes, nem todos se encontravam em variação, não constituíam, todos em conjunto, uma *variável*.

Ao calcular o *peso relativo* (ou chance de uma variante

5. Procedimentos de análise

realizar-se num dado ambiente) de determinados fatores que exercem influência sobre um grupo de formas, os programas VARBRUL pressupõem que estas são formas alternantes e que terão maior ou menor probabilidade de serem empregadas num mesmo contexto na dependência do favorecimento que esses fatores lhes possam propiciar. As ocorrências que se podem alternar são as *variantes* que, em conjunto, constituem uma *variável dependente*.

5.2.1. Definimos como contexto de estudo para ambos os sinais toda e qualquer fronteira de oração. Cada pedaço de texto, começado por um ponto real ou potencial em fronteira de oração constituiu-se numa *ocorrência* e, por conseguinte, numa linha de codificação.

Cada linha codificada deveria indicar, primeiramente, uma ocorrência de *coma* ou de *cólon*. Levanta-se aqui, porém, a questão da *não-ocorrência* de pontuação. Na fronteira de oração, a pontuação, embora nem sempre presente, parece sempre possível, se levamos em conta as gramáticas latinas que consultáramos. Por conseguinte, assinalamos a ocorrência de *coma*, de *cólon*, mas também as *ocorrências hipotéticas*, isto é, os ambientes em que a pontuação não estava presente (isto é, em que havia Ø), mas em que se poderia ter realizado. O número de linhas de codificação equivale, portanto, ao total de ocorrências reais e potenciais nos

5. Procedimentos de análise

dados. Sobre esse total foi calculado o aparecimento de *cólon*, o aparecimento de *coma*, e de \emptyset . Não encontramos contextos categóricos, i.e., contextos em que sempre ou nunca houvesse variação.

Em resumo, assinalamos primeiramente, na codificação: (a) onde havia *coma*; (b) onde havia *cólon*; (c) onde não havia pontuação. Estabelecemos, desse modo, um esquema apto a servir para a testagem das possibilidades de *variável dependente* do nosso estudo. Primeiramente, onde a *coma* seria empregada ou nada (\emptyset); e onde o *cólon* ou nada (\emptyset) seria empregado. Se os diferentes sinais marcavam diferentes graus de coesão, como explicavam os gramáticos latinos, então prever uma alternância entre *coma* e *cólon* não deveria significar prever um ambiente de variação, mas um contra-senso: significava, ao fim e ao cabo, que um ambiente poderia ser ao mesmo tempo coesivo e não-coesivo (ou pouco coesivo). Estaríamos perante elementos não-comparáveis funcionalmente e, por conseguinte, não seria previsível que ambos pudessem ocorrer no mesmo ambiente com o mesmo valor. No entanto, pelas razões atrás levantadas (4.1), mesmo neste caso deveria haver oscilação entre esses sinais e, portanto, a possibilidade de *coma* e de *cólon* poderem ser empregados no mesmo ambiente.

As ocorrências de pontuação nos impressos não levavam, porém, à percepção de funções sempre claramente distintas para

5. Procedimentos de análise

claro.)⁽⁷⁶⁾ Compare-se, por exemplo, o mesmo trecho na leitura de Hook & Newman, ou na leitura de Esteves Pereira, que alterou o trecho:

- 5.4 a. Mas nosso senhor, *que quis que* a sua morte fosse vingada, fez alli *huum grande* milagre, *que* como *todos cuydauam* *que* se tornariam *polla* noite *que* vinha, e ho sol posto começou a sayr logo o sol no ouriente *bem* assy como se a noite fosse passada e foy dia claro. E por isso se aparelharom *huurs* e outros *pera* [a] pelleja. E quando o emperador [....]
(Hook & Newman 1983: 39)
- b. mas nosso Senhor, que quiz *que* a sua morte fosse vingada, fez ali *hũu grande* milagre, *que* como todos cuidauam *que* se tornariam *polla* noite *que* vinha; e ao sol posto, começou a sair logo o sol no ouriente, *bem* assi como se a noite fosse passada, e foy dia claro; e por isso se aparelharom *hũus* e outros *pera* a peleja. E quando o emperador [....]
(Esteves Pereira 1905: 76)

Em cerca de dez casos, a interpretação do trecho nos era totalmente obscura. Decidimos, nesses casos, simplesmente não incluir a ocorrência. Veja-se, a título de exemplo, o seguinte trecho da PE, por nós excluído da codificação:

- 5.5 com meos asaz virtuosos: & a re publica dos dictos senhorios & regnos neçessarios & muy proueytosos. vossa serenissima senhoria: paz & concordia: com muyta diligencia: & grande amor:

⁷⁶ O mesmo exemplo ilustra ainda um dos problemas com que nos deparamos cerca de quatro vezes: tínhamos uma subordinada, mas não encontrávamos sua principal:

fez alli um grande milagre [*que* (*como todos cuydauam* *que* se tornariam *polla* *noyte* *que* vinha)] [E o sol posto...

5. Procedimentos de análise

*procurou campos: & a longos tempos affirmou & corroborou.*⁷⁷

5.2.2. Além de informar sobre a ocorrência de pontuação atestada, cada linha de codificação deveria, ainda, apontar os fatores que atuariam sobre a variável dependente, selecionados a partir de um conjunto de hipóteses acerca do fenômeno em estudo. Isto significa que utilizamos o conjunto de programas VARBRUL como um instrumental que, ao precisar, em termos numéricos, as tendências encontradas nos dados acerca do uso de cada variante, poderia confirmar (ou não) as hipóteses que viemos formulando ao longo dos capítulos, ao invés de utilizá-lo fundamentalmente como um mecanismo exploratório, empregado com o intuito de fazer emergir alguma generalização acerca da pontuação paleotípica.

Passamos, em seguida, a definir os fatores que, em conjunto, constituíram nossa hipótese acerca do emprego de *coma*, de *cólon*. Codificados, esses fatores constituíram o corpo básico de informações fornecido ao computador para utilização do VARBRUL.

⁷⁷ Pe. Magne (1957-8: I, 3) também parece ter tido dificuldades com este trecho específico, que ele editou do seguinte modo:

"com meos assaz virtuosos e aa república dos ditos senhores e regnos necessários e mui proveitosos. Vossa Serenissima Senhoria paz e concordia com muita diligência e grande amor procurou compor, e há longos tempos affirmou e corroborou."

5.3. Procedimentos para a quantificação: as variáveis independentes

Estabelecemos 2 conjuntos de grupos de fatores para avaliar-mos nossas hipóteses *H*, *H.a* e *H.b*. O primeiro grupo envolveu relações coesivas concretizadas no nível sintático; o segundo, a dimensão temporal.

Excluimos da pesquisa as manifestações de coesão no nível lexical. A escolha de estratégias lexicais (tais como repetição, substituição de palavras, sinonímia, elipse) não interfere no uso de pontuação, nem parece poder enquadrar-se nas descrições dos gramáticos. O mesmo não se dá com as estratégias no nível sintático.

As relações coesivas podem manifestar-se através de processos de estruturação intra- ou inter-sentenciais. Dentre as manifestações neste nível, focalizamos a organização de constituintes oracionais contíguos. Cada fator, dentre os oito propostos como variáveis independentes, é visto por uma perspectiva coesiva catafórica em relação ao sinal de pontuação empregado: é previsível a ocorrência do sinal *S* se o ambiente subsequente — isto é, o ambiente à direita — apresenta a característica representada pelo fator *y*.

Para a avaliação da hipótese acerca da passagem do tempo sobre os textos, somamos ainda dois outros fatores aos sete acima, referentes, respectivamente, às datas de redação e de publicação.

No *Quadro 7* listam-se os fatores propostos como variáveis independentes para este estudo, que justificaremos a seguir.

C2:

I. CONTEXTO COESIVO À DIREITA:

- 1.1. Método de coesão oracional;
- 1.2. Conjunção;
- 1.3. Oração completa ou retomada de oração suspensa
- 1.4. Caso o que se siga ao sinal seja uma oração completa:
 - 1.4.1. classificação da subordinada;
 - 1.4.2. indicação do tipo de verbo que ela apresenta;
 - 1.4.3. no caso de oração subordinada, indicação de ser ou não subordinada a outra subordinada;
 - 1.4.4. posição da subordinada em relação à principal.

II. CONTEXTO TEMPORAL

Datação da edição valentiniana.

Preparação para o prelo

Quadro 7. Variáveis independentes

5.3.1. Método de coesão oracional.

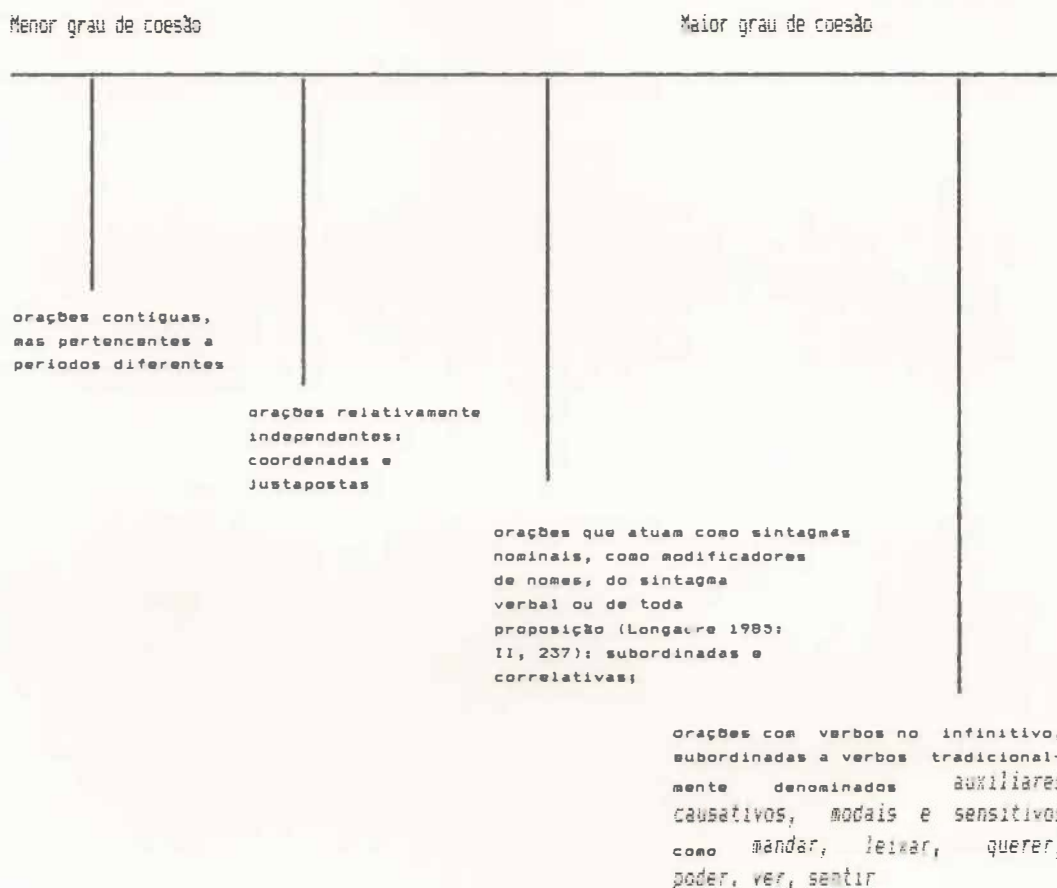
Entendemos por *método de coesão* o modo como orações são reunidas na formação de uma sentença complexa. Para focalizar o método de coesão, partimos da classificação tradicional (*cf.*, por

5. Procedimentos de análise

exemplo, Lima 1957) em *subordinação*, *correlação*, *justaposição*, *coordenação*.

5.3.1.1. Em causa, o pressuposto de que orações em sequência podem apresentar diferentes graus de coesão entre si, como resultado do processo sintático que as relaciona (e estamos aqui adaptando Longacre (1985: II, 239-40)). Nos extremos de uma escala de coesão, a fronteira menos coesa está entre períodos distintos, uma vez que os elementos de um período não necessariamente pressupõem a presença de determinados elementos no outro; a mais coesa, entre um verbo transitivo flexionado, cujo complemento é um verbo em forma não-finita, por vezes classificados como *locução verbal*. Entre esses dois extremos, estão fronteiras entre orações relativamente independentes, *i.e.*, entre orações que podem sozinhas constituir enunciado; entre orações em que uma funciona como termo de outra; entre um par em que se expressa uma implicação, em que a primeira oração do par é vista como condição suficiente para o que é enunciado na segunda. Teríamos, portanto, do ponto de vista coesivo, quatro grupos de fronteiras, que esquematizamos no quadro a seguir.

5. Procedimentos de análise



Quadro 8. Fronteiras oracionais e grau de coesão entre elas.

Os períodos formados quer por subordinação, quer por correlação constituem-se em unidades com componentes em relação não-simétrica, uma vez que um deles é parte ou constituinte do outro (Quirk *et alii* 1972: 720). Lidar com esses componentes como

5. Procedimentos de análise

uma unidade de composição semelhante à oração simples, não pontuada no seu interior, ou como duas unidades complexas deixava em aberto a questão de pontuar ou não seu interior. Focalizaremos as *subordinadas* mais adiante, quando tratarmos dos grupos a elas dedicados. Tais grupos procuraram analisar a influência que diferentes características dessas orações tiveram sobre a pontuação.

Guardamos a denominação *oração principal* para a subordinação e para a prótase da correlação. A *principal* em posição inicial [como em (5.6)] deveria estar antecedida de *cólon*, porque começava uma unidade de sentido completo:

- 5.6 [...] como he seguido, Ia saberees como fomos
 em companhia Ieronimo adorno & eu ao Cayro.
 (CG. fol. 96)

Para a *correlação*, tipo especial de subordinação, em que a primeira parte da construção sintática, a *prótase*, prepara a segunda parte, ou *apódose* (Câmara Jr. [s.d.]: 129), ambas marcadas por elementos específicos⁷⁸, o *cólon* precedia a prótase,

⁷⁸ Por essa razão classificamos como correlação, não como subordinação, exemplos como (a), embora classificássemos como subordinação exemplos como os apresentados em (b-c), em que apenas uma oração é introduzida por um conectivo específico:

- (a) @E se pella ventura sentir chagas depois de dormir:
 emtõ ha de menuyr o sangue em a parte crucifixa que
 he a parte cõtrayra (RP. fol. [b4])

5. Procedimentos de análise

mas parecia preceder a apódose sob restrições, que aparentemente dependiam do conectivo específico que a iniciava. Conectivos cuja função era a de enfatizar o subordinante presente na primeira oração estavam, em geral, precedidos por pontuação. Por exemplo, para os *correlatos enfáticos* [como, em (5.7.a-b), o par *ajnda que...porem* - cf. Said Ali 1921-3: 223], em que a apódose é introduzida por um conectivo aparentemente opcional, encontrávamos o *cólon*. Mas era baixa a probabilidade de pontuação para os casos não-enfáticos, em que a correlação fosse *consecutiva*, como (5.7.e), ou *comparativa*, como (5.7.c). Excetuados, novamente, os casos em que elementos específicos introduziam as orações (como *assi...assi*, em 5.7.d)⁷⁹.

- 5.7. a. ACerca do nosso fortunado viagem, *ajnda que me renoue door reprimado, porem* por satisfazer a vossa requesta *vos contarey* como he seguido.
(CG. fol. 96)

(b) @E se apostema for em o pescoço. seja sangrado em a vee cephalica [....] (RP. fol. [b3v])

(c) Empero diz auçena que se homem quiser dormir ha de beber hũa bõa vez de vinho boõ ou bõa çerueja. (RP. fol.[b2v]).

⁷⁹ Em dois exemplos não pertencentes ao *corpus* encontramos coma:

@E se pella ventura sentir chagas despois de dormir: entom ha de menuyr o sangue em a parte crucifixa [....]. @E se aparecer apostema debayxo do braço direyto: entom faça se como dito he do braço esquerdo (RP. fol. [b4]).

5. Procedimentos de análise

- b. ...a noite de sam Ioham euangelista. *E ainda que por mingoa de religiosos nom recebesse os sacramentos de ygreja, **porem** em tanta contriçam & paciencia. & pella sua boa vida que senpre teue som certo que deus tem a sua alma.*
(CG. fol. 97)
- c. Em fim do dito tempo chegamos a Adem lugar de mouros de grandissimo traffego. *E ho senhor daquelle lugar he **tanto** justo & boõ — **que** nenhuu outro infiel creo ha hy a elle par.*
(CG. fol. 96)
- d. mais nõ praza a deus tal ensinamento. *Ca **assy** como a menyra que perde a virgiindade nom he toda entrega. **assi** he vaõ ho ensinamento onde nom som tolheyto todollos maaos costumes [...]*
(AAptlos. fol. 111)
- e. [...]. bem me podera contentar. *& **em maneira** ficara — **que** de meus yguaaes escusara sua ajuda.*
(CG. fol. 93)

Justaposição refere, neste trabalho, o processo sintático em que orações são colocadas lado a lado, sem conjunção, funcionando uma delas em relação à outra como adjunto adverbial (como em "Saí há duas horas"), ou como objeto direto (como em "Foi uma loucura, observou a testemunha"), ou como aposto (como em "Fiz de tudo: *telefonei-lhe; mandei-lhe telegramas; fui lá pessoalmente*"), ou como um parênteses [como em "& ysso mesmo toma chantagem & siligem (*vay te ao boticayro*) & pisa todo muyto bem" RP. fol. [b4v]]. Na justaposição, no *corpus* restrita ao discurso direto, se a citação funcionava como objeto de um verbo *dicendi*,

assinalava também que o narrador cedera voz a um outro personagem e que a oração podia, portanto, sozinha constituir enunciado; por conseguinte, essa oração mantinha uma certa independência em relação à oração com o verbo *dicendi*. Consequentemente, podia prever-se que tanto a oração que apresentava o verbo *dicendi* (ou em que ele estava subentendido) como a que apresentava a citação estivessem antecedidas de *cólon*. Exemplificamos em (5.8):

- 5.8 a. [...] na tua entrada, *E respondeu lhes joseph,*
Paz seja com vosco todos.
 (AAptlos. fol. 10)
- b. [...] & non deixaria por nenhuma guisa de o
 adorar dos *jdollos.* *Respondeo jacob & disse,*
senhor tornaue vos para roma [...]
 (Vesp. fol. [a6^v-a7])
- c. & porem muyta defferença ha a ygreja dagora em
 este maa tempo aa daquelle estado em que
 primeiro foy. *Onde jeronimo.* *A ygreja de christo*
primeiramente nasceo & cresceo per perseguições
& depois [...]
 (VC.II, fol. 43)
- d. Disserom os *dicipollos* a *christo.* senhor ensyna
 nos a orar.
 (Cath. fol. 12)

Para a coordenação, em que os elementos têm *status* e função equivalentes (Quirk *et alii.* 1980: 720), a relativa independência entre as orações dá mais espaço ao escritor para decidir o que

5. Procedimentos de análise

deve "estar junto", constituindo ou não uma única unidade⁽⁸⁰⁾.

Essa relativa independência (isto é, o *sentido completo* ou que *parece completo*) fazia prever que as *coordenadas* estivessem precedidas por *cólon*. Mas isto na dependência: (a) no caso de *coordenadas aditivas*, de uma leitura não-distributiva [como em (5.9.a)], isto é, em que a segunda parte da coordenação não se incluísse no escopo de um elemento enunciado anteriormente [como em *prover, esguardar*, ambos no âmbito de *cuydado & lembrança* em (5.9.b)]; ou (b) de conectivos específicos [como em (5.9.c)], dos quais trataremos na secção seguinte:

- 5.9. a. Porque assi como a justiça he a causa mais principal por que com a graça de deus nestes regnos *per elle regnamos*, & a ela sobre todas las cousas deste mundo tenhamos por yssso mayor obrigaçam.
(OrdVF. I, fol.1)
- b. E sobre yssso caridoso & de piadosa condiçam. com que *sempre tenha cuydado & grande lembrança de proveer* — & *esguardar pollo boõ despacho das partes*.
(OrdVF. I, fol. [1v])
- c. [...] mas cada huũ delles segundo seu costume tantas mulheres pode auer *per* conto quantas possa manteer. *Empero* a primeira mulher he chamada a mais principal & a mais honrrada.
(MP. fol. [20v])

⁸⁰ Essa questão, que nos leva de volta ao problema da delimitação da sentença, foi posto nos seguintes termos por Longacre (1985: II, 239): "Furthermore, the decision to opt for one sentence or two when *and* and *but* are involved is sometimes delicate, if not arbitrary".

O comportamento dos diferentes tipos de formação de sentenças complexas quanto à pontuação, como decorrência de nossa interpretação das gramáticas latinas, fazia prever dois grandes grupos de orações: (a) o das *orações relativamente independentes*, isto é, aquelas que podem ser tomadas como unidades de sentido completo, e neste caso estão as *coordenadas*, as *justapostas* e as *principais*; e (b) o das *orações dependentes*, ou de sentido incompleto, formadas pelas *subordinadas* e *correlatas*.

5.3.2. Conjunção

As gramáticas da Antiguidade compreenderam a conjunção como a "parte do discurso que une e organiza a sentença"⁸¹ [nossa tradução] (Baratin 1989: 48). Assim definida, a conjunção equivale à própria *função conjuntiva* ou *coesiva* [Baratin (1989: 19)] e constitui-se numa das marcas explícitas daquilo que, segundo Aristóteles, caracterizou a *Ilíada* como um texto: a coesão (*id. et ibid.*). Embora vaga, a definição acima focaliza na conjunção o aspecto que nos interessa: mais do que caracterizá-la como uma categoria gramatical invariável, com um elenco de nuances de significado, essa definição caracteriza a conjunção como uma classe que cria enunciados complexos.

⁸¹ "Coniunctio est pars orationis conectens ordinansque sententiam."

5. Procedimentos de análise

5.3.2.1. Para codificar este grupo, tomamos por base três dos quatro critérios de análise da gramática latina: *adição*, *subtração* e *permuta* (ver, a este respeito, Baratin 1989). No tocante às conjunções, esses critérios permitem postular três grupos de conjunções, respectivamente, as conjunções *copulativa*, *disjuntivas* e *causais/rationais*. Cabe notar que classificação semelhante ainda é utilizada por Pedro Rombo, contemporâneo de Fernandes⁸².

A *copulativa* estabelece uma relação cumulativa entre dois ou mais elementos equivalentes ($A + B = B + A$), não hierarquizados. Inclui aqui apenas a conjunção *E* (*grafada quer como E, quer como o sinal tironiano*). Mas subdividimo-la em duas classes, que denominamos, respectivamente, *e distributivo* e *e não-distributivo*. Isto porque, a partir do comportamento da pontuação com *E* em seqüências não-oracionais, resolvemos observar se o sinal empregado diante de oração coordenada aditiva era influenciado por uma relação não-distributiva entre os elementos em conjunção. Em outras palavras: parecia ser negativa a influência para a pontuação do contexto que antecedia *E* quando o escopo de um elemento se estendia a todos os elementos em coordenação e um termo parecia estar elíptico para parte dos termos em coordenação,

⁸² Rombo (1487: fol. d2v) classifica as conjunções em: copulativas, disjuntivas, causais, completivas, condicionais, racionais, expletivas, adversativas. Nenhuma delas é definida: para cada uma há uma lista das que assim podem ser classificadas.

5. Procedimentos de análise

à exceção de um deles. E, se pontuação fosse empregada (e isto apenas nos textos com *cólon* e *coma*), seria uma *coma*, como ilustrado em (5.10 a-b), com os dois exemplos que encontramos. A exceção era feita à presença de vários níveis de conjunção [como em (5.10 c)]. Não havendo uma leitura distributiva (5.10 d-e), esse ambiente parecia favorecer *cólon*⁸³ e até mesmo a conjunção aditiva poderia estar grafada com maiúscula:

- 5.10 a. Item per esta meesma causa se euite & esquive: todo ho inchamento do ventre que veem per muyto comer.
(RP. fol. a5) - isto é, para todo x, (i) e (ii) são verdadeiros:
(i) x evite [todo o inchamento do ventre]
E
(ii) x esquive [todo o inchamento do ventre]
- b. por tal que mereçamos todos seer guardados dos nossos jmiijos visiuees: & do falso testemunho.
(Vesp. fol. f5) - isto é, para todo x (i) e (ii) são verdadeiros:
(i) todo x mereça ser guardado [dos inimigos visíveis]
E
(ii) todo x mereça ser guardado [do falso testemunho]
- c. (E assi de grao em grao promoue todollos outros 2(____ & da lhes 3(4(5(vasos de ouro _ & de prata) 6(7(8(& tauoas 9(de priuilegios _ & de merçees 10(douro _ & de prata) 11(12(13(14(15(16(17(18(19(20(21(22(23(24(25(26(27(28(29(30(31(32(33(34(35(36(37(38(39(40(41(42(43(44(45(46(47(48(49(50(51(52(53(54(55(56(57(58(59(60(61(62(63(64(65(66(67(68(69(70(71(72(73(74(75(76(77(78(79(80(81(82(83(84(85(86(87(88(89(90(91(92(93(94(95(96(97(98(99(100(101(102(103(104(105(106(107(108(109(110(111(112(113(114(115(116(117(118(119(120(121(122(123(124(125(126(127(128(129(130(131(132(133(134(135(136(137(138(139(140(141(142(143(144(145(146(147(148(149(150(151(152(153(154(155(156(157(158(159(160(161(162(163(164(165(166(167(168(169(170(171(172(173(174(175(176(177(178(179(180(181(182(183(184(185(186(187(188(189(190(191(192(193(194(195(196(197(198(199(200(201(202(203(204(205(206(207(208(209(210(211(212(213(214(215(216(217(218(219(220(221(222(223(224(225(226(227(228(229(230(231(232(233(234(235(236(237(238(239(240(241(242(243(244(245(246(247(248(249(250(251(252(253(254(255(256(257(258(259(260(261(262(263(264(265(266(267(268(269(270(271(272(273(274(275(276(277(278(279(280(281(282(283(284(285(286(287(288(289(290(291(292(293(294(295(296(297(298(299(300(301(302(303(304(305(306(307(308(309(310(311(312(313(314(315(316(317(318(319(320(321(322(323(324(325(326(327(328(329(330(331(332(333(334(335(336(337(338(339(340(341(342(343(344(345(346(347(348(349(350(351(352(353(354(355(356(357(358(359(360(361(362(363(364(365(366(367(368(369(370(371(372(373(374(375(376(377(378(379(380(381(382(383(384(385(386(387(388(389(390(391(392(393(394(395(396(397(398(399(400(401(402(403(404(405(406(407(408(409(410(411(412(413(414(415(416(417(418(419(420(421(422(423(424(425(426(427(428(429(430(431(432(433(434(435(436(437(438(439(440(441(442(443(444(445(446(447(448(449(450(451(452(453(454(455(456(457(458(459(460(461(462(463(464(465(466(467(468(469(470(471(472(473(474(475(476(477(478(479(480(481(482(483(484(485(486(487(488(489(490(491(492(493(494(495(496(497(498(499(500(501(502(503(504(505(506(507(508(509(510(511(512(513(514(515(516(517(518(519(520(521(522(523(524(525(526(527(528(529(530(531(532(533(534(535(536(537(538(539(540(541(542(543(544(545(546(547(548(549(550(551(552(553(554(555(556(557(558(559(560(561(562(563(564(565(566(567(568(569(570(571(572(573(574(575(576(577(578(579(580(581(582(583(584(585(586(587(588(589(590(591(592(593(594(595(596(597(598(599(600(601(602(603(604(605(606(607(608(609(610(611(612(613(614(615(616(617(618(619(620(621(622(623(624(625(626(627(628(629(630(631(632(633(634(635(636(637(638(639(640(641(642(643(644(645(646(647(648(649(650(651(652(653(654(655(656(657(658(659(660(661(662(663(664(665(666(667(668(669(670(671(672(673(674(675(676(677(678(679(680(681(682(683(684(685(686(687(688(689(690(691(692(693(694(695(696(697(698(699(700(701(702(703(704(705(706(707(708(709(710(711(712(713(714(715(716(717(718(719(720(721(722(723(724(725(726(727(728(729(730(731(732(733(734(735(736(737(738(739(740(741(742(743(744(745(746(747(748(749(750(751(752(753(754(755(756(757(758(759(760(761(762(763(764(765(766(767(768(769(770(771(772(773(774(775(776(777(778(779(780(781(782(783(784(785(786(787(788(789(790(791(792(793(794(795(796(797(798(799(800(801(802(803(804(805(806(807(808(809(810(811(812(813(814(815(816(817(818(819(820(821(822(823(824(825(826(827(828(829(830(831(832(833(834(835(836(837(838(839(840(841(842(843(844(845(846(847(848(849(850(851(852(853(854(855(856(857(858(859(860(861(862(863(864(865(866(867(868(869(870(871(872(873(874(875(876(877(878(879(880(881(882(883(884(885(886(887(888(889(890(891(892(893(894(895(896(897(898(899(900(901(902(903(904(905(906(907(908(909(910(911(912(913(914(915(916(917(918(919(920(921(922(923(924(925(926(927(928(929(930(931(932(933(934(935(936(937(938(939(940(941(942(943(944(945(946(947(948(949(950(951(952(953(954(955(956(957(958(959(960(961(962(963(964(965(966(967(968(969(970(971(972(973(974(975(976(977(978(979(980(981(982(983(984(985(986(987(988(989(990(991(992(993(994(995(996(997(998(999(1000(1001(1002(1003(1004(1005(1006(1007(1008(1009(1010(1011(1012(1013(1014(1015(1016(1017(1018(1019(1020(1021(1022(1023(1024(1025(1026(1027(1028(1029(1030(1031(1032(1033(1034(1035(1036(1037(1038(1039(1040(1041(1042(1043(1044(1045(1046(1047(1048(1049(1050(1051(1052(1053(1054(1055(1056(1057(1058(1059(1060(1061(1062(1063(1064(1065(1066(1067(1068(1069(1070(1071(1072(1073(1074(1075(1076(1077(1078(1079(1080(1081(1082(1083(1084(1085(1086(1087(1088(1089(1090(1091(1092(1093(1094(1095(1096(1097(1098(1099(1100(1101(1102(1103(1104(1105(1106(1107(1108(1109(1110(1111(1112(1113(1114(1115(1116(1117(1118(1119(1120(1121(1122(1123(1124(1125(1126(1127(1128(1129(1130(1131(1132(1133(1134(1135(1136(1137(1138(1139(1140(1141(1142(1143(1144(1145(1146(1147(1148(1149(1150(1151(1152(1153(1154(1155(1156(1157(1158(1159(1160(1161(1162(1163(1164(1165(1166(1167(1168(1169(1170(1171(1172(1173(1174(1175(1176(1177(1178(1179(1180(1181(1182(1183(1184(1185(1186(1187(1188(1189(1190(1191(1192(1193(1194(1195(1196(1197(1198(1199(1200(1201(1202(1203(1204(1205(1206(1207(1208(1209(1210(1211(1212(1213(1214(1215(1216(1217(1218(1219(1220(1221(1222(1223(1224(1225(1226(1227(1228(1229(1230(1231(1232(1233(1234(1235(1236(1237(1238(1239(1240(1241(1242(1243(1244(1245(1246(1247(1248(1249(1250(1251(1252(1253(1254(1255(1256(1257(1258(1259(1260(1261(1262(1263(1264(1265(1266(1267(1268(1269(1270(1271(1272(1273(1274(1275(1276(1277(1278(1279(1280(1281(1282(1283(1284(1285(1286(1287(1288(1289(1290(1291(1292(1293(1294(1295(1296(1297(1298(1299(1300(1301(1302(1303(1304(1305(1306(1307(1308(1309(1310(1311(1312(1313(1314(1315(1316(1317(1318(1319(1320(1321(1322(1323(1324(1325(1326(1327(1328(1329(1330(1331(1332(1333(1334(1335(1336(1337(1338(1339(1340(1341(1342(1343(1344(1345(1346(1347(1348(1349(1350(1351(1352(1353(1354(1355(1356(1357(1358(1359(1360(1361(1362(1363(1364(1365(1366(1367(1368(1369(1370(1371(1372(1373(1374(1375(1376(1377(1378(1379(1380(1381(1382(1383(1384(1385(1386(1387(1388(1389(1390(1391(1392(1393(1394(1395(1396(1397(1398(1399(1400(1401(1402(1403(1404(1405(1406(1407(1408(1409(1410(1411(1412(1413(1414(1415(1416(1417(1418(1419(1420(1421(1422(1423(1424(1425(1426(1427(1428(1429(1430(1431(1432(1433(1434(1435(1436(1437(1438(1439(1440(1441(1442(1443(1444(1445(1446(1447(1448(1449(1450(1451(1452(1453(1454(1455(1456(1457(1458(1459(1460(1461(1462(1463(1464(1465(1466(1467(1468(1469(1470(1471(1472(1473(1474(1475(1476(1477(1478(1479(1480(1481(1482(1483(1484(1485(1486(1487(1488(1489(1490(1491(1492(1493(1494(1495(1496(1497(1498(1499(1500(1501(1502(1503(1504(1505(1506(1507(1508(1509(1510(1511(1512(1513(1514(1515(1516(1517(1518(1519(1520(1521(1522(1523(1524(1525(1526(1527(1528(1529(1530(1531(1532(1533(1534(1535(1536(1537(1538(1539(1540(1541(1542(1543(1544(1545(1546(1547(1548(1549(1550(1551(1552(1553(1554(1555(1556(1557(1558(1559(1560(1561(1562(1563(1564(1565(1566(1567(1568(1569(1570(1571(1572(1573(1574(1575(1576(1577(1578(1579(1580(1581(1582(1583(1584(1585(1586(1587(1588(1589(1590(1591(1592(1593(1594(1595(1596(1597(1598(1599(1600(1601(1602(1603(1604(1605(1606(1607(1608(1609(1610(1611(1612(1613(1614(1615(1616(1617(1618(1619(1620(1621(1622(1623(1624(1625(1626(1627(1628(1629(1630(1631(1632(1633(1634(1635(1636(1637(1638(1639(1640(1641(1642(1643(1644(1645(1646(1647(1648(1649(1650(1651(1652(1653(1654(1655(1656(1657(1658(1659(1660(1661(1662(1663(1664(1665(1666(1667(1668(1669(1670(1671(1672(1673(1674(1675(1676(1677(1678(1679(1680(1681(1682(1683(1684(1685(1686(1687(1688(1689(1690(1691(1692(1693(1694(1695(1696(1697(1698(1699(1700(1701(1702(1703(1704(1705(1706(1707(1708(1709(1710(1711(1712(1713(1714(1715(1716(1717(1718(1719(1720(1721(1722(1723(1724(1725(1726(1727(1728(1729(1730(1731(1732(1733(1734(1735(1736(1737(1738(1739(1740(1741(1742(1743(1744(1745(1746(1747(1748(1749(1750(1751(1752(1753(1754(1755(1756(1757(1758(1759(1760(1761(1762(1763(1764(1765(1766(1767(1768(1769(1770(1771(1772(1773(1774(1775(1776(1777(1778(1779(1780(1781(1782(1783(1784(1785(1786(1787(1788(1789(1790(1791(1792(1793(1794(1795(1796(1797(1798(1799(1800(1801(1802(1803(1804(1805(1806(1807(1808(1809(1810(1811(1812(1813(1814(1815(1816(1817(1818(1819(1820(1821(1822(1823(1824(1825(1826(1827(1828(1829(1830(1831(1832(1833(1834(1835(1836(1837(1838(1839(1840(1841(1842(1843(1844(1845(1846(1847(1848(1849(1850(1851(1852(1853(1854(1855(1856(1857(1858(1859(1860(1861(1862(1863(1864(1865(1866(1867(1868(1869(1870(1871(1872(1873(1874(1875(1876(1877(1878(1879(1880(1881(1882(1883(1884(1885(1886(1887(1888(1889(1890(1891(1892(1893(1894(1895(1896(1897(1898(1899(1900(1901(1902(1903(1904(1905(1906(1907(1908(1909(1910(1911(1912(1913(1914(1915(1916(1917(1918(1919(1920(1921(1922(1923(1924(1925(1926(1927(1928(1929(1930(1931(1932(1933(1934(1935(1936(1937(1938(1939(1940(1941(1942(1943(1944(1945(1946(1947(1948(1949(1950(1951(1952(1953(1954(1955(1956(1957(1958(1959(1960(1961(1962(1963(1964(1965(1966(1967(1968(1969(1970(1971(1972(1973(1974(1975(1976(1977(1978(1979(1980(1981(1982(1983(1984(1985(1986(1987(1988(1989(1990(1991(1992(1993(1994(1995(1996(1997(1998(1999(2000(2001(2002(2003(2004(2005(2006(2007(2008(2009(2010(2011(2012(2013(2014(2015(2016(2017(2018(2019(2020(2021(2022(2023(2024(2025(2026(2027(2028(2029(2030(2031(2032(2033(2034(2035(2036(2037(2038(2039(2040(2041(2042(2043(2044(2045(2046(2047(2048(2049(2050(2051(2052(2053(2054(2055(2056(2057(2058(2059(2060(2061(2062(2063(2064(2065(2066(2067(2068(2069(2070(2071(2072(2073(2074(2075(2076(2077(2078(2079(2080(2081(2082(2083(2084(2085(2086(2087(2088(2089(2090(2091(2092(2093(2094(2095(2096(2097(2098(2099(2100(2101(2102(2103(2104(2105(2106(2107(2108(2109(2110(2111(2112(2113(2114(2115(2116(2117(2118(2119(2120(2121(2122(2123(2124(2125(2126(2127(2128(2129(2130(2131(2132(2133(2134(2135(2136(2137(2138(2139(2140(2141(2142(2143(2144(2145(2146(2147(2148(2149(2150(2151(2152(2153(2154(2155(2156(2157(2158(2159(2160(2161(

5. Procedimentos de análise

- d. [...] por tal que *nom* erremos por pecado de leuiandade. E enuiou o senhor o seu angeo. *scilicet*. gabriel. E esto segundo diz crisostomo fez por tres razões.
(VC. I, fol. [26v])
- e. Nem ficou a virgem sem tribullaçom. porque entendia & vija josep seer toruado. & por esto ella tambem auia toruaçom ou empacho.
(VC. I, fol. [26v])

Isto coincidia com a distinção que Mattos e Silva ([1989]: 656-7) traçara para o que denominou *e encadeador de narrativa* (que, para nós era aquele que não entrava em relação distributiva) e *e aditivo*, que associaria "enunciados ou constituintes do enunciado" (para nós, aquele que, em geral, estaria em relação distributiva)⁸⁴.

O segundo grupo de conjunções é formado pelas *disjuntivas*. As *disjuntivas* integram num grupo a *alternativa ou* e a *aditiva nem*. A base dessa inovação latina face à gramática grega fora assim explicada por Cledonius (*Apud* Baratin 1989: 82):

As copulativas unem as palavras e aquilo que elas significam; as disjuntivas unem as palavras mas desunem o significado. *Ego et tu*, houve

⁸⁴ No códice por ela estudado, os *Dialogos* de São Gregório, o "ele ou encadeador de narrativa [...] sempre se apresenta depois de um ponto iniciando o enunciado. [...] o segundo esse ponto está sempre em maiúscula no códice" (Mattos e Silva [1989]: 857).

5. Procedimentos de análise

a junção das pessoas; *ego aut tu*, houve a separação. [tradução nossa⁽⁸⁵⁾]

As *causais/ racionais* estabelecem uma relação hierarquizada, na medida em que há uma ordem entre os elementos postos em relação pela conjunção que, se invertida, pode alterar o significado da construção (*Ele não veio porque choveu/ Choveu porque ele não veio*). Incluem-se aqui as conjunções que exprimem a causa propriamente dita, ou "causa eficiente" (*causais, explicativas*), o que produz a causa, ou "causa final" (*finalis*), a causa por inferência (*conclusivas*). Basicamente são estes os conectivos que unem as duas partes de um entimema, ou de construções que deixam ambígua a interpretação de uma construção quer como *premissa/conclusão*, quer como *fato/explicação*, isto é, como entimema ou não⁽⁸⁶⁾. Incluem-se aqui ainda as *causais dubitativas*, que reúnem as *condicionais* e as *temporais*. Embora estas também criem uma relação antecedente-conseqüente, apresentam, diferentemente das

⁸⁵ "Copulativus uerba et sensus iungit, disunctivus uerba quidem iungit, sed sensus disiungit. Ego et tu: ecce coniunxit personas; disiunctivus: ego aut tu, separavit."

⁸⁶ Corbett (1971: 78), ao tratar da construção de entimemas, dá como exemplo de uma construção ambígua a frase em (a):

(a) He did not kill his mother because he loved her.

Seria (a) um verdadeiro entimema no caso de equivaler a (b), mas não a um tipo de raciocínio como (c):

(b) Ele amava sua mãe; logo é ridículo sugerir que ele a matou.

(c) Ele não matou sua mãe porque a amava e queria livrá-la de qualquer agonia advinda de sua doença.

5. Procedimentos de análise

primeiras, a possibilidade da incerteza. Por fim, este grupo inclui ainda as *adversativas* e as *concessivas*: as primeiras, ao contrário das segundas, não admitem mudança na ordenação (*q mas p*; **mas q, p*).

5.3.2.2. A partir da compreensão da conjunção como um elemento que explicita a formação de uma construção complexa, independentemente de suas características morfológicas e ainda da organização de um elenco de conjunções do português, podemos procurar entender o porquê da frequência com que alguns conectivos foram precedidos por pontuação. Autores que estudaram o português antigo, como Mattos e Silva [1989], apesar de não estarem voltados para a pontuação, não deixaram de notar a frequência com que ela foi empregada em alguns desses ambientes — embora trabalhassem apenas ou predominantemente com manuscritos e com fases anteriores à época valentiniana. Transcrevemos em (5.11) algumas observações a esse respeito:

- 5.11 a. No manuscrito *o enunciado que precede ergo está sempre marcado pelo ponto*. (Mattos e Silva 1988: 680n - ênfase adicionada)
- b. Há ainda uma indicação secundária, mas importante no manuscrito: *os enunciados introduzidos por ca ocorrem freqüentemente precedidos de ponto* [...]. (Mattos e Silva 1988:691 - ênfase adicionada)

5. Procedimentos de análise

Constatações desse tipo permitem-nos afirmar que nos impressos valentinianos refletiram-se usos ortográficos que se haviam começado a fixar no português ainda na Idade Média, não se constituindo, pois, numa idiossincrasia de uma oficina — fato que vem somar representatividade a este *corpus* específico. E mais: se a frequência com que a pontuação foi utilizada diante desses contextos específicos não dependia de estarmos face a um manuscrito ou a um impresso, como também não identificava o atelier ou oficina tipográfica de que esse material era proveniente, então isto autorizava-nos a suposição de que tais contextos constituíram-se num dos pontos-chave para a compreensão do sistema de pontuação dessa fase. Apresentamos exemplificação para este grupo, tomando como base conjunções específicas, no *Apêndice D*.

5.3.3. Oração completa ou retomada de oração suspensa

A fronteira entre orações pode estabelecer-se: (a) quando a primeira oração do par está concluída, como em (5.12 a.); (b) quando a segunda oração do par está concluída, mas não a primeira, que é, então, retomada (5.12 b.):

- 5.12 a. E pilato & el Rey archileus com toda a gente forom se aas portas da cidade de fora][pera que dessem na hoste do emperador.
(Vesp. fol. c3)
- b. Nom som pallauras de gabriel.⁰¹ [porque ⁰²[quando a saudou:]⁰² ajnda nom auia frui-to.]⁰¹
(Cath. fol. 85r-v)

Se, ao findar uma oração, é retomada uma outra anteriormente suspensa, as partes descontínuas da oração não têm, em isolado, sentido completo. A primeira parte pressupõe, portanto, a presença da segunda.

- 5.13 a. ⁰¹[E esto]⁰¹ ⁰²[segundo diz crisostomo]⁰² ⁰¹[fez por tres razões.]⁰¹
(VC. I, fol. [26v])
- b. ⁰¹[Per huũ mes inteiro]⁰¹ ⁰²[se mester fezer]⁰² ⁰³[. nom comem outra cousa.]⁰³
(MP. fol. [21v])
- c. ⁰¹[mas pella jndustria]⁰¹ ⁰²[que vossa real magestade: a ello tem dada per publicaçam do sancto euangelho]⁰² ⁰³[: que per ordenança & precepto de christo. a toda creatura deue ser publicado]⁰³ ⁰¹[: a fee catholica do dicto jhesu nosso senhor: per conuersam de muytos princepes & doutros da dicta terra naturaes moradores: tem

*recebido: & cotidianamente recebe acrescenta-
mento muy grande*
(PE. fol. [2v])

Em razão disso, prevíamos uma diferença entre fronteiras em que ocorriam orações incompletas e entre orações completas no tocante à pontuação.

5.3.4. Classificação da subordinada

Uma oração subordinada pode exercer, face à oração principal, as funções que são desempenhadas pelo substantivo, pelo adjetivo e pelo advérbio na oração simples.

A classificação tradicional dos termos da oração os dividiu em *termos essenciais*, cuja presença na oração é obrigatória, *termos integrantes*, que "completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios" (Cunha & Cintra 1985: 135) e *termos acessórios*, "não indispensáveis ao entendimento do enunciado" (Cunha & Cintra 1985: 145) e, portanto, de "natureza acidental" (Lima 1957: 247). Os dois primeiros grupos, que incluem o sujeito, os complementos do verbo e do nome, transformam-se em orações substantivas, quando expandidos em construções complexas; os *termos acessórios* (adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto), em orações adjetivas e adverbiais.

Tal análise equivale a estabelecer um nível de dependência maior para uma oração que funcione como um argumento do verbo da

oração principal do que para uma outra que seja equivalente a um aposto ou a uma condição hipotética em relação à principal, como exemplificado em (5.14).

- 5.14 a. conhecendo depois *que o nojo nenhuũ remedio me daua*. confortado de alguũs homens de bem busquei de ajuntar o nosso
(CG. fol. 97)
- b. ¶ Padre noso *que estas nos ceos sanctificado* seja o teu nomen
(Cath. fol. [12])
- c. [...] saluo de boy nem vaca. Dos quaes *se em aquelles lugares alguũ matasse* nem ferisse seria delles morto
(CG. fol. [96v])

Com este grupo investigamos se o comportamento da pontuação em relação às orações substantivas diferia de seu emprego diante dos outros dois tipos de orações subordinadas.

5.3.5. Verbo da oração

Distinguimos formas verbais finitas (indicativo e subjuntivo) de formas verbais não-finitas (infinitivo, gerúndio e particípio). Em jogo a distinção entre orações desenvolvidas e orações reduzidas.

- 5.15 a. porque *depois dos esposoyros feytos* segundo ja dicto he. cada huũ delles se tornou a morar em sua casa
(WC. I, fol. 26v)
- b. E [*achando* / *que elles & cada huũ delles assi o nom fazem*]. prouerey a yssso com

5. Procedimentos de análise

aquele remedio & emenda como sua alteza
per suas ordenações & meu regimento me
manda
(OrdVF. I, fol. 2)

c. & rogaua ao senhor que teuesse por bem de
poer alguũ remedio
(VC. I, fol. [26v])

A oração reduzida, classificada pela forma não-finita do verbo que exhibe, é, por definição, "uma oração dependente que não se inicia por relativo nem por conjunção subordinativa" (Cunha & Cintra 1985: 594). Não tendo o verbo marcado quanto a tempo ou modo, a oração reduzida pressupõe uma sequência em que haja um verbo em forma finita.

5.3.6. Nível de subordinação

Considerada a subordinada uma oração dependente em relação à principal, restava testar se a pontuação teria diferenciado: (a) uma oração subordinada cuja principal fosse, por sua vez, também uma subordinada; de (b) uma oração subordinada que não dependesse de outra subordinada.

- 5.16 a. Depois nos partimos do dito lugar de Cane
per terra. & caualgamos .vij. jornadas per
aquellas montanhas e desertos[. per que
andou Moyses & o pouco de Israel /. quando
foy lançado per Faraao]
(CG. fol. 96)
- b. Outrosy [se ho filho de alguũ tartaro
morre / que nom teue molher]. & de outro

morre algũa moça que nom teue marido. ho
padre do moço morto da a moça morta por
molher a seu filho.
(MP. I, fol.21)

5.3.7. Posição da subordinada em relação à principal

Classificamos ainda as subordinadas quanto à posição que ocupavam em relação à oração principal. Indicamos, portanto, se antecediam a principal (como em 5.17 a-b), se interrompiam a principal (5.17 c-d) ou se vinham a seguir à principal (5.17 e-f).

- 5.17
- a. E ouue conselho o patrom & marinheiros & mercadores. *veendo o tempo forte*. deliberramos de descarregar em aquelle lugar
(CG. fol. 96v-97)
 - b. Elle doctor & mestre verdadeiro respondeo. *Quando orardes dize.*
¶ Padre noso [....]
(Cath. fol. [12v])
 - c. As outras cousas *de que pode vijr bem & mal*. se deuem pedir com condiçam
(Cath. fol. [12v])
 - d. A segunda por honrra da madre. porque *seendo assy leixada fora* enfamada de torpe sospeita
(WC. I, fol. [26v])
 - e. o trouue em nembrança da promison *feita a dauid de christo*
(WC. I, fol. [26v])
 - f. Portanto per nos & nossos soccessores se deue sempre procurar. *que ho regedor della com aprouadas & muy virtuosas qualidades de sua pessoa. seja sempre pera este officio escolhido*
(OrdVF. fol. 1)

Uma subordinada diante da principal estará dando início a uma sentença complexa. Prevíamos pontuação para esse ambiente. Não prevíamos, porém, que influência as duas outras posições da subordinada em relação à principal poderiam ter sobre a pontuação.

5.3.8. Data da impressão

Os textos foram classificados quanto ao século da impressão, a fim de que pudéssemos observar os dados em relação a uma possível padronização em andamento. Com essa classificação mantivemos a periodização corrente no estudo do Livro Antigo, que distingue os incunábulos, isto é, os textos impressos até 1500, dos demais impressos.

5.3.9. Características do processo de transmissão

Como vimos anteriormente (Cap. 3), o processo de transmissão, numa época que desconheceu os direitos de autor, permitia que cada edição atualizasse lingüisticamente uma obra. Desse modo, a pontuação do último editor deveria sobrepor-se àquelas das versões anteriores. Tinha início, porém, uma nova prática: escrever para editar. Isto levou-nos a postular o último grupo.

Distinguímos os textos em vernáculo diretamente preparados para a impressão daqueles cujo processo de transmissão não visara de início a impressão. Começavam a surgir obras preparadas para

5. Procedimentos de análise

o prelo, sem que houvesse uma fase intermediária de reprodução manuscrita. Nossa hipótese era a de que nestes textos o impressor gozaria de maior liberdade para impor ao texto uma regularização.

5.4. Sumário

Neste capítulo expusemos os fatores que consideramos influentes no emprego da pontuação e os procedimentos para avaliarmos essas hipóteses. Baseamos os fatores lingüísticos propostos em descrições de cunho tradicional porque tais descrições derivam do quadro de análise disponível na época estudada. Resumimos no *Quadro 9*, em seguida, os aspectos que arrolamos para investigar a regularidade na pontuação de impressos.

Dedicamos mais fatores às subordinadas. O comportamento da pontuação diante delas parecia sofrer influências que se sobrepunham e que podiam ser a causa da aparência confusa referida na literatura.

Passamos em seguida aos resultados da análise.

C2:

I. CONTEXTO COESIVO À DIREITA DO SINAL:

- 1.1. Método de coesão oracional: a oração que se segue é:
 - (a) dependente
 - (b) independente
- 1.2. Conjunção: a conjunção que se segue é:
 - (a) copulativa (e distributivo)
 - (b) copulativa (e não-distributivo)
 - (c) disjuntiva
 - (d) causal/ racional
- 1.3. Segue-se ao sinal:
 - (a) uma oração completa
 - (b) a retomada de uma oração suspensa
- 1.4. Caso o que se siga ao sinal seja uma oração completa:
 - 1.4.1. classificação da subordinada
 - (a) substantiva
 - (b) adjetiva
 - (c) adverbial
 - 1.4.2. a forma verbal que ela apresenta é:
 - (a) finita
 - (b) não-finita
 - 1.4.3. no caso de oração subordinada, a oração é:
 - (a) subordinada a outra subordinada
 - (b) subordinada a uma principal
 - 1.4.4. em relação à principal, a subordinada está:
 - (a) anteposta
 - (b) dentro
 - (c) posposta

II. CONTEXTO TEMPORAL

- 2.1. Datação da edição valentiniana
 - (a) século XV
 - (b) século XVI
- 2.2. O texto foi:
 - (a) escrito para ser editado
 - (b) foi transmitido em cópias manuscritas antes de chegar a ser editado

Quadro 9. Especificação dos fatores das variáveis independentes